

GABRIELA FÁTIMA ZARDO

**REPRESENTAÇÕES DE CORPO POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

**Porto Alegre
2015**

GABRIELA FÁTIMA ZARDO

**REPRESENTAÇÕES DE CORPO POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Educação Física da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciada em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

**Porto Alegre
2015**

Gabriela Fátima Zardo

**REPRESENTAÇÕES DE CORPO POR ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE
UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Geraldo Soares Damico – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

AGRADECIMENTOS

O primeiro grande desafio da minha vida foi, com certeza, ter saído da minha cidade natal Cotiporã/RS e conseqüentemente da casa dos meus pais, para vir construir a minha vida em Porto Alegre/RS, uma cidade que é completamente diferente da bucólica Cotiporã, mas que ao mesmo tempo me proporcionou inúmeros aprendizados de vida. Precisei aprender a “me virar” em todos os sentidos, seja na administração do lar, bem como a lutar com mais garra para alcançar os meus objetivos, como a busca pelo meu sonho em passar na UFRGS. O fato de estar longe dos meus pais me tornou além de independente, uma pessoa melhor, pois passei a valorizar tudo aquilo que eles sempre fizeram por mim. Por isso, o meu primeiro agradecimento é para eles: PAI e MÃE, muito obrigada pela educação que vocês me proporcionaram e por me apoiarem sempre! AMO VOCÊS! Mãe, eu sei o quanto tu desejou, torceu e lutou para me ver formada, por isso essa conquista não é só minha é nossa! E apesar de distante, nas intermináveis horas no telefone, sempre acompanhou minha formação, dando conselhos e me ouvindo quando eu mais precisava, não tenho palavras para agradecer, mas saiba que fizeste a diferença em meus dias.

Foram anos de persistência até conseguir ser aprovada na UFRGS, mas todo o esforço valeu a pena, pois quando olho para trás percebo tamanho conhecimento que adquiri e que me tornaram apta a também ensinar, o que somente aos poucos se revelou em uma paixão em minha vida. Desse modo, só tenho a agradecer por todas as bênçãos que tive nesses quatro anos e seis meses de Esec, pois foram anos desafiadores, mas de muito aprendizado. Procurei me empenhar e me dedicar ao máximo, com o intuito de aproveitar cada instante, já que estava ao lado de grandes professores. Todavia, alguns deles me marcaram mais, e são esses exemplos que vou levar comigo sempre. Gratidão em especial ao professor Elisandro, que deu asas novamente ao meu sonho de ser professora e assim concluir a graduação em Educação Física Licenciatura, em um momento em que eu estava quase desistindo da área por não encontrar sentido naquilo que eu estava fazendo. Muito obrigada professor, por ser essa pessoa maravilhosa que faz a diferença na vida dos alunos. Agradeço também pelo carinho, incentivo e apoio de sempre. Seu amor e dedicação pelo que faz me tocaram profundamente e me fizeram enxergar tudo a minha volta com outros olhos. Hoje estou realizada não só

com a conclusão desse trabalho, no qual construímos juntos, mas também por ver novos horizontes após finalizar essa primeira etapa da minha trajetória acadêmica.

Agradeço também as meninas participantes dessa pesquisa, sem elas esse trabalho não seria possível. Estou muito feliz em ter tido a oportunidade de conhecê-las, pois desde as primeiras aulas me senti acolhida e muito a vontade com a turma. Além disso, vocês abraçaram a minha proposta de pesquisa e sempre contribuíram para a realização da mesma, assim o êxito desse trabalho também é graças a essa turma maravilhosa que tive o prazer de ter. Construímos um vínculo muito forte, e com certeza as levarei no meu coração sempre, pois vocês também são responsáveis pela construção da minha formação não só enquanto professora, mas enquanto pessoa. Vocês iluminaram não só esse trabalho, bem como a minha vida nesses últimos meses, dando força para que eu desse meu melhor nas aulas e nessa pesquisa. Gratidão por tudo minhas queridas, vocês foram meu presente de final de curso!

Aos meus colegas de Esef, em especial a Júlia e a barra dos amigos, que sempre estiveram nos bons e maus momentos, do começo ao fim dos semestres, seja na realização de trabalhos, ou até mesmo nas conversas nos “banquinhos” para descontrair, muito obrigada! Guardarei esses momentos em minha memória e levarei vocês para a vida. Agradeço também pela amizade e parceria da Jéssica, bem como de todos aqueles que estiveram comigo no PIBID, Quero-quero e monitoria acadêmica durante esses anos, pois construímos inúmeros aprendizados juntos.

Não poderia deixar de agradecer aquele que esteve em meu lado todos os dias, meu companheiro, amigo, conselheiro, terapeuta e amor maior Fernando, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e me dando força para que eu superasse todos os obstáculos e chegasse com sucesso ao final dessa caminhada. Gratidão Fer, não tenho palavras pra expressar tudo o que tu representa na minha vida. Essa conquista é nossa! Te amo!

Por fim, agradeço também a toda minha família e amigos que de uma maneira ou outra estiveram comigo nesse percurso, acompanhando cada passo e desafio superado. Vocês tornaram meus dias mais leves e coloridos, não me deixando esquecer que as coisas mais simples e verdadeiras da vida são as que nos movem para chegarmos ao final de uma etapa da nossa vida com sorriso no rosto, agradecendo por ter a oportunidade de tamanho aprendizado.

O que prevalece agora é essa maneira nova de sentir a vida.
Essa perspectiva que me faz admirar, incansáveis vezes, antigas
preciosidades.
Essa vontade de bendizer tantas maravilhas.
Esse sentimento de gratidão pelas coisas mais simples que existem.
Esse jeito mais amigo de ouvir meu coração.
O que prevalece agora é essa apreciação mais desperta,
que me permite reinaugurar flores e céus e pessoas no meu olhar.
Essa graça que encontro, de graça, nos detalhes mais singelos.
O que prevalece agora é a confortável suposição de que, por trás de tantas
e habituais nuvens, esse contentamento faz parte da nossa natureza.
Os problemas, os desafios, as limitações, não deixaram de existir. Deixaram
apenas de ocupar o espaço todo.

Ana Jácomo

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender as representações que estudantes de Ensino Médio do sexo feminino de uma escola pública de Porto Alegre/RS constroem acerca do corpo, quais práticas escolares impactam nessas representações, bem como que cuidados tais estudantes têm privilegiado com relação ao mesmo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva, na qual levantei informações a partir de um grupo de discussão e de observações das aulas de Educação Física em uma turma de terceiro ano do ensino médio, composto por meninas. O trabalho de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2015 e as informações obtidas foram processadas por meio da análise de conteúdo. Foi possível compreender que as representações de corpo apresentadas pelas jovens se mostraram heterogêneas e não lineares, pois nem todas as jovens partilham do mesmo pensamento. Do mesmo modo, é possível destacar como cada menina manifesta, a partir da sua subjetividade, características singulares e com isso fica difícil de construir um parâmetro absoluto de como elas compreendem o corpo. As estudantes até podem partilhar de alguns cuidados em comum, mas não podemos afirmar que todas pensam e agem da mesma forma, já que cada uma tem uma forma particular de dar significado, experimentar e descobrir o seu corpo. Vale ressaltar que todas as adolescentes deste estudo estabelecem algum tipo de cuidado com o corpo, embora não estejam necessariamente ligados a uma supervalorização do mesmo. Além disso, parece que as demandas da adolescência, que carrega consigo certa transitoriedade da infância para o mundo adulto, exercem influência também na forma como as jovens cuidam do corpo, já que seus discursos são múltiplos e por vezes ambíguos no sentido de que ainda estão se afirmando e vivenciando diversas formas de cuidados nessa relação com o próprio corpo. As jovens parecem estar muito mais preocupadas com relação aos seus estudos, devido a estarem se preparando para seguirem uma carreira, realizar vestibular, concursos, se preparar para o mercado de trabalho, constituindo-se em demandas que mais tomam seu tempo e energia, que a busca por um suposto corpo ideal. A partir dos relatos das estudantes, é possível destacar também que a temática corpo se mostra invisibilizada na escola, apesar de ser um tema que está muito presente na vida destas jovens. No que diz respeito as aulas de Educação Física, as jovens narram que estas voltam-se especialmente para a atividade física. Dessa forma, o olhar para o corpo, bem como diálogos sobre esse tema, não se faz presente nas aulas de Educação Física desta escola.

Palavras chaves: Corpo. Representações. Estudantes. Educação Física escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.2 OBJETIVOS.....	13
1.2.1 OBJETIVO GERAL	13
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2 REVISAO DE LITERATURA	14
2.1 CORPO.....	14
2.2 REPRESENTAÇÕES DE CORPO.....	17
2.3 REPRESENTAÇÕES DE CORPO NA ESCOLA.....	20
3 METODOLOGIA	26
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO.....	26
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	26
3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES	27
3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES.....	27
3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES.....	29
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	30
4.1 O PARADOXO DO CORPO	30
4.2 "CUIDAR DO MEU CORPO NA MEDIDA EM QUE EU ME SINTO BEM E FELIZ COM ELE" - OS CUIDADOS QUE AS JOVENS PRIVILEGIAM COM RELAÇÃO AO CORPO.....	40
4.3 PRÁTICAS ESCOLARES E SEUS IMPACTOS SOBRE CORPO DE JOVENS ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICES	70
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	70
APÊNDICE B - ROTEIRO DE QUESTÕES DO GRUPO DE DISCUSSÃO	71
APÊNDICE C - PERFIL DO ESTILO DE VIDA INDIVIDUAL (PEVI)	72

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO	74
APÊNDICE E - UNIDADES DE SIGNIFICADO DO GRUPO DE DISCUSSÃO.....	101
APÊNDICES F - FRAGMENTO DO DIÁRIO DE CAMPO	103
APÊNDICES G - UNIDADES DE SIGNIFICADO DOS DIÁRIOS DE CAMPO.....	106

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente quando pensava em meu trabalho de conclusão de curso, tinha a pretensão de investigar algo que estivesse relacionado à obesidade, esse era meu desejo. A ideia então era traçar um perfil motor de crianças obesas. Todavia, quando realizei a primeira reunião com um de meus professores, ele logo me adiantou que não teria como me orientar, pois não é sua linha de pesquisa, mas se eu tivesse interesse em ler alguns artigos sobre obesidade e me interessasse sobre o assunto nós poderíamos voltar a conversar. Desse modo, saí da sua sala muito ansiosa em realizar a leitura daquele material que ele havia me indicado, pois realmente não fazia ideia em como poderia pensar em obesidade de uma forma diferente da que eu tinha até o presente momento. Após ter realizado as leituras de Rigo e Santolin (2012); Rigo e Santolin (2013); Palma et.al (2012) e de Seixas e Birman (2012) – todos artigos relacionados à obesidade – , voltei em sua sala para uma nova reunião, com ideias completamente diferentes daquela que eu havia apresentado para ele em nosso primeiro encontro, pois os artigos me ajudaram a olhar para o tema obesidade de uma forma totalmente diferente da que eu tinha até aquele momento.

Desse modo, fui me aproximando do tema corpo, no qual também está presente a questão do peso do indivíduo, mas que não se limita a isso, como procurei ao longo dessa pesquisa discutir. Dessa forma, este trabalho trata do tema corpo e das representações que estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre/RS constroem acerca do mesmo. O desejo de abordar esse tema se deu frente a esses questionamentos sobre formulações que, comumente, vem sendo publicadas e noticiadas na mídia. Nesse sentido, o tema corpo está cada vez mais recorrente, no qual o mesmo está sendo visto de inúmeras formas, seja como um objeto de consumo, de pesquisa, ou até mesmo como um marcador de classe social. De outro lado, o alarmante parece ser que a subjetividade dos sujeitos tem sido colocada em segundo plano. Além disso, outros discursos contemporâneos associam as formulações sobre corpo a saúde e beleza. Marcadores esses que ditam possíveis caminhos que os sujeitos podem seguir para ter um corpo “magro/saudável”, atendendo assim a determinadas expectativas sociais.

Exemplos disso podem ser observados na forma como a mídia produz estímulos a um determinado modo de ser e estar no mundo, como no caso ocorrido

recentemente com a modelo e apresentadora Andressa Urach, que sofreu complicações e quase veio a óbito devido à operação para retirada de hidrogel¹ nas coxas. Andressa havia passado por procedimentos estéticos há alguns anos e injetado o hidrogel a fim de aumentar o volume das coxas e do bumbum. Esse é só um dos casos, mas costumamos ver quase que diariamente pessoas que se submetem a procedimentos estéticos, colocando a sua saúde em risco. A lipoaspiração, cirurgia estética que retira a gordura localizada do corpo, bem como a cirurgia de implante de silicone, por exemplo, vem tornando-se cada dia mais populares entre homens e mulheres das diversas classes sociais. O que demonstra como a sociedade alimenta cada dia mais, um suposto corpo perfeito.

Além disso, costumamos ver nos meios de comunicação, reportagens sobre modelos que não medem esforços para zelar por sua aparência, muitas delas abdicam da própria saúde, devido às dietas com inúmeras restrições, o que torna, por exemplo, muitas delas anoréxicas. Essa realidade vai para além do mundo das celebridades, todos nós, de maneira direta ou indiretamente, somos afetados por uma suposta adequação aos padrões de beleza que são mais valorizados em nossa sociedade. O que pode exercer impacto tanto na nossa saúde física ou até mesmo na nossa saúde mental, como por exemplo, o que ocorreu com as participantes de um *reality show* que choraram por se acharem gordas e feias após verem ao vivo um

¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/12/entenda-o-que-e-o-hidrogel-e-quais-sao-os-riscos-do-procedimento.html> Acesso em 24 de Junho de 2015. Trata-se de um gel que tem em sua composição 98% de água e 2% de poliamida, utilizado no Brasil desde 2008. O hidrogel é usado para aumento de volume em regiões como o bumbum e as coxas. Também é usado para o preenchimento de linhas e rugas no rosto e no pescoço. A marca mais conhecida de hidrogel, chamada Aqualift, tem registro na Anvisa. Sua colocação é, portanto, um procedimento regulamentado pelas autoridades sanitárias do Brasil. O hidrogel é injetado com uma microcânula sob a pele da área em que o paciente quer aumento de volume. Trata-se de um procedimento cirúrgico feito sob anestesia local e que deve, portanto, ser feito em um centro cirúrgico ou em um estabelecimento que tenha condições de atender possíveis emergências médicas. O profissional habilitado para fazer o procedimento é um médico, de preferência um cirurgião plástico ou um dermatologista com treinamento em técnicas de preenchimento do corpo. O hidrogel é um produto absorvível que fica no organismo por um período que vai de 1,5 a 2 anos, dependendo do local onde é injetado e das características do paciente. O previsto é que, depois desse tempo, o produto seja absorvido pelo próprio organismo e, caso o paciente queira que o volume aumentado continue, é necessário fazer uma nova aplicação. Como o procedimento prevê o depósito de uma grande quantidade de material sob a pele, há risco de o produto ser injetado perto de um vaso e comprimi-lo. Isso pode levar a uma isquemia, ou seja, a uma interrupção do fluxo de sangue, que pode ocasionar uma necrose da pele. Também há risco de o produto comprimir um nervo importante, provocando dores fortes. Outro risco é que o produto seja equivocadamente injetado dentro de um vaso sanguíneo, o que pode levar a uma trombose e à necrose da pele no local. Pode também provocar uma embolia pulmonar ou até cerebral, e levar à morte. O paciente está sujeito ainda a ter hematomas, dores e alergia ao produto. Caso ocorra algum problema, o produto pode ser retirado com uma cirurgia ou usando a técnica da lipoaspiração.

desfile com modelos. Relatando assim o sentimento de desvalorização do próprio corpo, acreditando não estarem dentro desses padrões.

Torna-se importante então refletir sobre tais atitudes e como a mídia nos influencia nessas escolhas. Diariamente somos induzidos a utilizar uma série de produtos *diet* e *light*, suplementos, cosméticos diversos para o corpo, roupas e acessórios, frequentar clubes, academias e *spas* para manter uma aparência jovem e esbelta. Isto por sua vez, depende do nível socioeconômico do sujeito, pois geralmente tais procedimentos e produtos apresentam um custo elevado. O problema então surge para aqueles que estão fora dessa engrenagem, que correm o risco de serem taxados de desleixados e com baixa autoestima. Nesse sentido, Featherstone (1996, *apud* COSTA; VENÂNCIO, 2004, p. 61) afirma:

[...] Desconsideram-se os limites do próprio corpo para torná-lo mais musculoso, viril, sensual, esbelto e jovem. Características de saúde para a mídia. Luta-se por uma inclusão num grupo em que as pessoas detenham tal perfil para trazer-lhes benefícios sociais, pessoais e profissionais, e ainda revelar o nível socioeconômico.

Assim, temos que exercer constantemente um posicionamento crítico frente ao que a mídia nos apresenta sobre saúde e beleza, para não absorver toda essa informação, que é carregada de significados e finalidades, como algo natural. A relevância desse tema está no fato que isso afeta diretamente na forma como nos vemos e nos reconhecemos. Para Costa e Venâncio (2004, p.70) “a singularidade de cada indivíduo não pode ser esquecida, tampouco industrializada e massificada, ‘vendida’ em academias de ginástica, *spas*, clubes e escolas”. O que ocorre é que muitas vezes o próprio professor de Educação Física acaba reforçando essa imagem, quando estimula, por exemplo, o uso de suplementos sem sequer estar ciente se isso é realmente o melhor para seu aluno, ou até mesmo na escola quando cobra do seu aluno mais dedicação nas aulas em prol da “saúde e do corpo em forma”.

Segundo Gonçalves e Azevedo (2007, p.202) “a Educação Física deveria servir para formar, criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro”. Cabe então a nós, professores de Educação Física, trabalhar com nossos alunos as consequências dessa busca por um suposto corpo perfeito, e como podemos encontrar um caminho

para termos mais autoestima e satisfação em relação ao corpo que temos, sem tornar o nosso corpo descartável. Precisamos conceber o corpo para além de um simples objeto que é manipulado diariamente, passando a vê-lo como sujeito, visando que ocorram mudanças significativas nos paradigmas atuais que foram anteriormente discutidos.

Frente a isso, surgiu o questionamento de como a Educação Física pode efetivamente contribuir para que esse tema seja abordado nas escolas, problematizando-o com as estudantes e colaborando para o melhor entendimento e posicionamento das mesmas frente a tais assuntos.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Frente ao apresentado, o problema de pesquisa se constitui nas seguintes questões: **quais representações que estudantes de Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre constroem acerca de corpo e que práticas escolares impactam nessas representações? Quais cuidados essas jovens escolares têm privilegiado?**

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever as representações que estudantes de Ensino Médio de escola pública de Porto Alegre constroem acerca do corpo e compreender que práticas escolares impactam nessas representações.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o que pensam estudantes de Ensino Médio acerca do corpo;
- Compreender que práticas escolares impactam e contribuem para o entendimento de estudantes do Ensino Médio no que diz respeito ao corpo;
- Identificar que cuidados e práticas jovens escolares de Ensino Médio têm privilegiado em relação ao corpo.

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 CORPO

Ao pensarmos sobre corpo, é fundamental discutirmos questões sociais e culturais, até porque ao longo dos séculos ele tem sido, “representado, analisado, discutido, criado e recriado, tem sido alvo de proibições, de tabus” (GARCIA, 1997, p.62). Desse modo, o corpo passa por um constante processo de transformação, “está sempre sendo re/descoberto e re/inventado, e todas as marcas que se inscrevem ou se constroem em torno dele – nas artes, na medicina, na mídia, etc. – são sempre provisórias, características de cada época, cultura ou grupo social” (ANDRADE, 2003, p.124). Por isso, de acordo com Daolio (1995, p.25). “não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e também não podemos imaginar um corpo natural”. Cultura essa que é peculiar de cada sociedade, como por exemplo, para certas culturas mostrar o corpo é comum, enquanto em outras não. Assim também ocorre com rituais de beleza e outros costumes.

A cultura também é modificada dependendo do período histórico, como por exemplo, em séculos anteriores mulheres gordas eram vistas como belas. Atualmente, no século XXI, há um discurso que nos leva a pensar que há um atrelamento da gordura a fatores maléficos. Como argumenta Andrade (2003, p.129), “o corpo ampulheta foi sendo substituído por corpos cada vez mais magros, obedecendo às exigências de rapidez, agilidade e movimento que a vida moderna e o desenvolvimento industrial demandavam”.

Ainda com relação à cultura, Daolio (1995, p.25) afirma que:

O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, através do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões.

Não podemos esquecer que para além da cultura, há outras forças, econômicas e sociais, que estão ligadas a forma de como o corpo é produzido. Se nos pautarmos pela ciência teremos uma representação de corpo, diferente daquela cultural, citada anteriormente, onde prevalece a diversidade das sociedades, com seus marcadores de raça, etnia, classe social, bem como as questões de gênero.

Além disso, o corpo é também um meio para demonstrarmos a nossa identidade, como somos e nos expressamos no mundo. Como aponta Garcia (1997), a nossa ação sobre o corpo implica muitas vezes em sacrifícios, como por exemplo, fazer uma dieta, mutilações, através de cirurgias plásticas e mimetismo, pois queremos imitar o meio que nos envolve. Podemos então dizer que o nosso corpo é “esculpido” através do desejo, seja próprio ou aqueles que incorporamos da sociedade a qual fizemos parte.

Sabemos que as representações de corpo que predominam no século XXI são completamente diferentes do que há séculos atrás. Hoje quando paramos para pensar sobre o corpo, quase que involuntariamente o ligamos a saúde e a beleza. O que gera certo desconforto nas pessoas, pois muitas vezes elas precisam abrir mão de se reconhecerem no próprio corpo para atender as expectativas da sociedade, procurando atingir aos padrões de medidas que são massificados pelos meios de comunicação de massa.

Nesse mesmo sentido, Silva (2001) apresenta um levantamento sobre corpo, relacionado ao remodelamento do mesmo, onde há essa busca por padrões hegemônicos de corpo. A análise foi feita através de um programa “Os povos do mundo” do canal por assinatura *National Geographic* em fevereiro de 1998, no qual apresentava estatísticas relevantes no que diz respeito ao número de cirurgias plásticas realizadas com fins estéticos nos Estados Unidos: somente nos seios o número era de dois milhões por ano (SILVA, 2001).

Tal fato demonstra tamanha insatisfação das mulheres no que se refere as suas medidas naturais. Além disso, esse mesmo programa levantou, através de análise comparativa ao longo de quatro décadas, as medidas do corpo feminino em um concurso de beleza e notou-se uma diminuição nas silhuetas, demonstrando a generalização da estética da magreza. Tal estética aponta a autora, é muito disseminada em nosso país, principalmente se olharmos do ponto de vista da busca por realização pessoal. O que é importante ressaltar é que essa insatisfação com o corpo tem participação por alavancar todo o mercado econômico, seja através da procura por academias, clínicas estéticas, *spas*, programas de televisão, revistas, etc. e estes não são neutros, pois estão direta ou indiretamente pautados pelos conhecimentos produzidos pela ciência, impactando na forma como as pessoas devem ser e viver.

Frente ao apresentado, uma das questões que se pode levantar é a grande mudança sofrida no corpo, como afirma Garcia (1997, p.68), “o corpo deixou de ser algo externo à nossa existência para ser a sede indiscutível dessa existência”. Tamanha à importância que atualmente são dadas as formas do corpo e a tudo aquilo que se possa relacionar à saúde. Como aponta Andrade (2003, p.124):

No decorrer do século XX, a imagem do que é saúde e do que é beleza sofre um deslocamento em relação a conceitos de períodos anteriores. A conquista de um corpo saudável e belo passa a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, envolvendo força de vontade, restrição e vigilância constantes.

Mas para que possamos entender essas mudanças que ocorreram no corpo, precisamos analisá-lo ao longo do tempo. É através do corpo que o ser humano se relaciona com o todo a sua volta. “O meio ambiente, o entorno humano é, ele próprio, inseparavelmente Natureza e Sociedade, assim como o ser humano o é” (SILVA, 2001, p. 37). E é essa relação, em especial com a natureza, que “ditava” as ações humanas até o século XIII. Com o surgimento das primeiras dissecações do corpo humano, no século XIV, com fins científicos e de investigação de assassinatos, o corpo passa a ser visto individualmente, e não mais ligado à natureza, alterando significativamente a visão de ser humano e de mundo. Segundo Silva (2001, p.12):

A transformação do corpo em algo que pode ser conhecido e mensurável é, também, sua transformação em algo que pode ser dominado. A dessacralização do corpo aponta para sua ambiguidade no interior da cultura ocidental: é importante enquanto fonte de experiência, mas é, também, o corpo que se desvaloriza na medida em que se pode mexer nele e alterá-lo. É, talvez, aqui que se pode localizar o início do corpo como construção humana, gênese que chega ao seu auge, atualmente, com a engenharia genética e a medicina estética.

Ao difundir a ideia de corpo com respaldo científico, diminui-se a autonomia dos seres humanos, que se tornam inerentes ao conhecimento que é produzido principalmente pela ciência e medicina, e, que de certo modo, nos pauta o que é “normal” e que devemos seguir. De modo geral, a sociedade segue tais indicações sem questionar, acreditando ser fundamental para que possamos avançar, progredir. Desse modo, é fundamental que os estudos nessa área levem em consideração o corpo como um fenômeno cultural, não deixando de lado as

subjetividades carregadas pelo ser humano em detrimento da racionalidade. Como afirma Silva (2001, p. 36):

As formas de ser saudável podem ser muitas e tão diferentes como os modos de ser Humano. Os estudos comparativos necessitariam considerar, entre outras coisas, que as classificações do Humano são sempre estruturadas a partir de critérios de valor e tendem a uma homogeneidade que é impossível no cotidiano que se mostra caótico; mais do que isso, é indesejável, por significar um empobrecimento das características humanas e de suas possibilidades de ação.

Na ânsia por verificar as questões que dizem respeito à forma física e a composição do corpo, bem como seu desempenho, a Educação Física, através da medicina do esporte, também tem impactado nesse processo de transformação ao qual o corpo vem sendo submetido, e almejando a saúde da população vem propondo, através de tabelas normativas de peso e altura, os padrões ideais que os indivíduos devem possuir para serem ditos “saudáveis”. Desconsiderando as peculiaridades de cada indivíduo, acaba-se criando os valores de referência a qual devemos nos adequar. Do contrário, devemos nos preocupar seriamente com a nossa saúde e nos culpar por isso.

Desse modo, é possível pensar que o corpo vem sendo reduzido a um mero objeto, visto com lentes que querem apenas esclarecer de maneira racional como as coisas acontecem e não o porquê elas acontecem. Com isso, tornamos o corpo mais vulnerável a ser reconhecido de uma forma moralista ao invés de reconhecermos toda a diversidade existente nele, refletindo o período histórico e a cultura atual na qual estamos inseridos.

2.2 REPRESENTAÇÕES DE CORPO

Na sessão anterior procurei evidenciar a noção de corpo como uma construção social e que é atravessada pela cultura. Nessa seção tratarei de apresentar como que esse corpo manifesta esses diferentes atravessamentos da cultura, através da noção de representações.

Representação diz respeito a um processo de construção da realidade onde atribuímos significado as práticas, fenômenos, objetos e situações para que possamos viver nesse mundo. Desse modo, a sociedade se organiza através de um

sistema de significação, onde os indivíduos precisam se identificar com aquilo que é produzido para que tenha sentido para os mesmos. Frente ao apresentado, Hall (1997, *apud* SANTI 2008, p.2) aponta que:

É através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do cotidiano.

Nesse sentido, a cultura é quem irá influenciar as particularidades, os códigos de cada sociedade e assim produzir os sujeitos, valorizando, por exemplo, determinados corpos e ignorando outros. Com isso, segundo Rodrigues (1986), a representação social do corpo é que irá oferecer uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade específica. Podemos então pensar nos pequenos grupos, como por exemplo, nos grupos de corrida, onde para ser “aceito” por esse grupo há que se adequar a determinadas condutas do mesmo, seja no perfil de corpo que favoreça a biomecânica da corrida, nos hábitos alimentares dos corredores, nas roupas específicas que são utilizadas para a prática, na participação em maratonas, enfim, uma série de fatores que estão atrelados com as representações desse grupo específico.

Ainda falando sobre pequenos grupos, certo dia eu estava no ônibus e duas mulheres sentadas no banco atrás do meu falavam sobre um rapaz que estava com o rosto todo tatuado. O que me chamou atenção foi a fala de uma delas: “- se um faz, os outros querem fazer também”. Argumentavam que esse rapaz poderia ter feito a tatuagem, pois viu em alguém, aquilo produziu algum significado para si e assim ele decidiu fazer a tatuagem. Do mesmo modo, podemos supor que ele fez a tatuagem para fazer parte de um grupo cuja característica é de que as pessoas estejam tatuadas. Por outro lado podemos pensar no grande grupo, na sociedade em geral, onde para estar inserido também é preciso se adequar aos comportamentos que ali são produzidos.

Desse modo, como discutido anteriormente, as representações de corpo é uma das formas dos indivíduos acessarem essa sociedade. As mulheres, por exemplo, com o passar do tempo foram assumindo funções no mercado de trabalho que exigiram dela um corpo mais resistente, flexível, para suportar além das tarefas profissionais, as tarefas do lar, como o cuidado com a casa e a família. Todas essas

transformações impactaram diretamente nas representações de corpo das mulheres brasileiras e na forma como as mesmas passaram a relacionar-se com o seu corpo para estarem inseridas nessa sociedade. Como apresenta Hall (1997, *apud* SANTI 2008, p.4):

Representar é usar a língua/linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa a outrem. A representação é parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre os membros de uma cultura.

A cultura de uma sociedade tem um forte impacto nas representações de corpo, e como consequência na vida das pessoas, influenciando, por exemplo, no ideal físico dos seus membros. Queiroz (2000, p.31 *apud* BUSSE 2004, p.22) afirma que “o corpo é de fato apropriado e adestrado pela cultura, concebido socialmente, alterado segundo crenças e ideais coletivamente estabelecidos”. Dessa forma, podemos compreender que os padrões de beleza da nossa sociedade, sobretudo a valorização da estética da magreza, que são principalmente divulgados pelos meios de comunicação em massa, estão diretamente relacionados a representações de corpo que exigem das mulheres transformações. Mudanças estas que podem ser através das cirurgias, das dietas, dos exercícios físicos, etc. o que pode, por sua vez, tirar a naturalidade do corpo e transformá-lo em um corpo-acessório. Le Breton (2003, p. 28 *apud* SALVIVI; MYSKIW 2009, p.2), apresenta que “a anatomia não é mais um destino, mas um acessório da presença, uma matéria-prima a modelar, a redefinir, a submeter ao design do momento”.

Entretanto, há forças opostas a tais padrões de beleza, como apresentado em matéria do jornal Zero Hora² na data de dezesseis de maio de dois mil e quinze com o título: “Autoestima em alta! Como as *plus size* desafiam os padrões e fazem a moda render-se à beleza em qualquer tamanho”, no qual o termo “gorda” aparece como uma característica assim como baixa, magra, etc. trazendo a relevância do biotipo de cada um, e destacando que não é apenas a magreza que é sinônimo de beleza. Além disso, fala sobre a moda voltada para esse público, que cada vez mais deixa de ser exceção nas lojas, e que ganha espaço no mercado, pois as consumidoras não precisam mudar seu corpo para caberem nas roupas. A modelo

² Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/moda/autoestima-em-alta-como-plus-size-desafiam-os-padroes-e-fazem-moda-render-se-beleza-em-qualquer-tamanho/> Acesso em 24 de junho de 2015.

plus size Flúvia Lacerda, a atriz Mariana Xavier, a *blogger* e jornalista Juliana Romano, são algumas das mulheres que aparecem na matéria, todas elas assumiram suas curvas e apesar do preconceito que muitas vezes sofrem, estão aí para demonstrar que há diversidade no que diz respeito à forma como o corpo é representado em nossa sociedade.

Frente ao apresentado, o fruto das representações será a forma como as pessoas irão atribuir significado a tudo aquilo que as cercam, mas que no texto ganha ênfase o corpo. A identificação seja ao ler uma matéria em revistas, ou até mesmo a partir de conversas com membros de sua comunidade, irão constituir os sujeitos que a partir disso passam a posicionar-se e a construir sua identidade, conduta, valores, ou seja, as representações, perante a sociedade a qual fazem parte.

Nesse sentido, a escola como espaço social e de interação dos sujeitos, é um local por excelência onde se produz e circula muitas representações de corpo. Desse modo, na próxima sessão irei me deter em como ocorre esse processo na escola, visto ser de fundamental relevância no que diz respeito à consolidação da identidade, bem como na vida das crianças e jovens.

2.3 REPRESENTAÇÕES DE CORPO NA ESCOLA

“Em nossa sociedade, as questões relacionadas à estética se mostram cada vez mais relevantes, uma vez que o corpo, a partir delas, alcançou um lugar central dos olhares na esfera social” (RAGO, 2007 *apud* SILVA; BAPTISTA, 2014, p.179). Desse modo, o corpo é constituído a partir das mais diversas relações sociais, e com isso a escola é um local para afirmação das representações de corpo. É nesse sentido, que a escola enquanto formadora de sujeitos e difusora de valores e comportamentos possui um forte papel na construção das representações dos alunos em relação ao corpo.

De uma forma geral, o currículo escolar existente nas escolas costuma dar maior ênfase na dimensão biológica do corpo. Com isso, deixam-se de lado as particularidades de cada indivíduo. Silva (2005, *apud* PEGORARO; FREITAS, 2010, p. 29) acrescenta que “pelo ensino de ciências, se corporificam identidades e diferenças marcadas pelo gênero, etnias, idade, geração, entre outras, na medida em que muitas vozes são silenciadas, muitos saberes são desqualificados, muitos

corpos são ignorados”. Tal fato nos faz refletir sobre como isso afeta na constituição dos sujeitos, bem como nas representações de corpo dos mesmos. Como poderemos ver nos três estudos realizados em escolas, que apresentarei a seguir.

Num estudo realizado por Pegoraro e Freitas (2010), foram elaboradas oficinas em turmas de séries finais do Ensino Fundamental, que visavam possibilitar o diálogo e a “livre” expressão, tratando de problematizar as diferentes questões sobre corpo. Nas oficinas, foram utilizadas propagandas de revistas, músicas, fragmentos de textos e imagens, abordando os diferentes discursos que circulam acerca do corpo, para, a partir disso, identificar as representações sociais sobre o tema e, então, discuti-las.

No que se refere à oficina realizada “A ditadura do corpo perfeito”, as autoras se propuseram entender como determinados padrões e ideais se constituem, bem como refletir sobre o quanto a estética tem peso no conceito de felicidade nos dias de hoje. Foram então realizadas atividades que fizessem vir à tona as representações dos alunos com relação ao corpo que vem sendo considerado desejável em nossa cultura, através de algumas estratégias que demonstrassem como veem seus corpos e o dos outros colegas (PEGORARO; FREITAS, 2010).

Ao analisarem os dados das implementações da oficina, Pegoraro e Freitas (2010) perceberam que grande parte dos meninos indicou o cabelo como a característica mais bonita do outro, em contrapartida as meninas consideraram os olhos, o sorriso e as mãos.

Essas escolhas estão ligadas àquelas representações de masculinidade e feminilidade construídas culturalmente, as quais em relação aos homens, os impedem de apreciarem-se uns aos outros, pois indicam como devem se portar para serem percebidos como heterossexuais, “machos”, e “normais” (PEGORARO; FREITAS, 2010, p.36).

Outro destaque foi que a maior parte dos meninos, ao desenharem meninas, as consideraram magras. Já com relação ao que queriam mudar em seus corpos, os alunos trouxeram as seguintes falas:

Que meus cabelos fossem menos volumosos, emagrecer dois quilos, mudar a cor do cabelo e ter cabelos lisos (aluna da 6ª série). Eu mudaria os olhos, colocaria azuis (aluna da 7ª série). Eu mudaria quase todo o meu corpo, emagreceria uns dez quilos, colocaria uma lente azul, faria uma tatuagem no pé, na mão, e mudaria o cabelo (aluna da 7ª série) (PEGORARO; FREITAS, 2010, p.37).

Segundo as autoras, essas falas “demonstraram muitas representações ligadas ao ideal de beleza vigente na nossa sociedade e que circula na mídia, representações de um corpo ‘ideal’ feminino e de um corpo ‘ideal’ masculino” (PEGORARO; FREITAS, 2010, p.37). Outros alunos do estudo demonstraram total insatisfação com seu corpo:

Eu mudaria o meu corpo, meu cabelo porque não gosto do jeito que sou (aluno/a da 7ª série). Eu queria nascer de novo (aluno/a da 7ª série). Eu mudaria todo o meu corpo, porque eu me acho feia (aluno/a da 7ª série). A frase da aluna ‘eu me acho feia’ é mais do que um simples ‘não gostar do próprio corpo’, é, acima de tudo, narrar-se a partir do arquétipo de beleza que vigora na sociedade contemporânea (PEGORARO; FREITAS, 2010, p.39).

Em outro estudo, realizado por Silva e Baptista (2014), com crianças do 2º ano do Ensino Fundamental, foi solicitado aos alunos que procurassem em revistas uma imagem de alguém parecido com eles e outra imagem de alguém que eles gostariam de ser. Com isso, os autores analisaram a forma pela qual a criança se enxerga bem como a imagem que ela gostaria de ter, utilizando os critérios cor da pele, cor dos olhos e tipo de cabelo. E por meio destes critérios, buscaram investigar se há algum tipo de padrão de beleza identificado e, além disso, qual seria o padrão hegemônico na constituição do imaginário social dessas crianças (SILVA; BAPTISTA, 2014).

Ao analisarem os dados, Silva e Baptista (2014) constataram que dentre os 18 alunos que participaram da pesquisa, apenas 1 não escolheu uma figura de pessoa com a pele branca. O que chama atenção é que havia somente 7 alunos com cor de pele branca. Além disso, somente 1 criança se representou conforme suas características físicas: cor de pele branca, cabelos encaracolados e olhos escuros. Todas as outras crianças não se representaram conforme suas características e viram-se enquanto pessoas de pele branca. Desse modo, “parece haver uma dependência simbólica, como assinala Bourdieu (2012 *apud* SILVA; BAPTISTA, 2014, p. 188), das pessoas fora do padrão nórdico, tendo por efeito uma constante insegurança corporal ocasionada pelo distanciamento entre o corpo real e os modelos corporais ditos belos”.

Quanto aos outros critérios analisados, observaram que, dentre as 18 crianças, apenas 4 crianças não adotaram o padrão de cabelo liso na representação que fazem de si, embora somente 4 crianças possuísem tal característica. No que

se refere à cor dos olhos, houve um predomínio das cores escuras em detrimento dos olhos claros. Esse dado foi o mais condizente com a realidade apresentada, talvez por acharem pouco importante a cor dos olhos na constituição do que achariam belo. Segundo os autores:

Com o papel de destaque envolvendo, na maioria das vezes, pessoas de pele branca e de cabelos lisos, essas crianças, ainda que com outras características físicas, podem entender que, para assumir um papel de destaque nessa sociedade em que estão inseridas, elas devem se adequar a esse determinado padrão (SILVA; BAPTISTA, 2014, p.190).

Com relação ao que os alunos gostariam de ser, o estudo apresentou bastante semelhança do que fora apresentado anteriormente. Ganhando destaque à cor da pele branca, o cabelo liso e loiro. Apenas a cor dos olhos não ganhou relevância. Desse modo, o estudo demonstrou o desejo das crianças de possuírem tais características, e segundo os autores, “estão ligados a uma dominação simbólica que continua a subsidiar padrões de beleza estereotipados e a inculcar nas pessoas o desejo de possuir tais características por serem dotadas de prestígio” (SILVA; BAPTISTA, 2014, p. 192).

O desejo por mudar o corpo também aparece no estudo de Damico (2012). No qual foram realizadas discussões com 18 jovens, entre 13 e 15 anos, estudantes da oitava série do ensino fundamental e do primeiro ano do ensino médio do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP/UFRGS). Nesse estudo as jovens relataram como lidam com os apelidos e as brincadeiras que os colegas fazem sobre alguma característica física. O que fica evidente na fala de uma participante do estudo: “Às vezes, tu não estás nem aí porque tu não és muito magra nem muito gorda, mas, a partir do momento em que todo mundo começa a se arriar, te criticar e rir da tua cara, daí tu te sentes mal e tu queres mudar o teu corpo” (DAMICO, 2012, p. 157). Desse modo, mesmo que a jovem estivesse “satisfeita” com seu corpo, após alguma característica ser destacada de forma negativa pelo grupo, há o desejo da mudança, demonstrando como as jovens se preocupam com a opinião dos outros a seu respeito.

Damico (2012) apresenta que a escola por ser um local de convivência, implica na aceitação do outro, o que por sua vez faz com que essas jovens mudem seus corpos para se adequarem a determinada realidade ou até mesmo para destacarem-se ou tornarem-se mais invisíveis. A fala de uma estudante vai ao

encontro do que fora apresentado: “Eu acho que é uma característica de adolescente e tu vais aprendendo a lidar com isso. Até porque tem toda aquela coisa de ‘preciso que me achem bonita’” (DAMICO, 2012, p. 159). Assim, no momento em que as jovens sentem-se sob a mira do olhar do outro veem a necessidade de buscar a mudança para adequar-se a aquilo que foram desafiadas a mudar.

Porém quando a mudança não é alcançada poderá surgir uma série de problemas, como por exemplo, a insatisfação consigo mesma. Tal insatisfação pode acarretar problemas de autoestima e com isso a busca por adequar-se utilizando, por exemplo, técnicas de modelamento e adestramento corporal, estas, por sua vez, estariam ligadas ao crescimento de doenças como a anorexia (SILVA; BAPTISTA, 2014). Damico (2012, p.160) apresenta que o desejo de “adquirir uma imagem que inspire empoderamento e outras formas de prazer pode resultar na necessidade de recortar algo de si mesmas, provavelmente encorajando algum grau de controle sobre o prazer que a comida poderia oferecer”.

Por todas essas questões levantadas é que se faz necessário que a escola seja um local que fomente a discussão e reflexão sobre a diversidade dos corpos, pois ao não problematizar a construção das representações hegemônicas sobre o corpo, a escola contribui para que os sujeitos pensem que sempre precisem se adequar ao que a sociedade dita como “normal”. Larrosa (2002, *apud* PEGORARO; FREITAS, 2010, p. 38) apresenta que:

Vamos sendo induzidos a nos julgarmos e convidados a uma certa administração, governo e transformação de nossos corpos em relação a essas narrativas centrais; sempre temos o que melhorar, o que desejar e o que consumir para nos tornarmos felizes e aceitos.

Desse modo, a escola deve considerar que a visão de cada criança e jovem sobre corpo pode ser distinta e por isso precisa dar espaço aos inúmeros corpos existentes e as particularidades de cada sujeito. O posicionamento dos alunos frente a aquilo que são, ao corpo que apresentam, aos códigos e valores que criam, pode defrontar o consenso de corpo produzido pela sociedade atual, como por exemplo, a estética da magreza, que fora descrito nas sessões anteriores. Assim, grupos e sujeitos distintos estão a todo o momento “produzindo” novos corpos, e afirmando suas crenças nos diferentes espaços da nossa sociedade.

Frente ao apresentado, é papel da escola problematizar e ampliar a visão dos alunos no que se refere ao corpo. Com isso os indivíduos conseguirão ter um

posicionamento crítico frente ao assunto, e passarão a desconstruir padrões de corpos impostos, e a se questionar sobre o mesmo. Ao encontro do que fora apresentado, as aulas de Educação Física se mostram favoráveis para que se debata o tema, já que o conteúdo cultura corporal pode ser apresentado com o intuito de mostrar as diversas representações de corpo existentes, bem como possibilitar uma “reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizada pela expressão corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, SILVA; BAPTISTA, 2014, p. 184). Com isso estaremos valorizando a diversidade, fortalecendo a autoestima dos alunos e auxiliando na construção de sua identidade de uma forma favorável para que esse sujeito possa ser crítico e atuante em nossa sociedade.

Mas será que todas as questões que foram levantadas nesses estudos estarão presentes na escola a qual investiguei? É provável que existam sim outras realidades e outros elementos que serão discutidos neste estudo e que ainda não foram apresentados, podendo estes colaborar para uma melhor compreensão das representações de corpo na sociedade atual.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma investigação que se inspira na pesquisa qualitativa, pois “as chamadas metodologias qualitativas privilegiam, de modo geral, da análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais” (MARTINS, 2004, p. 292). Desse modo, o pesquisador através dos dados coletados poderá aprofundar-se na análise de determinada realidade social e após isso, atribuir significados sobre aquilo que foi estudado. “Neste caso, a preocupação básica do cientista social é a estreita aproximação dos dados, de fazê-lo falar da forma mais completa possível, abrindo-se à realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la” (MARTINS, 2004, p. 292), e com isso, colaborar para o entendimento de outras pessoas frente ao assunto, dando uma nova roupagem a realidade que nos cerca.

Desse modo, essa pesquisa qualitativa apresenta natureza descritiva, justamente pela pretensão de poder compreender uma determinada realidade, trazendo elementos para que se possa entendê-la com maior profundidade. Como aponta Triviños (1987, p. 110):

O foco essencial desses estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, os problemas do analfabetismo, a desnutrição, as reformas curriculares, os métodos de ensino, o mercado ocupacional, os problemas do adolescente etc.

Assim sendo, esse estudo se propôs coletar informações acerca da temática corpo, e a partir disso, baseado essencialmente na descrição e análise das representações, sentidos e percepções que as jovens apresentaram frente ao assunto, compreender com maior profundidade tal fenômeno.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado no segundo semestre de 2015, em uma escola estadual pública da cidade de Porto Alegre, na qual também realizei o Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Médio, juntamente com uma colega. O

estágio foi realizado com uma turma de meninas do terceiro ano do Ensino Médio, com idade entre 16 a 18 anos, na Escola Estadual Cotiporã³, nessa escola as aulas de Educação Física ainda são divididas por sexo, e como minha intenção foi realizar o estudo com um grupo somente de meninas, essa divisão facilitou meu trabalho, bem como o desenvolvimento das aulas do estágio, já que as aulas estavam voltadas para cuidados do corpo e consciência corporal através da meditação e do yoga. O fato de eu ministrar aula para a turma possibilitou que eu criasse vínculo com as estudantes, e assim obter informações mais consistentes, compreendendo com maior profundidade as representações que as estudantes dessa escola constroem acerca do corpo, quais cuidados com o corpo as jovens privilegiam, bem como a escola e a Educação Física escolar produzem impacto nesse processo.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Para a coleta de informações utilizei os registros das aulas nos diários de campo, bem como observações, narrativas e grupo de discussão com as estudantes, que posteriormente foram transcritas. Com relação à utilização desses instrumentos, é importante destacar que “não cabe ao cientista reforçar ideologias existentes, mas fornecer instrumentos para desvendá-las e superá-las” (MARTINS, 2004, p. 296). Além disso, “seja como cientistas (ou mesmo como assessores), a nossa relação com o outro, que também é sujeito portador de um conhecimento, não deve ser marcada pela intenção de fornecer uma direção, segundo um projeto político que é o nosso” (MARTINS, 2004, p. 296). Desse modo, o presente estudo levou em conta esses aspectos, principalmente no que diz respeito à proximidade que se estabeleceu com as estudantes pesquisadas, para que não ocorressem avaliações precipitadas, bem como conclusões incoerentes com as demonstradas pelas estudantes.

3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

No início do mês de agosto de 2015 cheguei à escola, me apresentei aos professores de Educação Física, bem como a turma a qual estagiei e realizei a pesquisa. Além disso, apresentei à direção do estabelecimento de ensino uma carta

³ O nome da escola e dos colaboradores foram substituídos por fictícios, de modo a preservar a identidade dos participantes.

de apresentação em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, devidamente preenchida, solicitando autorização para que as estudantes participassem da pesquisa, bem como entreguei as mesmas o termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para que pudessem manifestar a sua anuência à participação na pesquisa.

Aos poucos fui conhecendo com mais detalhes o grupo com o qual trabalhei, sempre me dedicando a produzir laços com as adolescentes e registrando tudo em um diário de campo, no qual tive o cuidado de registrar as informações de forma descritiva, sem estabelecer juízos de valor.

Através das anotações do diário de campo consegui detectar possíveis colaboradoras para realizar um grupo de discussão. Sendo que ele se materializou no mês de outubro, e logo após me dediquei a transcrevê-lo, assim pude realizar as respectivas análises, com o cuidado de não revelar o nome das adolescentes nem expô-las a situações constrangedoras. Os meses de outubro e novembro foram destinados à interpretação e análise do material com vistas à escrita do trabalho.

Para a coleta de informações utilizei um roteiro de questões para o grupo focal (Apêndice B – Roteiro de Questões). Desse modo, o questionário foi realizado com o objetivo de conhecer com maior profundidade o grupo, a ideia foi discutir questões pertinentes ao tema corpo, visando aprimorar o debate com as adolescentes, e com isso detectar quais são as representações que as estudantes constroem acerca do corpo, os cuidados que privilegiam no mesmo e compreender como a escola e a Educação Física escolar produzem influências nesse processo. As entrevistas com as estudantes foram realizadas na escola, nos períodos destinados a Educação Física.

Ao encontro do que fora supracitado, a pesquisa realizada respeitou as indicações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, na qual apresenta aspectos éticos e legais das pesquisas científicas envolvendo seres humanos. Destaco alguns pontos que são pertinentes a essa pesquisa, como consta no item II.5, no qual fala sobre o esclarecimento completo e pormenorizado sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar ao participante; bem como no item II.23 que trata do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – que é um documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante

e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar.

Além disso, também é importante destacar o item III., que trata da eticidade da pesquisa, que implica em: respeito ao participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia, reconhecendo sua vulnerabilidade, assegurando sua vontade de contribuir e permanecer, ou não, na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida; prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros; respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, como também os hábitos e costumes, quando as pesquisas envolverem comunidades. Todos esses pontos supracitados foram levados em consideração para que a pesquisa estivesse dentro dos devidos parâmetros, conforme essa resolução assegura.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Após a coleta de informações, dei início à fase de discussão dos resultados através da análise de conteúdo. Ao longo deste processo elaborei categorias de análise de forma a construir argumentos e interpretações que me permitissem responder o problema e a questão de pesquisa. Assim, comecei o tratamento das informações com a transcrição do áudio do grupo de discussão. Com isso, li e reli com atenção a transcrição, bem como os diários de campo, destacando os temas mais relevantes à temática do trabalho. Agrupei as questões mais relevantes em unidades de significado, o que me permitiu construir um roteiro para que eu pudesse responder ao problema de pesquisa. Com os temas agrupados formulei três subcapítulos que pareciam ser coerentes com os objetivos desse trabalho. Dessa forma, analisei e discuti as falas das jovens, dialogando com a literatura e com as questões que foram levantadas nessa pesquisa a fim de compreender tal fenômeno.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Nessa seção me dedico a retomar as informações dos diários de campo, das observações, do grupo de discussão, bem como da revisão de literatura, com a finalidade de construir interpretações que possam me auxiliar a compreender com maior profundidade o problema de pesquisa proposto neste trabalho. Nesse sentido, a análise e discussão estarão divididas em três subcapítulos, no qual cada subcapítulo irá abranger um dos objetivos específicos. Na sequência, apresento-as e discuto-as.

4.1 O PARADOXO DO CORPO

Quando iniciei essa pesquisa sobre representações de corpo alguns princípios já me orientavam a ter uma posição sobre corpo, como relato na introdução desse trabalho. Entretanto, foi na literatura que encontrei autores que me fizeram refletir que esse tema é muito mais complexo que eu imaginava, como apresenta Andrade (2003, p.124): o corpo “está sempre sendo re/descoberto e re/inventado, e todas as marcas que se inscrevem ou se constroem em torno dele – nas artes, na medicina, na mídia, etc. – são sempre provisórias, características de cada época, cultura ou grupo social”. Foi isso que pude compreender com o trabalho de campo, que nem todas as jovens partilham do mesmo pensamento de “corpo perfeito”, pois as estudantes que observei, pelo menos em suas falas, valorizam o seu corpo como ele é. A fala das estudantes Taís e Lívia ilustra um pouco desta argumentação:

Amo minhas gordurinhas, amo minha celulite, amo minha estria, tenho barriga tenho, e sou feliz assim! (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu gosto da minha barriga, gosto das minhas pernas, gosto de tudo! (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Tais formulações vão de encontro ao que eu acreditava que estaria presente na fala das mesmas. Entretanto, apesar delas falarem do próprio corpo de uma maneira positiva, surgem posições contrárias a isso, quando algumas meninas apresentam, por exemplo, o desejo em realizar algum procedimento estético ou até mesmo mudar algo no seu corpo. Le Breton (*apud* COUTO, 2008, p. 178) nos ajuda

a pensar esse tema quando argumenta que “ao mudar o seu corpo o indivíduo entende mudar a sua vida, modificar seu sentimento de identidade [...] exerce uma incidência na relação do indivíduo com o mundo”. Desse modo, parece haver um paradoxo na medida em que as meninas sustentam uma posição, mas em contrapartida acenam com outra, trazendo-nos a ideia de que as formulações sobre a temática corpo não são hegemônicas.

Silva e Baptista (2014, p. 192) apresentam que o desejo em mudar o corpo “estão ligados a uma dominação simbólica que continua a subsidiar padrões de beleza estereotipados e a inculcar nas pessoas o desejo de possuir tais características por serem dotadas de prestígio”, embora a posição de Silva e Batista (2014) nos convida a pensar na ideia de uma imposição sobre as noções de corpo, parece haver uma resistência por parte das meninas, pois elas parecem formular posições mediadoras. Nesse sentido, as estudantes Rebeca e Lara relatam:

Se pudesse eu tirava do seio e botava na bunda, mas não pode, só pode tirar da barriga e botar na bunda (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu queria, sei lá, eu acho que se eu emagrecer, meu peito vai aumentar, eu percebo sabe que eu tenho gordura aqui do lado bastante, então o meu peito já é um pouco grande. Então se eu emagrecer, eu acho que ele aumenta, até por que quando eu fui pra academia ele aumentou um pouco (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

O pensamento segue paradoxal, na medida em que as meninas que relataram essas falas não são as mesmas citadas anteriormente, desse modo, parece que não há um consenso sobre querer emagrecer, fazer procedimentos estéticos, bem como amar seu corpo como ele é, por exemplo, demonstrando que as representações de corpo são heterogêneas e não lineares. Ao mesmo tempo uma das meninas relata que quando era mais nova ficava “meio assim” porque tinha pouco seio, mas hoje diz que gosta deles como são - o que nos faz pensar também que essa noção de corpo muda com o passar do tempo, muda frente a algum episódio que ocorra em sua vida, ou seja, as representações de corpo são transitórias - e mesmo não tendo nada contra quem faz cirurgias plásticas, quando questionada sobre realizar algum procedimento estético relata:

Eu não quero fazer, eu gosto de coisa natural! (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Um dos destaques do grupo de discussão é a preocupação com o corpo relacionada à saúde. Segundo Mira (*apud* ANDRADE, 2008, p.113) “o interesse de um grande número de pessoas pela saúde, [...] vincula-se a um ideal de beleza que propõe um corpo delgado, reforçado ao ponto de produzir o seu contrário a doença”. Como demonstra a aluna Taís ao falar:

[...] eu ainda tenho meus deslizes de querer emagrecer, mas tipo eu penso em fazer, eu quero fazer atividade física claro, porque eu sou muito preocupada com a saúde, faço exame de colesterol, de sangue, faço quinhentos exames, é que minha avó por parte de pai tem diabetes, é isso que me preocupa (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Uma das estudantes se analisando comenta que o tamanho dos seus seios é algo que a incomoda, e de todas as meninas presentes no grupo de discussão ela é a única que realizaria procedimentos estéticos:

Eu acho que eles são grandes demais pro meu tamanho. [...] Me incomoda, tanto que agora eu vou até fazer exame, porque tô com três caroço no seio [...], e me incomoda (Rebeca 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

A questão da saúde também aparece relacionada na fala da aluna Lara:

Eu sou uma pessoa saudável, eu fiz exame geral e só deu um pouco de triglicérideo alto, como sempre entendeu, o resto o médico falou que tá super bem entendeu, então não tem por que eu me sentir mal entendeu (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

A partir dos relatos das estudantes é possível destacar como cada menina manifesta, a partir da sua subjetividade, características singulares e com isso fica difícil de construir um parâmetro absoluto de como as pessoas compreendem o corpo. O que me permite compreender, através deste trabalho de campo, que as formulações totalizadoras tal como a de Silva e Baptista (2014), que relatam existir uma dominação simbólica de corpo, não parece estar presente nesse grupo estudado. Desse modo, como afirma Silva (2001, p. 36):

As formas de ser saudável podem ser muitas e tão diferentes como os modos de ser Humano. Os estudos comparativos necessitariam considerar, entre outras coisas, que as classificações do Humano são sempre estruturadas a partir de critérios de valor e tendem a uma homogeneidade que é impossível no cotidiano que se mostra caótico; mais do que isso, é indesejável, por significar um empobrecimento das características humanas e de suas possibilidades de ação.

Nesse sentido, quando as jovens foram questionadas sobre o que é ter saúde, as respostas trazem:

Saúde é o nosso corpo, é a nossa alimentação, respiração, atividades físicas, nossa mente. Ter saúde é manter o corpo todo em harmonia, tudo em equilíbrio (Elis, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Conceito de saúde é viver gostando do próprio corpo, ter uma alimentação saudável, praticando adequadamente os esportes preferidos (Deise, 16 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Bem, saúde para mim é estar em equilíbrio com: corpo, mente e alma. A partir do momento que conseguimos isso tudo flui de outra forma no dia a dia. E também é estar bem consigo mesma. Para mim saúde não está diretamente e/ou somente ligada à se você tem um corpo definido ou gordinho, tudo tem que estar conectado em equilíbrio (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Como podemos analisar a partir das falas das estudantes, saúde para elas vai muito além da ausência de doenças, está relacionada ao equilíbrio entre corpo e mente, valendo-se da alimentação, da respiração, dos exercícios físicos para alcançar tal estado. Diversas vezes a fala das adolescentes seja em aula, ou até mesmo no grupo de discussão, volta-se para a saúde, parecendo ser algo que elas julgam fundamental quando se trata do tema corpo. As jovens, muitas vezes acabam justificando certos cuidados com o corpo como forma de prevenção. Nesse sentido, como apresenta Couto (2008, p.185):

O saudável não é mais necessariamente um estado físico e mental, mas essa nova mentalidade - para a qual devemos ser educados- que ressalta a condição de busca, a atualização constante, o aperfeiçoamento contínuo, a promoção de novos e variados *upgrade*.

Após ter trabalhado com elas a questão do estilo e qualidade de vida⁴ apareceram novos elementos que definem saúde, como apresentado na resposta da estudante Lívia:

Saúde para mim significa estar de bem com o seu próprio corpo. É o bem estar com a presença ou não de exercício físico e uma boa alimentação. Ter uma boa saúde não significa necessariamente ter uma rotina de exercícios físicos, comer apenas verduras e frutas. Mas sim saber cultivar o seu corpo e a saúde de todo ele, seja seguindo listas de como ser saudável ou não.

⁴ Através do questionário PEVI (perfil do estilo de vida individual), no qual traça um mapa individual de avaliação de cinco aspectos (nutrição, atividade física, comportamento preventivo, relacionamento social e controle do estresse), procurei problematizar as questões contidas neste questionário, possibilitando que as estudantes ampliassem sua visão sobre esses temas, já que normalmente essas formulações não levam em conta a individualidade de cada sujeito, tentando de um certo modo padronizar os comportamentos que contribuem para a qualidade de vida dos indivíduos.

Procurar entender seu próprio metabolismo, como ele funciona e de que forma ele trabalha os alimentos ingeridos (Livia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Outro ponto relevante do trabalho de campo é que as estudantes relatam a imposição das pessoas e da família para emagrecer, o que afeta na forma como as meninas lidam com o corpo, como demonstrado pela aluna Lara.

[...] a minha família também era um pouco assim, falava a Lara tu tem que emagrecer um pouco, tem que emagrecer, ai vai pra academia! Ai vai pra isso, aí tipo agora eu falo paga pra mim se tu quiser que eu vá na academia. Porque tipo eu não me sinto mal!
Eu não gosto do meu corpo, mas eu também não me sinto mal com ele, eu me gosto assim, eu não me acho feia assim (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

A manifestação da Lara nos leva a compreender a força da cobrança familiar sobre a subjetividade do outro. Na medida em que a aluna relata não utilizar biquíni na praia, bem como a utilização apenas de roupa escura. Acredito que o fato de a aluna falar que não gosta do seu corpo se deve muito mais por determinados estereótipos que exercem força em nossa sociedade, do que por ela não gostar-se assim. A aluna Taís também relata uma cobrança por parte da família com relação à alimentação:

Até meus dez anos eu só comia salada, tipo eu não comia nada que não fosse salada, mas é por que eu gostava, aí depois eu comecei comer, tipo me ataquei em lasanha, massa essas coisas, aí meu pai começou falar nossa tu tem que manear [...] (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Nessa relação com o corpo, podemos perceber que um dos aspectos que tem sido manifestado pelas jovens é uma certa vigilância, suspeita e até mesmo controle sobre a alimentação. Inclusive elas já colocaram até mesmo a saúde em risco devido às dietas.

Sora sabe aquele chá do sol? quando eu tinha onze, treze anos eu tava no fundamental ainda, aí me deu a louca sabe de emagrecer, aí eu fiquei uma semana tomando só aquele chá. Eu fui parar no hospital, porque eu tava tanto naquelas eu preciso emagrecer (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Segundo Rodrigues (1986), as representações sociais do corpo é que irá oferecer uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade específica. Foi essa uma das estratégias que a Lara encontrou no sentido de se

aproximar de um discurso hegemônico que circula com mais força na sociedade. Além dela a aluna Taís também passou por um processo semelhante envolvendo riscos para sua saúde:

Eu quase entrei nesse quadro de anorexia, porque eu peguei um pouco de bulimia no primeiro ano e no segundo também eu tive recaída, por causa desse negócio de corpo e tudo mais. Mas agora tipo, cara eu tava me destruindo, não comendo, eu tava só me piorando. E aí a bulimia já tava me levando pra outros assuntos, e aí tava ficando uma coisa muito séria e eu não queria ajuda de ninguém [...] (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Essa aluna relata que comia um pouco na frente das pessoas e depois não comia mais. Em ambos os casos as mudanças no corpo pareciam ser a solução, equivocada, para os problemas delas. Como aponta Garcia (1997), a nossa ação sobre o corpo implica muitas vezes em sacrifícios, como por exemplo, fazer uma dieta, mutilações, através de cirurgias plásticas e mimetismo, para nos aproximar, de certo modo, do meio que nos envolve. Podemos então dizer que o nosso corpo é “esculpido” através do desejo, seja próprio ou aqueles que incorporamos da sociedade a qual fizemos parte. Como apresenta Damico (2012, p.160) o desejo de “adquirir uma imagem que inspire empoderamento e outras formas de prazer pode resultar na necessidade de recortar algo de si mesmas, provavelmente encorajando algum grau de controle sobre o prazer que a comida poderia oferecer”.

Queiroz (2000, p.31 *apud* BUSSE 2004, p.22) afirma que “o corpo é de fato apropriado e adestrado pela cultura, concebido socialmente, alterado segundo crenças e ideais coletivamente estabelecidos”. Todavia a fala da aluna Lara, que será relatada a seguir, nos mostra que há resistência no sentido de que ela não aceita o adestramento, a apropriação absoluta, envolvendo até a polícia devido ao preconceito sofrido por ela com relação ao seu corpo.

Eu odeio preconceito em si, tanto que eu sou gordinha e um monte de gente já fez comigo entendeu, meu ensino médio deu até polícia, porque as pessoas óh era demais, eu sofria demais então foi terrível, e eu odeio te isso então eu fui crescendo com isso e odeio muito muito muito. I aconteceu horrores comigo, horrores (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Além disso, a jovem relata que até hoje sofre com preconceito, mas tenta não dar tanta importância a isso, lidando de forma realista com as situações que ocorrem na sua vida. O que vale ressaltar é a postura das pessoas próximas a ela frente a

tais acontecimentos, como ocorrido recentemente na escola, no qual a estudante relata ter sofrido preconceito de um menino que ao vê-la disse: “ai que susto que eu levei de ti, hahahaha”. As colegas que viram imediatamente se manifestaram, brigando para defendê-la, demonstrando resistência, como relata a aluna Taís:

A Lisa botou a boca nele. Todo mundo se revoltou, tipo se ele fizesse isso de novo a gente ia falar na direção e a gente não ia deixar quieto de novo (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

A estudante que sofreu o preconceito conta que não esperava que passaria por isso no ensino médio:

Porque tipo eu acho que é ensino médio as pessoas já tão bem mais evoluídas, algumas, e tipo eu sou super contra isso, qualquer coisa de preconceito é a coisa que mais me irrita em 2015! século XXI (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Ela ainda aponta outras formas de preconceito com homossexuais, dizendo possuir vários amigos gays e lésbicas e que isso não interfere em nada na sua relação com eles. A aluna Vitória fala do preconceito étnico-racial, demonstrando indignação: “até com negro ainda existe, por favor!”. Do mesmo modo, a estudante Lara narra um episódio de preconceito desta natureza que a turma acompanhou recentemente:

[...] me irritou demais aquele dia que a gente tava tirando foto com as toga, a Sara foi tirar e o Jonathan falou assim a tu tá sem roupa! pra Sara, a Sara é bem morena” (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Entendo ser de bastante relevância as falas das estudantes, pois demonstram que não toleram preconceito, não somente o preconceito relacionado ao corpo. Tal fato se deve em parte pela ciência, devido sua busca por compreender o corpo em seus pequenos detalhes, como apresenta Silva (2005, *apud* PEGORARO; FREITAS, 2010, p. 29):

Pelo ensino de ciências, se corporificam identidades e diferenças marcadas pelo gênero, etnias, idade, geração, entre outras, na medida em que muitas vozes são silenciadas, muitos saberes são desqualificados, muitos corpos são ignorados.

Outro aspecto importante com relação a esse estudo tem a ver com os apelidos, pois estes também podem qualificar o corpo do sujeito. A seguir as estudantes relataram o que pensam sobre os apelidos que são dados aos colegas:

O apelido é nerd, é gorda, a só um pouquinho (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Os amigos que eu conheci que eu convivo eles me tratam super bem, porque até então eles me conhecem, eu não gosto que julguem as pessoas sem conhecer elas (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu já não me incomodo tanto quando falam que eu sou nerd, porque tipo é melhor eu ser inteligente e estudar do que ser que nem vocês que tão aí falando dos outros (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Quando as questioneei qual é a forma como a turma reage quando ocorre esse tipo de situação, as estudantes relataram que há diferentes manifestações.

Tem gente que ri (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Às vezes eu dou risada, mas quando existe preconceito eu não dou risada nenhuma (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Entretanto, com relação aos assuntos que costumam conversar na escola as jovens relatam falar principalmente sobre vestibular e namoro:

Eu e as gurias a gente fala muito de vestibular, [...] eu vejo as gurias só falar de namoro [...] (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Tal fato, de certo modo me surpreendeu, pois acreditava que a temática corpo estaria mais presente no ambiente escolar entre as adolescentes, como por exemplo, no recreio, “a gente não costuma falar” diz Lívia. Entretanto, nessa relação de conversa as meninas relatam que até brincam, mas que os meninos extrapolam, ou seja, apesar delas comentarem que os temas principais são vestibular e namoro, das conversas de namoro se chega invariavelmente no tema corpo. Assim, elas acabam sendo qualificadas com determinadas expressões, por parte dos meninos, que costumam expor o corpo das mesmas e isso as incomoda. Como demonstrado na fala das estudantes:

Como foi aquela vez que ele foi e começou a falar da (fez gesto, dando a entender ser a região íntima das meninas) de todo mundo, ele fica falando a da fulana é desse jeito, ela transa desse jeito (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

E as vezes gestos também, que o Thales tem mania de chegar e pá na bunda da gente, e não é legal sabe. Quando a gente tá, por exemplo, no recreio ele chega, ele tem mania de fazer isso na minha, que ele chega e pá com tudo na minha e dói sabe! (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Quando as questioneei sobre qual é a atitude delas frente a esse tipo de situação elas contam que relevam, exceto uma das meninas que se impõe e não tolera que falem de seu corpo:

[...] eu falei não fala de mim! Eu não quero que tu fale de mim, aí ele pegou não deu bola e continuou, mas ele não falou de mim, aí depois ele a porque tu não deixou eu brincar tava todo mundo brincando, mas eu não te dei liberdade pra falar do meu corpo, não é pra falar de mim, tu não sabe, tu não convive comigo 24 horas pra falar de como eu faço como eu não faço. Eu comecei a falar contigo esse ano, tu não tem tanta liberdade pra falar assim de mim. Ai tá eu não vou mais falar então, aí ficou meio brabo, mas depois no outro dia falou comigo, mas eu não quero, não quero que tu fale, não fala (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Desse modo, as meninas demonstram não aprovar tais atitudes, mas mesmo assim apenas uma menina teve coragem de falar que não admitia que falassem de seu corpo. No estudo de Damico (2012) as jovens também relataram como lidam com os apelidos e as brincadeiras que os colegas fazem sobre alguma característica física, como podemos perceber através da fala de uma delas: “Às vezes, tu não estás nem aí porque tu não és muito magra nem muito gorda, mas, a partir do momento em que todo mundo começa a se arriar, te criticar e rir da tua cara, daí tu te sentes mal e tu queres mudar o teu corpo” (DAMICO, 2012, p. 157). Desse modo, mesmo que a jovem estivesse “satisfeita” com seu corpo, após alguma característica ser destacada de forma negativa pelo grupo, há o desejo da mudança, demonstrando como as jovens se preocupam com a opinião dos outros a seu respeito.

Ainda com relação ao pensamento das jovens no que diz respeito ao corpo, quando as questioneei sobre o que elas percebem que é mais valorizado com relação ao corpo, a resposta foi unânime: “é ser magra!”; os meninos “reparam nas gurias que tem esse corpo” diz Lívia. Desse modo vale ressaltar que o outro tem papel fundamental na representação de corpo que eu construo. No estudo de Pegoraro e Freitas (2010), a maior parte dos meninos, ao desenharem meninas, as consideraram magras, o que corrobora com o que as jovens relataram nesse estudo. A aluna Taís acrescenta características de um corpo perfeito “que tem bunda, que tem peito e que são magras!”, “cabelão comprido loiro e de olho azul. Aí já é o biotipo perfeito da pessoa”. Interessada em saber como percebem isso as indaguei e as estudantes relataram alguns episódios:

Que eu vejo pelos meus amigos, eles ficam num nível mais sem controle é nesse tipo de situação. A, tipo no nível que a gente tá no shopping tá indo ver um filme lá entre os amigos, aí ele começa virar pra trás toda hora que vê uma guria com bunda e peito e é loira, aí tipo, cara maneira né (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Vocês lembram do Gabriel? O Gabriel o nosso colega? Ele falou ai que guria tem que ter aquela cinturinha e aquela bundinha, não sei o que (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Esse padrão de corpo é o que mais atrai os homens segundo as jovens, como apresentado também nos estudos de Silva; Baptista (2014) e Pegoraro; Freitas (2010) em que ganham destaque a cor da pele branca, o cabelo liso e loiro. Todavia nessa pesquisa as jovens relacionam esse padrão de corpo com o desejo sexual, acredito que pela fase de maior amadurecimento que se encontram, diferentemente das pesquisas relatadas anteriormente, que foram realizadas com alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, desse modo as jovens narram:

Eu acho assim ó, que existem, existe ainda homens que dão valor pras mulheres realmente, mas aqueles que querem somente (fez um gesto indicando que seria transar com a mulher), a preferência é (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu acho que a mulher se adapta mais ao corpo do homem, do que o homem se adapta a qualquer tipo de corpo entendeu! o homem já tem uma coisa idealizada, ele não se acostuma com outro tipo de corpo (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Que nem na história tipo vai pegar a mulher que tem bunda e que tem peito e é isso (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

No entanto, podemos nos questionar qual seria o motivo pelo qual esse padrão de corpo é o cultuado atualmente, segundo as jovens a mídia influencia bastante:

Vai dizer aquelas coisas de emagrecer só botam aquelas gostozona né, só tá lá as mulher com uma barriga assim, deve ser tudo *foto shop* (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

O que se sabe é que ao falar de corpo estamos falando de algo que a todo o momento está em transformação e apesar de nesse momento histórico estarmos valorizando a estética da magreza, nem sempre foi assim, como por exemplo, quando o excesso de peso era sinônimo de fartura, indicando a classe social dos indivíduos. Dessa forma, o corpo segundo Goellner (2008, p.28)

Não é portanto algo dado a priori nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem

como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz.

Frente ao apresentado, entendo que apesar de as jovens apresentarem muitas vezes opiniões contraditórias em relação ao corpo, que se deve a essa conotação de transitoriedade pela qual todo o ser humano passa nas diversas fases da vida, as estudantes parecem valorizar seu corpo como ele é, e isso é algo que me surpreendeu positivamente nessa pesquisa. Tal surpresa se deve ao fato de que somos diariamente influenciados por discursos que nos induzem, no uso de diversos artifícios como dietas, procedimentos estéticos, uso de medicamentos, enfim, na busca por determinados estereótipos que circulam e disputam pretensão de validade na nossa sociedade. Parece que as jovens estão muito mais preocupadas com relação aos seus estudos, devido a estarem se preparando para seguirem uma carreira, realizar vestibular, concursos, se preparar para o mercado de trabalho, que são as demandas que mais “roubam” seu tempo e energia, do que na busca por um corpo ideal, mesmo este sendo o mais valorizado pelos meninos da sua idade.

Desse modo, a temática corpo não se esgota, essa é apenas uma aproximação que tive com um pequeno grupo de jovens de uma escola pública durante dois meses. Todavia, as incertezas, questionamentos, novas dúvidas e inquietações ainda me acompanham por se tratar de um tema tão complexo de ser compreendido, que envolve não somente uma construção social, mas também cultural e histórica. Entretanto, no próximo capítulo irei me aprofundar no que diz respeito aos cuidados do corpo que as jovens têm privilegiado.

4.2 “CUIDAR DO MEU CORPO NA MEDIDA EM QUE EU ME SINTO BEM E FELIZ COM ELE” – OS CUIDADOS QUE AS JOVENS PRIVILEGIAM COM RELAÇÃO AO CORPO

Nesse subcapítulo irei detalhar os cuidados que as jovens têm privilegiado com relação ao corpo, procurando entender que significados as meninas atribuem para esses temas transversais⁵ sobre corpo em suas vidas. Segundo Damico (2007, p.95):

⁵ No subcapítulo anterior eu procurei me aprofundar nas representações de corpo que as adolescentes participantes dessa pesquisa atribuem com relação ao corpo, já nesse subcapítulo

O cuidado com o corpo, objetivado em um conjunto de práticas corporais que vão desde as escolhas das dietas, das roupas e da aparência como um todo, configura-se como um estilo, um jeito de ser aprendido e reaprendido de diferentes modos durante toda a vida.

Desse modo, como os cuidados relatados por elas nessa pesquisa são diversos, com a finalidade de melhor compreendê-los, optei por agrupá-los nas seguintes temáticas: cuidados alimentares, estéticos e com exercícios físicos. Todavia, apesar das estudantes relatarem certo desinteresse em falar sobre esses assuntos na escola – como apresentado pela estudante Taís quando diz: “vamos aproveitar o tempo que a gente tem aqui falando de outras coisas, em vez de falar disso” – entendo que de maneira direta ou indiretamente esses assuntos estão muito presentes na vida destas adolescentes.

No que diz respeito à alimentação, as jovens se mostram bastante preocupadas em controlar aquilo que comem, bem como a quantidade ingerida. Quando questionadas se alguém já havia feito ou faz alguma dieta e o porquê a fizeram as respostas foram diversas, mas o que vale ressaltar é que nem todas as meninas fizeram ou fazem dieta como eu acreditava que estaria presente na fala das mesmas. O que me leva a pensar que quando o assunto envolve cuidados com o corpo, aqui me referindo especialmente as dietas, as respostas não são tão absolutas assim, mesmo se tratando de um grupo de jovens com idade semelhante. Nesse sentido, destaco os relatos de algumas estudantes:

Já fiz diversas dietas mirabolantes, desde a da sopa à, até mesmo, ficar o dia todo a base de água e bolacha. Tive doenças alimentares e uma anemia muito grave por conta disso (Dara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Bem, eu já fiz a dieta do suco verde aliado com uma alimentação um pouco mais restrita, ou nem comendo em algumas das refeições, também já deixei de comer muitas coisas (besteiras) para não engordar. Hoje, atualmente não tomo mais refrigerante, e como alimento integrais, mas não só para emagrecer, mas para cuidar da minha saúde e porque gosto. Antes só fazia essas “loucuras” para ficar magra que nem minha irmã do meio, e hoje vejo que ela é magra pela genética. E aprendi a me amar como sou! (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu nunca fiz uma dieta específica, até porque eu não consigo, como quando quero, mas sempre tentando não exagerar na quantidade, mas há uns anos atrás parei de tomar refri e fiquei só no suco, mas não durou muito tempo e voltei a tomar. Hoje eu parei, estou parando na verdade de tomar refri, e também já não tomo muito suco de saquinho, normalmente tomo somente

tratarei como um tema transversal de corpo, os cuidados com o mesmo que as jovens têm privilegiado.

suco de soja, e estou comendo mais frutas (Elis, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Nunca fiz nenhum tipo de dieta, e nunca deixei de comer algo, por pensar que devo comer menos (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

[...] sei que só vou fazer algum tipo de dieta se eu vier engordar (Sofia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Desse modo, como relatado na fala da aluna Elis, por exemplo, podemos perceber a transitoriedade com relação aos cuidados que atribuímos ao nosso corpo em determinados momentos da nossa vida, ou seja, nem sempre fizemos as mesmas escolhas, seja de alimentos, como relatado pela aluna, ou de outras ferramentas que podemos usar para cuidar do corpo. Ademais, segundo Andrade (2008, p.115):

Junto a essa diversidade de alimentos e dietas que se alteram e se atualizam com uma rapidez impressionante, surge a necessidade de saber escolher, de fazer opções adequadas, de comer o que é mais saudável, menos calórico, e ainda manter o sabor e o prazer de comer.

O que vai ao encontro daquilo que é dito pela aluna Taís quando relata que come alimentos integrais, não só para emagrecer, mas para cuidar da saúde e porque gosta, dessa forma compreendo que a escolha por aquilo que se come vai além da troca de alimentos ditos “maléficos” para a nossa saúde, mas também gostar daquilo que se come, para que não se perca o prazer de comer. Frente ao apresentado, a indústria alimentícia está a todo o momento produzindo novidades para atender a essas distintas finalidades dos indivíduos no que diz respeito à alimentação. Além disso, como apresenta Damico (2007, p.99):

Atualmente, dois importantes mercados concorrem para angariar consumidores/as vorazes para suas causas. Trata-se das potentes indústrias farmacêutica e dietética, que pretendem definir a aparência física “correta” e tentam fazê-lo difundindo que tal aparência está ao alcance de todos.

Todavia, o objetivo de fazer dieta apresentado pelas jovens nem sempre é emagrecer com a finalidade estética, ou como apresentado por Damico (2007) para definir a aparência física “correta”, o que frequentemente somos levados a pensar através dos meios de comunicação em massa, quando ganham destaque, por

exemplo, as dietas para chegar ao “verão em forma”⁶. Desse modo, as jovens participantes desta pesquisa, desconstróem esse pensamento quando falam das dietas com a finalidade de cuidado com a saúde, ou até mesmo engordar, como relatam as estudantes:

Nunca fiz dieta sempre comi de tudo. Queria uma dieta pra dar uma engordada, mas nunca resolvi em dar prática pra essa dieta (Deise, 16 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Meu nível de colesterol estava muito alto. Então deixei de comer fritura e tomar refrigerante (Ana, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio). Já fiz uma dieta por que há mais ou menos um ano atrás, eu fazia academia e pesava 50 kg. Precisava ganhar mais peso, então comecei a me alimentar melhor, comia muitos alimentos com carboidrato e já tomei suplementos como: *whey protein*, BCAA e dextrose. Antes de entrar na academia me achava gorda e comia muito e depois vomitava. Hoje em dia vou ao médico, ele acredita que tenho maus hábitos alimentares, por que como muito pouco, muito pouco mesmo (Lisa, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Deixei de tomar refrigerante, pois acredito que os gases e o excesso de açúcar e de outras substâncias não são necessários para a saúde do meu corpo. Não costumo comer muita carne vermelha, pois acho que pesa muito em meu estômago; e quando como, são sempre carnes magras ou carne branca (galinha, peixe, etc.). Não tenho costume de comer alimentos com muito açúcar, como tortas e bolos, pois tem muitos componentes que não contribuem para minha saúde (Livia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Em contrapartida, Goellner (2008, p.39) nos ajuda a pensar que:

A cultura de nosso tempo e a ciência por ela produzida e que também a produz, ao responsabilizar o indivíduo pelos cuidados de si, enfatiza, a todo o momento, que somos o resultado de nossas opções. O que significa dizer que somos os responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter.

Desse modo, através das falas das jovens pude compreender que essa responsabilidade por si que a autora traz se mostra presente no universo das mesmas quando elas relatam, por exemplo, que ficam controlando a alimentação, aquilo que comem ou deixaram de comer. Além disso, as jovens também apresentam o papel da família no controle da sua alimentação. Frente a isso, algumas jovens participantes manifestaram-se assim:

⁶ Como apresentado recentemente por uma marca que fabrica cereal matinal, na qual aparece no verso da caixa do produto a campanha para chegar ao verão em “forma”, através da “Operação Biquíni”, que incentiva as mulheres a experimentar durante 14 dias um estilo de vida mais equilibrado para sentir-se em forma para o verão.

Aí é isso entendeu, só reduzo a comida, eu como muito, mas sei lá, não é muita coisa gorda assim, a minha mãe é cozinheira então ela não ajuda muito (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Tô tentando evitar de tomar refrigerante, acho que é por isso que eu tô com essa barriga fora do normal, porque minha mãe disse que refrigerante dá barriga (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu brinco com a minha mãe, como tu quer que eu emagreça fazendo essas comidas boas, que desgraça! (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Damico (2007, p.97) nos ajuda a compreender um dos possíveis motivos pelos quais algumas jovens consideram tão importante cuidar da alimentação:

Nesses processos que investem sobre o corpo jovem, noções sobre saúde, bem-estar, alimentação adequada e beleza são constantemente renovadas e rearticuladas, instituindo formas de cuidado com significações distintas de prazer, de contenção, de resistência, de feminilidade e de masculinidade. Determinadas práticas corporais passam a ser objeto de uma atenção constante a partir da qual se aposta, por exemplo, que o cuidado com uma alimentação tida como equilibrada resultaria em uma aparência mais “saudável” e que exercícios físicos orientados seriam determinantes para uma “saúde perfeita”.

As estudantes relatam também que pensam muito em comida, inclusive com relação à temática do plano de ensino “cuidados do corpo”, que ficou em aberto para que elas nos ajudassem a construir, a turma apresentou interesse em se aprofundar mais no tema alimentação. Acredito que se deva ao fato das inúmeras dúvidas e questionamentos que as cercam. Entretanto, compreendo que o período de crescimento pelo qual as adolescentes ainda estão passando nessa idade, deva exercer bastante influência sobre essa relação com a comida. As falas delas contam um pouco como está sendo isso em suas vidas:

Eu chego em casa, almoço, aí já tô pensando no café da tarde, aí eu fico assim, aí eu tenho que fazer um bolo pra tomar o café da tarde, não vou fazer um enroladinho, vou lá no mercado pra comprar uma salsicha pra fazer um enroladinho, tem pastelina? A não já vou fazer um pastel com queijo junto (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu acordo já pensando o que que eu vou comer, [...] a única coisa boa da vida é comer e dormir! (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Outro ponto importante com relação aos cuidados do corpo, diz respeito aos cuidados estéticos que as jovens apresentaram nesse estudo, o que ganha destaque nos relatos das estudantes estão principalmente relacionados ao cabelo,

roupa, unhas, cremes, perfume e aparência da pele. Assim, como fora relatado sobre as dietas, não há um consenso entre elas com relação a esses cuidados, pois cada uma atribui maior importância para algum deles, demonstrando assim as inúmeras formas de cuidados estéticos que as jovens lançam mão para cuidar do seu corpo, como aparece nas falas a seguir, quanto à escolha das roupas:

Eu odeio cor! Eu não gosto de rosa! Eu não me acho bonita com cores claras, não sei se é porque eu sou acostumada sempre com o simples, eu gosto de coisa simples de cores escuras (Lara, 17 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio).

Eu tenho fases, assim como eu gosto de usar roupa lisa eu gosto de usar roupas estampadas (Livia, 18 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio).

Eu gosto de ver o que as *blogueiras* que gosto estão (ou gostam) de usar e vejo o que tem a ver comigo, e assim escolho minhas roupas; não sou fã de vestido, prefiro shorts, blusas, macaquinhos, etc.; também não sou fã de *legging*, prefiro calça de abrigo (Taís, 17 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio).

Ainda no que diz respeito ao uso da roupa, pude perceber através da fala de uma das meninas que há certa preocupação em se inteirar naquilo que as pessoas da profissão que elas querem seguir usam, demonstrando assim que esse próximo passo que darão saindo da escola e ingressando em uma faculdade, também poderá influenciar em uma nova forma de se vestir, e de enxergar o seu corpo, bem como possíveis cuidados que venham utilizar como forma de aproximação a esse “novo mundo”. Como apresentado na fala da estudante Taís:

Como tipo eu quero me inteirar nessa profissão eu começo a ir pelo estilo das arquitetas, tipo as pessoas na minha área que eu quero me especializar as pessoas são muito louca, tem cabelo curto, tem roupa colorida, é tipo vida louca, colorida, seja feliz com as cores, e eu tô meio que me adaptando a isso, me inteirando mais nas cores, porque eu gosto muito de preto, gosto de blusa de banda de rock, aí eu começo adaptar as cores, tipo vai uma pecinha colorida aqui, outra ali, já usei calça colorida (Taís, 17 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio).

Também pude perceber a diversidade dos gostos quanto à roupa pela crítica que uma estudante faz a um determinado tipo de calça, que em contrapartida as demais possuem opinião distinta, demonstrando que cada menina tem seu gosto particular naquilo que irá vestir, ou seja, não parece haver um padrão de roupa utilizado pelas jovens:

Se tu for ver hoje em dia eles tão fazendo muito calça justa demais, deixa o corpo da mulher engolido dentro da roupa (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu gosto de calça justa, tipo eu acho confortável (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu gosto de calça justa, mas não tanto (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Outros cuidados que as jovens utilizam para cuidar do corpo envolvem cremes corporais, perfume, batom, brincos, enfim, cada uma relata algo que julga ser imprescindível na sua relação com o corpo, o que me fez compreender que os cuidados do corpo vão muito além das dietas e exercícios físicos, mas envolve, por exemplo, a importância que cada sujeito atribui para um cuidado específico, como citam as estudantes:

Eu sempre uso óleos corporais que ajudam nas estações mais frias hidratar e “reduzir” a aparência de estrias, já no verão uso hidratantes mais leves. Cuido muito do meu cabelo, sempre uso novos produtos e marcas; também sou fisionada por maquiagem, amo demais, pois desde pequena uso e acho incrível, gasto muita grana com isso (hehehe). Meu pai fala que me “produzo” demais, pra sair e ir ao colégio, mas agora ele tá percebendo que é meu jeito, gosto de me arrumar, me sentir bem assim, e cuidar de mim (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Não consigo sair de casa sem perfume e brincos (Carol, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Não me preocupo muito com a roupa que uso, maquiagem, nem acessórios, mas meu cabelo tem que estar limpo sempre e de batom sempre (Elis, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Tenho muitos cuidados com o corpo como, por exemplo, cuido das unhas, do cabelo, tento cuidar da pele por causa das espinhas e sempre tento me arrumar bem pra sair (Lisa, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Brincos, batom, perfume, roupas confortáveis, comer frutas, muita água, verduras e legumes, alimentos que tem nutrientes e vitaminas para o corpo; fazer as unhas, as vezes uso roupas que valorizam o corpo. Anéis, relógios, etc. Conclusão sentir-me bonita, sem ‘pressão’ de ter um corpo ideal, porém cuidar do meu corpo na medida em que eu me sinto bem e feliz com o meu corpo (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Não consigo sair de casa sem tomar banho. E tenho muita preocupação com estrias, não gosto, acho feio. Sempre me cuidei, passo creme corporal e mesmo assim não escapei das estrias. Os lugares que eu mais tenho é o bumbum, tenho vergonha, as vezes quando vou pra praia e vejo outras mulheres sem nada de estrias no bumbum. E eu enlouqueço se minha barriga crescer, cuido muito. Quero engordar, mas não ter barriga (Deise, 16 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Quando a estudante Deise fala, por exemplo, das estrias, ou até mesmo que cuida muito para que sua barriga não cresça, compreendo que remetem a ideia que Damico (2006) aponta em seu estudo, também realizado com adolescentes, no qual fala do aspecto de autocontrole sobre o corpo:

[...] A aparência do corpo e de partes do corpo, como o abdômen, parece exigir, por parte das jovens, uma dose de sacrifício, autodisciplina, autocontrole e força de vontade. As ações intencionais que as jovens desenvolvem [...] se assemelham a uma moralização das condutas, na medida em que parecem querer refletir que o julgamento dos outros e a autocensura têm que ser respondidos com um domínio da mente sobre o corpo (LUPTON, 2000 *apud* DAMICO, 2006, p.113).

Para além dos cuidados com a alimentação e estéticos, os exercícios físicos, e as atividades de lazer, também exercem um papel fundamental quando falamos em cuidado com o corpo. Desse modo, procurei compreender que significados as jovens atribuem a estes e por que o fazem. A realização de exercícios físicos, por exemplo, ganha contornos diferentes para cada uma delas, enquanto umas meninas fazem para emagrecer, outras não praticam nenhum tipo de exercício.

Praticava esportes há um tempo, mas já parei, e hoje faço academia para que eu não fique parada, e principalmente pra não engordar, tentando emagrecer um pouco (Elis, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Às vezes faço exercício em casa ou caminho, mas a maioria das vezes chego do serviço e vou dormir (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Não faço exercícios normalmente, mas pelo menos quatro vezes no mês eu corro, pois às vezes sinto que meu corpo precisa disto (Rebeca, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Do mesmo modo, os exercícios que elas fazem não são os mesmos para todas, mas eu acreditava que o “eu faço academia” estaria mais presente na fala das jovens. Todavia, nesse estudo, pude perceber que essas jovens não atribuem tanta importância assim para esse local, demonstrando outros gostos, como relatam as estudantes:

Me centralizo lá na meditação, quando eu vejo que eu tô muito..., num momento que tá nossa Taís tu tá demais, aí eu pego faço uns exercícios de pilates em casa, mas a minha mãe tá começando a me pilhar da gente fazer yoga ou dança (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Se eu for voltar a fazer alguma coisa vai ser dança, eu só ando de bicicleta, bicicleta eu ando bastante (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Frente ao apresentado, o estudo de Salvivi e Myskiw (2009), também realizado com estudantes de uma turma de 3º ano do Ensino Médio de um Colégio Estadual, na cidade de Marechal Cândido Rondon, Paraná, apresenta pontos que vão ao encontro dessa pesquisa quando relatam não haver uma homogeneidade no que diz respeito à maneira de cuidar do corpo.

[...] a maneira de manipular ou cuidar do corpo pelas alunas está articulada com a representação social, isto é, com o esforço para fazer valer a impressão que desejam que os outros tenham delas. Enquanto as alunas vaidosas, fortes e ativas expõem o corpo nas interações, usam acessórios, roupas e cuidados que põem em destaque a aparência, trazem marcas corporais (*piercing*, tatuagens), as alunas delicadas e protegidas minimizam a apresentação do corpo nas interações, são discretas em relação ao uso de roupas, acessórios e cuidados com a aparência (SALVIVI; MYSKIW 2009, p.9).

Dessa forma, nesse presente estudo também há jovens que expõem mais o seu corpo, usando roupas coloridas, por exemplo, enquanto há aquelas que usam somente roupas discretas. Além disso, existem as meninas que só saem de casa com batom e outras que parecem não se importar tanto com a maquiagem, como na fala da aluna Rebeca: “Não sou de sair e estar me maquiando”. Assim como há uma aluna que apresenta diversas tatuagens e *piercing*, e outras não possuem nem uma coisa nem outra. Essas descrições que foram traçadas nessa pesquisa me fizeram compreender que dentro de um mesmo grupo social, como é o caso dessas jovens, a singularidade de cada sujeito se faz presente. Com isso, as estudantes até podem partilhar de alguns cuidados em comum, mas não podemos afirmar que todas pensam e agem da mesma forma, já que cada uma tem uma forma particular de dar significado, experimentar e descobrir o seu corpo.

Algumas estudantes compartilham do sentimento de que gostariam de cuidar mais do corpo, mas que no momento estão focadas no ENEM⁷ e em concursos,

⁷ Criado em 1998, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Podem participar do exame alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como critério de seleção para os estudantes que pretendem concorrer a uma bolsa no Programa Universidade para Todos (ProUni). Além disso, cerca de 500 universidades já usam o resultado do exame como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular. Disponível no portal do Ministério da Educação

inclusive uma delas apresenta o desejo em realizar um curso de inglês, pois pretende morar fora do país. Dessa maneira, as questioneei se para além dos estudos, em algum momento que tivessem um tempo livre, o que elas realizavam. As adolescentes então relataram que gostam de escutar música, ir a shows, cinema, parque, livraria, shopping, e que o local escolhido depende muito da companhia.

Eu não gosto de rotina, eu gosto de coisas diferentes, uma exposição, teatro (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Show, cinema, livraria, parque. O meu sonho é conseguir até o final do ano fazer rapel no V13⁸, depois que eu fiz *rafting* eu fiquei vida louca, aí eu vi que o V13 é perto da casa da minha vó e eu quero fazer rapel no V13! (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Tem aquele amigo que gosta mais de sair ao ar livre, ou aquele que gosta mais de ir no shopping, aí vai revezando entra num acordo (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Entendo ser válido também ressaltar com relação a essa pesquisa, a questão do estilo de vida que trabalhei em uma das aulas com as jovens, através de perguntas de um questionário sobre o perfil do estilo de vida individual (PEVI), no qual tive o intuito de problematizar o estilo/qualidade de vida delas. O que pude compreender analisando as falas das jovens vai ao encontro do estudo de Damico (2006, p.113) no qual apresenta que:

Quando se trata de enunciar o resultado do olhar sobre si mesmas, as jovens assumem um tom resignado por não estarem cumprindo integralmente os imperativos das políticas de promoção da saúde. Em relação aos discursos de promoção da saúde, vê-se que desde muito cedo elas passam a ser responsabilizadas pela ausência ou não de doenças. O resultado mais comum, quando não conseguem alterar suas rotinas “pouco saudáveis”, é a autculpabilização por essas atitudes.

De uma maneira geral as respostas foram raramente, ou seja, nos cinco pilares que o questionário avalia (nutrição, atividade física, comportamento preventivo, relacionamento social e controle do estresse) as meninas responderam raramente na maioria das questões. Todavia, no final do questionário introduzi uma

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=183&Itemid=310 Acesso em 07 de novembro de 2015.

⁸ O Viaduto 13 está localizado no município de Vespasiano Correa no estado do Rio Grande do Sul, possui 143 metros de altura e 509 metros de extensão, é tido como o maior Viaduto Férreo da América Latina e o segundo mais alto do mundo. Disponível no site do município de Vespasiano Correa <http://vespasianocorrears.com.br/index.php/atrativos-turisticos> Acesso em 07 de novembro de 2015.

questão para que as estudantes avaliassem esse instrumento, com a estratégia de problematizar as questões contidas no mesmo. As respostas que as jovens formularam foram de diversas ordens.

Gostei muito dessa experiência, pois nunca havia feito algo parecido e também me fez pensar em como eu controlo o meu dia, sendo que essa semana está bem difícil pra mim e encontro pouco tempo pra descansar e cuidar dos hábitos alimentares (Lisa, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Bem, achei bem interessante, pois me fez refletir em alguns questionamentos sobre como ando cuidando da minha saúde. Como posso melhorar em algumas coisas e o que devo manter e acrescentar aos poucos. Como há pouco tempo voltei a meditar sozinha, vejo que muita coisa mudou pra melhor. É um hábito que ajuda em várias outras coisas, e me faz muito bem (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Bem elaborado, teve perguntas que tive que refletir para poder escrever, porque quase nunca paro e penso no que eu faço no meu dia a dia (Deise, 16 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Após problematizei com elas questão por questão do questionário, com o objetivo de mostrar que cada sujeito tem sua individualidade e que não podemos seguir cegamente as orientações que nos são passadas, deixando de lado o que somos e o que sentimos ao fazermos determinadas dietas ou exercícios físicos. O debate foi bastante significativo, pois as meninas compreenderam que mesmo que suas respostas não tenham sido excelentes ao questionário, não quer dizer que não tenham qualidade de vida. Como demonstrado na fala da aluna Deise “Eu não tenho problema nenhum e não como fruta todo o dia”. Ou como a da aluna Taís “o que é bom pra mim pode não ser pra outra pessoa”. Gostei bastante de trabalhar esse tema com as meninas, pois percebi que elas ainda não haviam construído um posicionamento crítico frente a esses assuntos, que são bem difundidos pela mídia, as estudantes sequer tinham o conhecimento do que significava estilo de vida. Desse modo, acredito ter despertado nelas um olhar diferenciado quando se depararem novamente com tais assuntos. Assim, os discursos da promoção da saúde, como os que esse questionário PEVI apresenta, articulados a uma série de outros discursos como o publicitário, o familiar, o educacional e o do senso comum, parecem estar produzindo condições para que as jovens possam pensar, viver e falar, de determinados modos, sobre as relações que estabelecem com seu corpo (DAMICO, 2006).

Frente ao apresentado, se torna limitado, por exemplo, avaliar a insatisfação corporal de jovens analisando apenas medidas antropométricas, como apresentado nos estudos recentes de Pelegrini et.al. (2011), no qual investigou a associação entre a insatisfação com a imagem corporal e os indicadores antropométricos em adolescentes de 14 a 17 anos de idade de uma cidade, Januária-MG, com desenvolvimento humano médio-baixo. Bem como no estudo de Palma et.al. (2013) que avaliou adolescentes do sexo feminino na faixa de 14 a 18 anos de idade, estudantes dos ensinos fundamental e médio em escolas públicas localizadas no município do Rio de Janeiro. Ambos os estudos demonstram que há um alto índice de insatisfação corporal. No estudo de Palma et. al. (2013) a prevalência de insatisfação corporal foi de 93,58% quando verificado o desejo de alterar, em qualquer quantidade, a massa corporal; e de 42,48% quando observada a vontade de modificar o peso corporal em valores superiores a 10% do peso atual.

Todavia como apresentado nesse estudo quando nos referimos à temática corpo existem inúmeros aspectos que não podemos desconsiderar, justamente por envolver questões históricas, sociais e culturais. Há que se considerar, por exemplo, as representações de corpo que são atribuídas por esses jovens, bem como os cuidados com o corpo que são privilegiados pelos mesmos, para que se possa compreender quais os possíveis fatores estão atrelados a forma como esses jovens veem a sua imagem corporal, não atribuindo este fato apenas as suas medidas corporais e/ou o desejo em possuir outras medidas que não as suas. Desse modo, Damico (2006, p.107) apresenta como as questões sociais exercem forte impacto na forma como o corpo é “construído”, o que também colabora na imagem corporal que os jovens têm de si:

[...] o corpo emerge como território e, ao mesmo tempo, como um potente operador de diferenciações: ele é entendido e vivido tanto como o lugar de inscrição da identidade e da diferença quanto como referência de sistemas de classificação e hierarquização social os quais permitirão que “o sujeito seja reconhecido como pertencente a determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo: que possa (ou não) usufruir de direitos (...) que seja, em síntese, aprovado, tolerado, rejeitado” (LOURO, 2008, p. 83-84).

Frente ao que fora abordado neste subcapítulo, e através da análise dos relatos que as jovens apresentaram, pude compreender que nem todas as jovens partilham dos mesmos cuidados. Algumas jovens priorizam a alimentação, fazendo

trocas de alimentos que consideram ser “menos saudáveis”, enquanto outras cuidam mais da parte estética, fazendo uso de maquiagem e cremes corporais, por exemplo. Ainda há aquelas que fazem exercícios físicos para cuidar do corpo, ou até mesmo as que transitam entre todos os cuidados que foram classificados nesse estudo (cuidados com alimentação, estéticos e exercícios físicos). O que vale ressaltar é que compreendi que todas as adolescentes que acompanhei nesse estudo estabelecem algum tipo de cuidado com o seu corpo, embora não estejam necessariamente ligados a uma supervalorização do corpo como eu acreditava que as jovens apresentariam, por estarem em uma idade em que o corpo exerce um papel central na forma como as meninas constroem a sua identidade. Desse modo, parece que a fase da adolescência, que carrega consigo certa transitoriedade da infância para o mundo adulto, exerce influência também na forma como as jovens cuidam do corpo, já que seus discursos são múltiplos e por vezes frágeis no sentido de que ainda estão se afirmando e vivenciando diversas formas de cuidados nessa relação com o próprio corpo.

Dessa maneira, o próximo subcapítulo irá tratar da forma como esses temas aparecem na escola e nas aulas de Educação Física, procurando compreender se existe diversificação das práticas corporais oportunizadas para os jovens, se há escuta aos mesmos, bem como quais os espaços e projetos para tratar do tema corpo a escola e as próprias aulas de Educação Física têm contemplado. Nesse sentido, entendo que a escola como um espaço social e de interação dos sujeitos tem um lugar central quando falamos sobre corpo, visto que também é o local que se constroem representações de corpo.

4.3 PRÁTICAS ESCOLARES E SEUS IMPACTOS SOBRE CORPO DE JOVENS ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO

A escola, como instituição social, tem um forte papel na formação dos sujeitos, bem como na difusão de valores e comportamentos, o que por sua vez impacta diretamente na construção das representações dos alunos no que diz respeito ao corpo. Segundo Pérez Gómez (2000) a peculiar função da escola é atender e canalizar o processo de socialização. Desse modo, a escola, através dos conteúdos e dos sistemas de organização, introduz progressivamente nos alunos/as, as ideias, os conhecimentos, as concepções, as disposições e os modos de conduta

que a sociedade adulta requer, contribuindo decisivamente para a interiorização das ideias, dos valores e das normas da comunidade. Todavia, o currículo escolar existente em algumas escolas se mostra frágil quando se trata em problematizar e tornar presente nas aulas, conteúdos pertinentes a temática corpo. Como apresentado no estudo de Isse (2011), no qual a autora relata que o tema por ser muito “complexo” acaba não sendo trabalhado na escola:

Estudar o corpo relaciona-se muito mais às Ciências da Saúde do que à Pedagogia. Estudar o corpo se constitui em apreender conceitos "científicos", em detrimento do compartilhamento de saberes, afetos, crenças, valores, medos, angústias que habitam os corpos escolares. A sensibilização do corpo, a plasticidade do corpo, o potencial criativo do corpo não são tomados como pautas de estudo do corpo. Isso tudo é muito complexo, isso tudo demanda muito tempo, isso tudo não segue critérios pré-fixados, isso tudo desestabiliza. Parece mais "prático" simplificar a existência corporal. Menos pedagogia e mais "ciência"! (ISSE, 2011, p.228).

Tal fato me fez investigar com as jovens como a escola, na qual elas estudam, bem como as aulas de Educação Física trabalham com o tema corpo. Desse modo, procurei compreender quais práticas corporais são oportunizadas a elas, se há diálogos sobre corpo nas aulas e se a escola propõe algum espaço ou projeto para ampliar a visão e reflexão das jovens no que diz respeito ao corpo. Com relação às práticas corporais desenvolvidas nas aulas de Educação Física, questionei as jovens se nas aulas os professores desenvolvem atividades pertinentes a esse tema, as jovens então relataram:

Só jogar vôlei e peteca é! (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

É que o sor dá só um alongamento básico. Ele não apresenta muito os temas pra nós (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

[...] o sor João só quer jogar, tipo larga a bola de vôlei dá um básico alongamento e tipo é vocês que se virem, façam alguma coisa [...] (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Frente ao apresentado, as jovens deste estudo narram que as aulas voltam-se especialmente para a prática física, na qual o professor não contextualiza sequer a modalidade que está sendo desenvolvida. Desse modo, pude entender que esse olhar para o corpo, bem como diálogos sobre esse tema, não se faz presente nas aulas de Educação Física desta escola. Segundo Isse (2011, p. 232) “a problematização do corpo ainda não foi reconhecida como algo visceral para as

aulas de Educação Física na escola. Ensinar apenas esportes e jogos ainda é, frequentemente, o limite do seu papel”.

De acordo com as meninas, nos demais anos do Ensino Médio elas também nunca falaram sobre corpo nas aulas de Educação Física e acrescentam ainda que tiveram, como conteúdos das aulas, basicamente esportes, como o vôlei e futebol, em todos os anos do Ensino Médio, ou nem isso, como relata uma das estudantes:

Ou tipo a gente com o Pedro, a gente só sentava e conversava, tipo era legal era, tipo a gente não estava a fim de fazer, mas tipo, se o professor nos motivasse toda aula com algum tema diferente, com algum assunto ou todo dia chegasse com uma animação própria a gente ia se motivar, ter uma animação. [...] (Taís, 17 anos, estudante do 3º ano do Ensino Médio).

Do mesmo modo, no estudo de Isse (2011), realizado com estudantes do primeiro ano do Ensino Médio de uma instituição escolar pública estadual do município de Lajeado/RS, intitulado "Corpo e feminilidade: um estudo realizado com meninas adolescentes no contexto da Educação Física escolar", a autora aponta que

O conhecimento do corpo e das feminilidades, que nele se constituem e se expressam, não eram identificados pelas meninas como possíveis conhecimentos da educação física e não faziam parte da agenda dessas aulas, que eram diretamente associadas às práticas esportivas e aos jogos ao ar livre, talvez porque suas aulas se restringissem a jogos de vôlei, futebol, handebol, basquete e caminhadas (Isse, 2011, p.231).

Com relação aos professores de Educação Física, uma pesquisa realizada por Silva, Silva e Lüdorf (2015) com 21 professores de Educação Física atuantes no ensino médio, em escolas públicas e estaduais no Rio de Janeiro, os autores analisaram e discutiram concepções de corpo veiculadas nas relações de ensino-aprendizagem da Educação Física no ensino médio. Desse modo, o que ganha destaque na pesquisa é que a prática pedagógica para este nível de ensino está principalmente voltada para o incentivo da prática corporal, em uma perspectiva de combate ao sedentarismo e à defesa da prática regular de exercícios físicos. Os professores também demonstraram considerável preocupação com o desenvolvimento das capacidades físico-esportivas dos alunos, bem como com a abordagem de conteúdos e vivências envolvidos nas tendências renovadoras da área. O que os autores apresentam é que parece haver diferentes concepções de corpo observadas no discurso dos professores, uma vez que um mesmo professor

pode ter apresentado concepções híbridas de corpo. Além disso, os professores se apoiam a partir de múltiplos referenciais que orientam a área de Educação Física, o que nem sempre possui natureza teórica semelhante. Entretanto, o que mais chamou minha atenção foi a fala de um professor, que reduz o corpo apenas as suas funções biológicas, demonstrando que a realidade citada no início deste subcapítulo pela autora Isse (2011) se faz presente através deste exemplo:

[...] a partir do momento que você consegue passar um conteúdo para ele, passar uma unidade, dar um voleibol, o corpo ele está inserido dentro de uma preparação física que você queira fazer naquele esporte, que uma criança aguarde andar corretamente, correr corretamente (SILVA; SILVA e LÜDORF, 2015, n.p.).

Para além do que fora supracitado e que também fora discutido nos subcapítulos anteriores, vale ressaltar que quando falamos em corpo estamos envolvendo inúmeras questões, como apresenta Goellner (2008, p. 29)

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Além disso, as jovens do presente estudo relatam que os professores de Educação Física que estão há muito tempo no Ensino Médio se mostram desmotivados a dar aula, bem como oferecer uma diversidade de práticas corporais. Desse modo, Chicati (2000, *apud* SILVA et al. 2015, p.2) “sugeriu que as aulas de Educação Física neste nível de ensino ultrapassassem as abordagens desportivas a fim de promover a motivação dos alunos durante as aulas”. Todavia, quando os estagiários de Educação Física assumem a turma por um período de tempo as estudantes relatam que as aulas apresentam maior diversidade, o que acaba oportunizando novas práticas e conhecimentos aos alunos. Através dos relatos das jovens, pude perceber também que elas vêm isso de forma positiva, destacando que os estagiários chegam com maior motivação para dar as aulas, como apresentado nas falas das jovens:

Acho que quando a gente mudou de rotina foi quando os estagiários, vocês vieram, esse ano que foi o pilates que a gente aprendeu e foi bem legal e agora o yoga (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Os que estão começando agora no estágio vêm mais com gás e aí a gente acaba se beneficiando com eles (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Eu acho tipo, que os professores de Educação Física quando estão há muito tempo no ensino médio eles já começam a ficar desmotivados a querer motivar os alunos a fazer alguma coisa, [...]. Eu acho que os professores já tinham que vir com essa energia de todo ano estar querendo motivar os alunos a fazer alguma coisa, tipo vocês, já deu uma mudada geral em pouco tempo na gente. Fez a gente a pensar totalmente diferente sobre a relação com o corpo (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Ainda com relação as aulas de Educação Física, as jovens fazem uma crítica a postura dos professores, bem como a forma de avaliação dos mesmos, pois relatam que os professores acabam se “acomodando”, e também não avaliam os alunos que não “fazem nada”, o que faz com que as jovens se acomodem também. Entendo que tal situação está comprometendo de forma bastante significativa o aprendizado destas jovens, pois esse tempo destinado para as aulas de Educação Física, se mostra favorável para que se debatam diversos temas, como por exemplo, a temática corpo, já que tal conteúdo pode ser apresentado com o intuito de mostrar e problematizar as diversas representações de corpo existentes. Frente ao apresentado, as jovens relatam que:

Os professores que tem todo esse tempo, três anos com a gente não acabam fazendo nada. Acabam se acomodando, é isso que os professores tinham que ter hoje em dia tipo, motivação de querer motivar os alunos. Porque eles acabam entrando na zona de conforto deles e a gente entra na nossa zona de conforto. E aí cada um tipo, a vou largar a bola e vocês ganharam presença e ganham nota boa (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

E quando não ganham (está se referindo a “nota boa”) chegam aqui, o sor, que que o sor manda fazer? Faz nada! Joga um volezinho aí! (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Saindo especificamente das aulas de Educação Física e tentando compreender se as demais disciplinas, bem como a escola como um todo propõe algum espaço ou projeto para ampliar a visão e reflexão das jovens no que diz respeito ao corpo, pude identificar o tema corpo está invisibilizado na escola. Segundo Isse (2011, p.228) a escola por pautar-se muito em regras acaba falando de um corpo “ideal”, entretanto acaba não falando “do corpo que circula pelos ambientes da vida, que não são perfeitos, que não são previsíveis, que não são

lineares, que são, muitas vezes, ‘desregrados’”. Isso talvez se deva ao fato de que, com exceção da Educação Física, as demais disciplinas e conteúdos desenvolvidos na escola são realizados, na maioria das vezes, sem o corpo, e não somente pela exigência de o aluno ficar sem movimentar-se em cadeiras, mas, sobretudo pelas características dos conteúdos e dos métodos de ensino que colocam o aluno em um mundo diferente daquele no qual ele vive e pensa com seu corpo (GONÇALVES, 1994, *apud* GONÇALVES; AZEVEDO, 2007).

Frente a isso, ao questionar as estudantes sobre, por exemplo, se na disciplina de biologia em algum momento se desenvolveu algo com relação ao corpo, as estudantes responderam:

A Maria nunca estimulou isso, ela só dava planta pra gente, e agora essa daí só quer falar de genética e reprodução, só isso (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Os assuntos não são tão diversos assim (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Além disso, procurei olhar os murais dos corredores da escola, na tentativa de encontrar algo que pudesse ser pertinente ao tema corpo, mas não encontrei nada. Desse modo, ainda estranhando a possibilidade de este tema estar realmente oculto na escola, conversei com as jovens com a finalidade de saber se nos seminários integrados⁹, que atualmente está presente no currículo do Ensino Médio, algum professor trabalha ou já trabalhou com alguma questão que envolvesse corpo, frente a isso, as estudantes responderam:

A gente só fica sentada na frente do computador (Lara, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

A professora só tá querendo que a gente faça um tal de um trabalho que é pro dia onze de novembro (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Isa- senta faz três parágrafos e entrega! (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

⁹ No seminário Integrado os alunos desenvolvem atividades de pesquisa, colocando em prática os conhecimentos teóricos. A nova modalidade também busca preparar os jovens para a sua futura inserção no mundo do trabalho ou para a continuidade dos estudos no nível superior. Disponível no site da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/ens_medio.jsp?ACAO=acao1 Acesso em 12 de novembro de 2015.

Na verdade tá uma coisa assim bem robótica: senta, escreve e entrega (Lívia, 18 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Dessa forma, pude compreender através do trabalho de campo que as jovens não são estimuladas a estudar e refletir sobre corpo, pois não há espaços para isso na escola. Entretanto, pude constatar que nas aulas em que tive a oportunidade de apresentar esse tema para elas, a fim de discutir, problematizar e pensar sobre corpo, as estudantes se mostraram receptivas e passaram a participar cada vez mais dos debates que ocorriam nas aulas. A fala de uma delas demonstra um pouco desse sentimento.

[...] Tipo, eu nunca pensei que eu fosse curtir dois períodos de Educação Física e ainda pedir pra ter mais (Taís, 17 anos, estudante do 3ºano do Ensino Médio).

Da mesma forma, no estudo de Isse (2011, p. 227), as meninas também demonstravam desejo em estudar a temática corpo, como apresentado pela autora:

As meninas demonstravam interesse em estudar esse corpo do não movimento, da não relação, do isolamento, do não gênero, da não raça, da não geração, da não classe social... O corpo das páginas dos livros didáticos e das revistas femininas, das imagens e discursos das campanhas de saúde, das falas dos especialistas, das manchetes de jornais... [...] O corpo desejado socialmente, o corpo que está fora do próprio corpo. Não é do corpo social ou cultural que se fala, mas do corpo individual, destituído de sua singularidade (DAOLIO, 1994, *apud* ISSE, 2011, p.227), que se produz em função do autocuidado.

Portanto, acredito que é possível desenvolver os temas que envolvem corpo na escola, como tive a oportunidade de realizar com as adolescentes no Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Médio, até por que este tema se mostra muito pertinente e presente na vida destas jovens. Ao ocultar esse tema nas aulas de Educação Física, continuaremos reproduzindo que esse espaço se dedique especialmente “para praticar exercícios físicos e/ou jogar, não para conhecer, refletir, trocar, interagir ou questionar a respeito do próprio corpo e dos corpos dos outros” (ISSE, 2011, p. 232).

Consequentemente, a partir dessa pesquisa pude aprender que a construção das representações de corpo das jovens participantes desse estudo não ganha visibilidade na escola, mesmo esse tema sendo latente na vida destas jovens. Dessa maneira, acredito que os demais espaços da sociedade, como por exemplo, a família, os amigos, bem como os locais que as jovens frequentam, as tecnologias

que elas utilizam e a própria cultura local na qual as jovens estão inseridas, estejam estimulando e exercendo mais reflexões e questionamentos sobre corpo, que a própria escola. Pérez Gómez (2000) aponta que

[...] os processos de socialização que ocorrem na escola acontecem também, e preferencialmente, como consequência das práticas sociais, das relações sociais que se estabelecem e se desenvolvem em tal grupo social, em tal cenário institucional (PÉREZ GÓMEZ, 2000, p. 17).

Frente a isso, segundo um estudo realizado por Figueira e Goellner (2005), as autoras analisaram todas as edições publicadas em 2001 e 2002 da revista *Capricho*¹⁰ e discutiram a promoção do estilo atlético como uma forma de produção de uma representação do corpo adolescente feminino contemporâneo. As autoras discutem que jornais e revistas, *outdoors*, sites da Internet, livros especializados e a mídia televisiva, entre outros, disponibilizam uma série de informações a serem acessadas por aqueles que a elas dedicam algum interesse. Deste modo, essas informações provocam várias e sutis questões relacionadas ao corpo, aparência e comportamento, pois pensar o próprio corpo na atualidade é, segundo as autoras, pensar sobre si mesmo e sobre a identidade de cada um. Assim, ao analisarem os conhecimentos que a *Capricho* produz sobre o corpo adolescente feminino, as autoras apresentam que

[...] ela exerce também uma pedagogia, visto que nas suas páginas se estruturam circunstâncias e espaços que desencadeiam aprendizagens. Razão pela qual a *Capricho* é observada como uma instância pedagógica, que ao produzir e reproduzir múltiplos saberes e conhecimentos sobre atividade física, saúde, corpo e beleza acaba, também, por ensinar a adolescente a ser saudável, ativa, bela, atraente e moderna. Isto é, educa seu jeito de ser, de se exercitar, de se comportar, vestir, andar, aparentar e de ser saudável, fundamentalmente, quando investe na divulgação de práticas de promoção de saúde e qualidade de vida associando-as com o gerenciamento do corpo (FIGUEIRA; GOELLNER, 2005, p.89).

Neste sentido, diferentes representações de corpo estão sendo “produzidas” também fora da escola e por vezes articulando-se ou até mesmo entrando em conflito no ambiente escolar, sem que a escola exerça de fato o papel de problematizar essas questões com as jovens. Segundo Pérez Gómez (2000, p.19)

¹⁰ A revista *Capricho*, da Editora Abril, é um produto da mídia direcionado para o público adolescente, apresenta ampla circulação em todo o território nacional e há muito tempo circula e lidera o mercado editorial brasileiro dirigido a este público.

[...] nas aulas, em que reina uma aparente disciplina e ordem impostos unilateralmente pela autoridade indiscutível do professor/a, e em particular em tais aulas, ocorre um potente e cego movimento de resistências subterrâneas que minam todos os processos de aprendizagem pretendidos, provocando, a médio e longo prazo, no pensamento e na conduta dos alunos/as, os efeitos contrários aos explicitamente pretendidos. O professor/a acredita governar a vida da aula quando apenas domina a superfície, ignorando a riqueza dos intercâmbios latentes.

Frente ao apresentado, através desse estudo procurei debater esse tema a fim de compreendê-lo com maior profundidade, todavia percebi que olhar apenas para uma escola é um fator limitador, ao passo que cada escola possui grupos e realidades distintas, assim surge o questionamento se essa realidade encontrada nessa escola também se faz presente em outros contextos de ensino-aprendizagem. Aflora então o desejo em dar continuidade nesse estudo, investigando outras escolas, de diferentes bairros tanto no ensino público, como no ensino privado, a fim de compreender melhor os desdobramentos da temática corpo, que com certeza não se esgotaram nessa pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei essa pesquisa deveras apreensiva devido ao fato de fazê-la concomitantemente com o Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Médio. Desse modo, sabia que tal feito seria desafiador, ao passo que precisava estar atenta as demandas da aula e ao mesmo tempo atenta as demandas da pesquisa. Além disso, a escola em que estagiava estava passando por um período de fragilidade, visto que os salários dos professores não estavam sendo pagos pelo atual governo, o que culminou em dias de greve. Frente a essa situação, o sentimento de que meu trabalho poderia estar comprometido tomou conta de mim. Entretanto, quando as aulas retornaram, me deparei com uma turma excelente, que respondeu muito bem as propostas das aulas, aos debates, bem como ao grupo de discussão. Assim, consegui equalizar ambas as demandas, a de professora e a de pesquisadora, mas privilegiando sempre a escuta, a sensibilidade e o olhar apurado, a fim de compreender o fenômeno a que me propus investigar nessa pesquisa. Ao final desse trabalho percebo o riquíssimo aprendizado que tive, pois embora eu tenha me sentido enormemente desafiada, ao longo das aulas pude criar vínculo muito forte com as jovens, o que fez com que eu obtivesse êxito em ambas as dimensões, tanto no estágio, como na pesquisa.

Com esse trabalho pude entender que as representações de corpo apresentadas pelas jovens se mostram heterogêneas e não lineares, pois nem todas as jovens partilham do mesmo pensamento acerca de um suposto “corpo perfeito”. Além disso, a partir do relato das estudantes, pude perceber que a maioria delas valoriza o seu corpo como ele é e isso é algo que me surpreendeu positivamente nessa pesquisa. Tal surpresa se deve ao fato de que somos diariamente influenciados por discursos que nos induzem ao uso de diversos artifícios como dietas, procedimentos estéticos, uso de medicamentos, enfim, na busca por determinados estereótipos que circulam e disputam pretensão de validade na nossa sociedade. Dessa forma, parece que as jovens estão muito mais preocupadas com relação aos seus estudos, devido a estarem se preparando para seguirem uma carreira, realizar vestibular, concursos, se preparar para o mercado de trabalho, constituindo-se em demandas que mais tomam seu tempo e energia, que a busca por um suposto corpo ideal, mesmo este sendo o mais valorizado pelos meninos da sua idade, na perspectiva delas.

Entretanto, apesar de elas falarem do próprio corpo de uma maneira positiva, surgem posições contrárias a isso, quando algumas meninas apresentam, por exemplo, o desejo em realizar algum procedimento estético ou até mesmo mudar algo no seu corpo. Desse modo, parece haver um paradoxo na medida em que as meninas sustentam uma posição, mas em contrapartida acenam com outra, trazendo-nos a ideia de que as formulações sobre a temática corpo não são hegemônicas. Além disso, não há um consenso entre as jovens sobre querer emagrecer, fazer procedimentos estéticos, bem como amar seu corpo como ele é, demonstrando que as representações de corpo são paradoxais e transitórias, já que essas também mudam com o passar do tempo, bem como frente a algum episódio que ocorra em sua vida.

A partir dos relatos das estudantes é possível também destacar como cada menina manifesta, a partir da sua subjetividade, características singulares e com isso fica difícil de construir um parâmetro absoluto de como as pessoas compreendem o corpo. O que me permite compreender que as formulações totalizadoras não parece estar presentes nesse grupo estudado. Todavia, em diversas vezes a fala das estudantes seja em aula ou até mesmo no grupo de discussão, volta-se para a saúde, parecendo ser algo que elas julgam fundamental quando se trata do tema corpo. Dessa forma, as jovens, muitas vezes acabam justificando certos cuidados com o corpo como forma de prevenção.

Outro ponto relevante do trabalho de campo é que as estudantes relatam a imposição das pessoas e da família para emagrecer, o que afeta na forma como as meninas lidam com o corpo. Assim, podemos compreender que um dos aspectos que na relação com o corpo tem sido manifestado pelas jovens é uma certa vigilância, suspeita e até mesmo controle sobre a alimentação. Dessa forma, as jovens se mostram bastante preocupadas em controlar aquilo que comem, bem como a quantidade ingerida. Todavia, quando questionadas se alguém já havia feito ou faz alguma dieta e o porquê de fazerem, as respostas foram diversas, mas o que vale ressaltar é que nem todas as meninas fizeram ou fazem dieta como eu acreditava que estaria presente na fala das mesmas.

Tal fato me leva a pensar que quando o assunto envolve cuidados com o corpo, aqui me referindo especialmente as dietas, as respostas não são tão absolutas assim, mesmo se tratando de um grupo de jovens com idade semelhante. Além disso, pude perceber que existe uma certa transitoriedade com relação aos

cuidados que atribuímos ao nosso corpo em determinados momentos da nossa vida, ou seja, nem sempre fizemos as mesmas escolhas, seja de alimentos, ou de outras ferramentas que podemos usar para cuidar do corpo. Todavia, vale ressaltar que o objetivo de fazer dieta apresentado pelas jovens nem sempre é emagrecer com a finalidade estética, o que frequentemente somos levados a pensar através dos meios de comunicação em massa, quando ganham destaque, por exemplo, as dietas para chegar ao “verão em forma”. Desse modo, as jovens participantes desta pesquisa, desconstruem esse pensamento quando falam das dietas com a finalidade de cuidado com a saúde, ou até mesmo para engordar.

Outro ponto importante com relação aos cuidados do corpo, diz respeito aos cuidados estéticos que as jovens apresentaram nesse estudo, o que ganha destaque nos relatos das estudantes estão principalmente relacionados ao cabelo, roupa, unhas, cremes, perfume e aparência da pele. Assim como fora relatado quanto as dietas, não há um consenso entre elas com relação a esses cuidados, pois cada uma atribui maior importância para algum deles, demonstrando assim as inúmeras formas de cuidados estéticos que as jovens lançam mão para cuidar do seu corpo. Também pude perceber a diversidade dos gostos quanto à roupa pela crítica que uma aluna faz a um determinado tipo de calça, que em contrapartida as demais possuem opinião distinta, demonstrando que cada menina tem seu gosto particular naquilo que irá vestir, ou seja, não parece haver um padrão de roupa mais apreciado pelas jovens.

Outros cuidados que as jovens utilizam para cuidar do corpo envolvem cremes corporais, perfume, batom, brincos, enfim, cada uma relata algo que julga ser imprescindível na sua relação com o corpo, o que me fez compreender que os cuidados do corpo vão muito além das dietas e exercícios físicos, mas envolve, por exemplo, a importância que cada sujeito atribui para um cuidado específico. A realização de exercícios físicos, por exemplo, ganha contornos diferentes para cada uma delas: enquanto algumas meninas fazem com vistas ao emagrecimento, outras não realizam.

As descrições construídas nessa pesquisa me fizeram entender que dentro de um mesmo grupo social, como é o caso dessas jovens, a singularidade de cada sujeito se faz presente. Com isso, as estudantes até podem partilhar de alguns cuidados em comum, mas não podemos afirmar que todas pensam e agem da

mesma forma, já que cada uma tem uma forma particular de dar significado, experimentar e descobrir o seu corpo.

Assim, pude compreender que nem todas as jovens partilham dos mesmos cuidados. Algumas jovens priorizam a alimentação, fazendo trocas de alimentos que consideram ser “menos saudáveis”, enquanto outras cuidam mais da parte estética, fazendo uso de maquiagem e cremes corporais, por exemplo. Ainda há aquelas que fazem exercícios físicos para cuidar do corpo, ou até mesmo as que transitam entre todos os cuidados que foram classificados nesse estudo (cuidados com alimentação, estéticos e exercícios físicos). O que vale ressaltar é que todas as adolescentes que acompanhei nesse estudo estabelecem algum tipo de cuidado com o seu corpo, embora não estejam necessariamente ligados a uma supervalorização do corpo como eu acreditava que as jovens apresentariam, por estarem em uma idade em que o corpo exerce um papel central na forma como as meninas constroem a sua identidade. Desse modo, parece que as demandas da adolescência, que carrega consigo certa transitoriedade da infância para o mundo adulto, exercem influência também na forma como as jovens cuidam do corpo, já que seus discursos são múltiplos e por vezes frágeis no sentido de que ainda estão se afirmando e vivenciando diversas formas de cuidados nessa relação com o próprio corpo.

No que diz respeito as aulas de Educação Física, as jovens deste estudo narram que estas voltam-se especialmente para a atividade física, na qual o professor não contextualiza a modalidade que está sendo desenvolvida. Desse modo, pude entender que esse olhar para o corpo, bem como diálogos sobre esse tema, não se fazem presente nas aulas de Educação Física desta escola. Segundo as meninas, nos demais anos do Ensino Médio elas também nunca falaram sobre corpo nas aulas de Educação Física e acrescentam ainda que tiveram, como conteúdos das aulas, basicamente esportes, como o voleibol e futebol, em todos os anos do Ensino Médio. Todavia, eventualmente quando os estagiários de Educação Física assumem a turma por um período de tempo, as estudantes relatam que as aulas apresentam maior diversidade, o que acaba oportunizando novas práticas e conhecimentos aos alunos. Através dos relatos das jovens, pude perceber também que elas vêm isso de forma positiva, destacando que os estagiários chegam com pretensões diferente do professor titular da turma, para dar as aulas.

Ainda com relação as aulas de Educação Física, as jovens fazem uma crítica à postura dos professores, bem como a forma de avaliação dos mesmos, pois

relatam que os professores acabam se “acomodando”, e também não avaliam os alunos que não “fazem nada”, o que faz com que as jovens se acomodem também. Entendo que tal situação está comprometendo de forma bastante significativa o aprendizado destas jovens, pois esse tempo destinado para as aulas de Educação Física se mostra favorável para que se debatam diversos temas, como por exemplo, a temática corpo, já que tal conteúdo pode ser apresentado com o intuito de mostrar e problematizar as diversas representações de corpo existentes.

Saindo especificamente das aulas de Educação Física e tentando compreender se as demais disciplinas, bem como a escola como um todo propõe algum espaço ou projeto para ampliar a visão e reflexão das jovens no que diz respeito ao corpo, pude identificar que tal tema está invisibilizado na escola. Pude entender que as jovens não são estimuladas a estudar e refletir sobre corpo, pois parece não haver espaços institucionalizados para isso na escola. Entretanto, pude constatar que nas aulas em que tive a oportunidade de apresentar esse tema para elas, a fim de discutir, problematizar e pensar sobre corpo, as estudantes se mostraram receptivas e passaram a participar cada vez mais dos debates que ocorriam nas aulas. Portanto, acredito que é possível desenvolver os temas que envolvem corpo na escola, como tive a oportunidade de realizar com as adolescentes no Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Médio, até por que este tema se mostra muito pertinente e presente na vida destas jovens.

Conseqüentemente, a partir dessa pesquisa pude aprender que a construção das representações de corpo das jovens participantes desse estudo não ganha visibilidade na escola, mesmo esse tema sendo latente na vida destas jovens. Dessa maneira, acredito que os demais espaços da sociedade, como por exemplo, a família, os amigos, bem como os locais que as jovens frequentam, as tecnologias que elas utilizam e a própria cultura local na qual as jovens estão inseridas, estejam estimulando e exercendo mais reflexões e questionamentos sobre corpo, que a própria escola.

Frente ao apresentado, vale ressaltar que as representações de corpo, os cuidados com o corpo, bem como as práticas escolares voltadas para o entendimento de jovens no que diz respeito ao corpo, discutidas nessa pesquisa, foram formuladas por um grupo de meninas do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública. Desse modo, um fator limitador do trabalho é justamente apresentar resultados de um grupo específico. Há a necessidade então de ampliar esse estudo,

procurando analisar grupos distintos, ou seja, diferentes populações de jovens, em diferentes contextos, trazendo assim mais elementos para a compreensão desse tema que não se esgota nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Sandra dos Santos. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p.119-143, jan./abr. 2003.
- BUSSE, Salvador de Rosis. **Anorexia, bulimia e obesidade**. Baueri, São Paulo: Manole, 2004.
- COSTA, Elaine Melo de Brito; VENÂNCIO, Silvana. Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 1, p.59-74, mar. 2004.
- DAMICO, José Geraldo Soares. Como olhar e pensar o corpo jovem. **Cadernos Cedés**, Campinas, v. 32, n. 87, p.153-163, mai./ago. 2012.
- DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Estermann. O corpo como marcador social saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p.103-118, maio 2006.
- DAMICO, José Geraldo Soares. O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos genericados. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 01, p.93-117, jan./abr. 2007.
- DAOLIO, Jocimar. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.24-28, jun. 1995.
- FIGUEIRA, MÁrcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p.87-99, jan. 2005.
- GARCIA, Rui Proença. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 6, p.61-71, jan. 1997.
- GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. A re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p.201-219, jul. 2007.
- ISSE, Silvane Fensterseifer. Aula de educação física não é lugar de estudar o corpo!? **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p.225-237, abr./jun. 2011.
- LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. 191 p.
- MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.289-300, maio./ago. 2004.

PALMA, Alexandre et al. Insatisfação com o peso e a massa corporal em estudantes do ensino fundamental e médio do sexo feminino no município do Rio de Janeiro. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p.51-64, mar. 2013.

PALMA, Alexandre et al. Os "pesos" de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p.99-119, out./dez. 2012.

PELEGRINI, Andreia et al. Insatisfação corporal associada a indicadores antropométricos em adolescentes de uma cidade com índice de desenvolvimento humano médio a baixo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 3, p.687-698, jul./set. 2011.

PEGORARO, Seris de Oliveira Matos; FREITAS, Deisi Sangoi. A ditadura do corpo perfeito: um estudo das representações sociais sobre corpo a partir de uma oficina pedagógica. **Revista Didática Sistemática**, Rio Grande, v. 12, p.28-43, 2010.

RIGO, Luiz Carlos; SANTOLIN, Cezar Barbosa. Combate à obesidade: uma análise da legislação brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p.279-296, abr./jun. 2012.

RODRIGUES, José Carlos. Corpo ou corpos? In: RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986. Cap. 2. p. 43-69.

SALVIVI, Leila; MYSKIW, Mauro. As manipulações do corpo na representação da imagem social de alunas nas aulas de Educação Física. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 12, n. 3, p.1-11, dez. 2009.

GIMENO SACRISTÁN, José; PÉREZ GÓMEZ, Angel. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 397p.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Anagrama: Revista Interdisciplinar da Graduação**, São Paulo, v. 1, p.1-12, set./nov. 2008.

SANTOLIN, Cezar Barbosa; RIGO, Luiz Carlos. O nascimento do discurso patologizante da obesidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p.81-94, jan./mar. 2015.

SEIXAS, Cristiane Marques; BIRMAN, Joel. O peso do patológico: biopolítica e vida nua. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p.13-26, jan./mar. 2012.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Campinas: Autores Associados, 2001. 144 p.

SILVA, Fernanda Azevedo Gomes da; SILVA, Luis Aureliano Imbiriba; LÜDORF, Silvia Maria Agatti. Concepções de corpo e a prática pedagógica dos professores de Educação Física do Ensino Médio. **Pensar A Prática**, Goiânia, v. 18, n. 1, n.p., jan./mar. 2015.

SILVA, Matheus Castro da; BAPTISTA, Guilherme Gonçalves. O corpo na/da escola: as possibilidades da educação física escolar na (des) construção das representações corporais. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 18, p.177-195, jul. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas S.a., 1987. 175 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Natureza da pesquisa: você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Representações de corpo por estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre**”, vinculada à Escola de Educação Física da UFRGS.

2. Participantes da pesquisa: O principal responsável pela pesquisa é o Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki, que pode ser encontrado em horário comercial no seguinte endereço: Rua Felizardo, 750; bairro Jardim Botânico; Porto Alegre/RS. CEP: 90690-200.

3. Sobre as entrevistas: Trabalharemos com grupo focal semi-estruturado, com duração entre 30 a 50 minutos, para colher informações sobre as representações de estudantes de ensino médio acerca de corpo. Esta entrevista será gravada, depois transcrita e posteriormente devolvida a você para conferir o que foi registrado.

4. Riscos e desconforto: Sua participação nesta pesquisa não traz complicações legais, nem riscos a sua saúde ou a sua dignidade. O inconveniente maior será a dedicação de um tempo para responder às questões da entrevista. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com seres humanos, conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

5. Confidencialidade: Os dados obtidos serão utilizados pelos estudantes e professores da Escola de Educação Física da UFRGS para a elaboração de monografia de conclusão de curso da aluna Gabriela Fátima Zardo, artigos científicos, capítulos de livros. O material resultante do trabalho ficará depositado na Escola de Educação Física da UFRGS. Todas as informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Em todas as etapas da pesquisa será preservada sua identidade, bem como as identidades de todas as pessoas por você referidas;

6. Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que esta pesquisa traga informações relevantes para que construa um posicionamento crítico frente ao assunto, e passe a desconstruir padrões de corpos impostos, se questionando sobre o mesmo.

7. Despesas: você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que seguem abaixo:

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo “**Representações de corpo por estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Porto Alegre**”. Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo.

_____/_____/_____
Assinatura do sujeito ou representante legal Local Data

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

_____/_____/_____
Assinatura do responsável pela pesquisa Local Data

APÊNDICE B – ROTEIRO DE QUESTÕES DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Idade: _____ Sexo: _____ Série: _____

- 1) Como é o convívio entre vocês dentro dos espaços da escola, na sala de aula, no recreio e em quadra?
- 2) Sobre o que vocês mais conversam no recreio?
- 3) Quais são as piadas que vocês mais costumam ouvir?
- 4) O que mais incomoda vocês nessa idade?
- 5) Existe alguma preocupação com relação ao corpo? Como vocês lidam com isso?
- 6) Vocês costumam falar sobre isso na escola? Ou falam em outros lugares com pais e amigos?
- 7) O que vocês percebem que é mais valorizado entre vocês com relação ao corpo?
- 8) Quais são as preferências de vocês com relação ao corpo, cabelo, roupa, estudo e tempo livre?
- 9) Vocês costumam cuidar do corpo? Como?
- 10) Na opinião de vocês, as aulas de Educação Física trabalham de alguma forma com esse tema?

APÊNDICE C- PERFIL DO ESTILO DE VIDA INDIVIDUAL (PEVI)

A) Sua alimentação diária inclui ao menos 5 porções de frutas e verduras.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

B) Você evita ingerir alimentos gordurosos (carnes gordas, frituras) e doces.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

C) Você faz 4 a 5 refeições variadas ao dia, incluindo café da manhã completo. [0]

nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

D) Você realiza ao menos 30 minutos de atividades físicas moderadas ou intensas, de forma contínua ou acumulada, 5 ou mais dias na semana.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

E) Ao menos duas vezes por semana você realiza exercícios que envolvam força e alongamento muscular.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

F) No seu dia-a-dia, você caminha ou pedala como meio de transporte, preferencialmente, usa as escadas em vez do elevador.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

G) Você conhece sua pressão arterial, seus níveis de colesterol e procura controlá-los.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

H) Você não fuma e ingere álcool com moderação* (menos de 2 doses ao dia). [0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

*Se você nunca fuma ou ingere álcool com moderação, deve escolher a opção 3 – sempre

I) Você sempre usa cinto de segurança e, se dirige, o faz respeitando as normas de trânsito, nunca ingerindo álcool, se vai dirigir.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

J) Você procura cultivar amigos e está satisfeito com seus relacionamentos.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

k) Seu lazer inclui reuniões com amigos, atividades esportivas em grupo ou participação em associações.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

l) Você procura ser ativo em sua comunidade, sentindo-se útil no seu ambiente social.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

M) Você reserva tempo (ao menos 5 minutos) todos os dias para relaxar.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

N) Você mantém uma discussão sem alterar-se, mesmo quando contrariado. [0]

nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

O) Você procura equilibrar o tempo dedicado ao trabalho com o tempo dedicado ao lazer.

[0] nunca [1] raramente [2] quase sempre [3] sempre

O que você achou desse questionário?

APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

Eu- o grupo de discussão é pra gente discutir e pra gente tentar entender um pouquinho melhor, no meu caso, é como vocês pensam, como os jovens pensam, pra gente poder usar isso para as aulas ficarem melhores, né! Que os objetivos das pesquisas é sempre isso né, é que a gente entenda como funciona determinado fenômeno, pra depois a gente poder de uma melhor maneira conduzir ele, assim como eu espero estar conseguindo fazer com vocês assim, a partir das conversas, de entender como vocês agem, como vocês pensam, porque o professor se aproximando dessa forma eu acho que é muito mais produtivo o nosso trabalho sabe! Esse, essa fala que a gente tem aqui de igual para igual faz com que o aluno também nos dê um retorno diferente. Eu não estou aqui para ser algo superior a vocês, né! Então acho que toda essa contribuição que a gente pode fazer na vida também dos alunos vai muito ao encontro disso. A hm, falando um pouquinho então só sobre a dinâmica eu tenho um roteiro de questões, como eu falei eu vou lançar a questão e vou tentar falar menos, tá porque, deixar vocês discutirem, porque eu sou muito metida, e eu gosto de falar, então eu vou ter que me segurar pra não falar, talvez eu só venha a fazer algumas considerações assim, a hm, intermediar a discussão tá. A hm, além disso, assim se vocês tiverem receio de falar alguma coisa, e não quiserem responder, tranquilo também, eu não estou aqui pra obrigar vocês a falarem, se vocês quiserem falem se não quiserem não falem, não vai ser um problema isso. A hm, todas as questões elas vão estar relacionadas ao corpo de vocês, que dê das nossas primeiras aulas a gente tá trabalhando com isso, né! Com corpo, com mente, com essa questão assim da gente tentar entender um pouquinho mais como funciona isso. Primeira questão, Eu- tá com dor na perna, Lara- adormeceu, Eu- sério? Enformigou? Tenta esticar ela vai doer um pouquinho, mas depois passa. Isso! Fiquem na posição que vocês quiserem tá gente não precisa ficar em lótus, fazer o grupo de discussão em lótus. (Risos de todas) já que a gente faz yoga, o grupo de discussão é em lótus, bah! Essa parte vou ter que cortar. Vou transcrever um monte de bobagem! (Risos de todas) vou dar risada quando estiver escutando. (Risos de todas) Vão pensar meu Deus que TCC que ela vai fazer. Ai, tá! A primeira questão que eu lanço pra vocês é como é o convívio de vocês nos espaços da escola, na sala de aula, a hm, em quadra, como que é no recreio, (Burburinho delas) como que é o convívio com as outras pessoas, nesses

espaços que eu falei, na sala, no recreio, na quadra, pausa, pois entrou uma moça oferecendo ingressos. Retornando para nossa pergunta, como que é o convívio de vocês, não vou explicar tá, convívio é convívio. Acho que a pergunta vocês entenderam, assim. Taís- acho que é bom, a gente se dá bem com todo mundo, mas tem os seus grupinhos, tipo, cada um tem seus grupinhos, pela afinidades, tipo, tem gente que se dá com todo mundo, mas sempre tem na hora do recreio uns que ficam com seus grupinhos, eu a Deise e a Lisa a gente se fecha mais, tipo, a Lara a Elis, tu, (Lívia) a Nátali, ficam mais num outro, tipo cada um tem seus grupinhos, tem mais afinidade, tem mais papo, tem mais conversa, mas todo mundo se dá super bem, a gente se interage, quando tem que fazer alguma coisa junto, todo mundo vai, se engaja. Lara- a gente é bem unido. Taís- a gente é bem unido. Lara- quando tiver que juntar todos, a gente faz, lembra o ano passado. Taís- tipo a gincana. Lara- a gente dançou ragatanga. Taís- foi lindo! Lara- foi legal! A gente ganhou em 3º lugar em todo o colégio, Taís- a gente arrasou! Lara- na dança, mas na gincana a gente ficou em 6º. Eu- Bah que show! Alguém- Mas em questão de convívio. Taís- todo mundo se dá bem né! Lara- na nossa turma a maioria todo mundo se respeita. Taís- é tipo comparando os outros terceiros anos. Lívia- meu único problema é na hora das aulas que ninguém cala a boca. Taís- ainda mais em matemática que o assunto é sério. Lívia- É, o pessoal não respeita o professor. Taís- tem umas brincadeiras né, que são desnecessárias, mas a gente leva de boa porque a gente conhece as pessoas, sabe que é o jeito delas, então a gente acaba relevando. Lívia- esse ano tá mais tranquilo acho quanto às desavenças entre os colegas. Taís- o ano passado tinha mais briguinhas por causa do grupo da Rafaela, eles eram mais excluídos. Eu- eles brigavam? Lívia- É, eles brigavam, não chegavam a se pegar no pau, mas ficavam se ofendendo. Taís- o grupinho excluía o resto da turma. (Burburinhos) Eu- Mas o que mudou, mudou que essas pessoas saíram da escola? Lara- saíram, aí parece que a turma se uniu mais, a Rebeca, por exemplo, a Rebeca ficava com elas, agora ela fica com a gente, mas a Rebeca sempre se deu bem com a gente. Eu- entendi! Lara- a gente sempre se deu bem, é só essa coisa de ficar afastado, e claro tinha desavenças entre pessoas, digamos não toda a turma com elas, mas pessoas em si separadas. Eu- e daí esse ano tá diferente porque saíram e tão mais unidos. Taís- também acho que terceiro todo mundo quer mais aproveitar do que ficar brigando. Eu- aproveitar em que sentido? Todos? Taís- todo mundo quer tipo ter boas lembranças desses três anos que tiveram, reunir boas histórias pra fechar o

ano bem, tipo a gente nunca mais vai se ver depois, cada um vai pra um lado. Eu- verdade! Taís- cada um tem que ter coisas boas pra guardar dos outros. Eu- é verdade! Eu eu acho que isso é importante né de vocês terem percebido né, porque podiam não ter percebido isso e ter continuado brigando, ou sei lá. Taís- Cada um se excluir ao invés de se unir. Eu- e aí é como tu disse, a lembrança que vai ficar não vai ser a melhor que poderia, e realmente vocês não vão ver mais a galera porque é assim, cada um tem um caminho. Taís- é que nem no ensino fundamental, a gente se formou no ensino fundamental e muitos se separaram, no ensino médio vai ser a mesma coisa. Lara- eu, por exemplo, só duas que eu falo e sempre foram minhas amigas, o resto. Taís- eu não converso com nenhuma, quem era minha colega mesmo eu não converso, nove anos juntas pra depois se afastar. Lara- tanto que essas minhas amigas que eu falo elas conhecem minhas amigas de agora, eu conheço as delas, entendeu a gente tentou unir tudo. Eu- Acham! É muito estranho isso né, como tu falou nove anos pensa junto e aí depois. Taís- naquele momento tu acha, não! Nunca mais eu vou te ver te ver, não vou sobreviver. Eu fiz isso com a minha melhor amiga no ensino fundamental, aí cheguei no ensino médio conheci outras pessoas e tipo, hoje a gente nem se fala, mal se da oi, tipo, nove anos de amizade pra acabar assim. Desnecessário. Eu- a hm, com relação a isso assim, o que vocês mais conversam? No recreio? (Risos de todas) Lívia- Bah! Taís- É tenso! Eu- é? Lívia- a Elis fala dos outros, (Risos de todas) ela adora falar dos outros. Rebeca- é sempre de arreganho eu vejo, pelo menos agora eu percebo que é de arreganho. Taís- eu e as gurias a gente fala muito de vestibular, a Deise principalmente, a gente quer dar na cara dela, porque a gente tenta esquecer o assunto e a Deise relembra. (Risos de todas) É que tipo ela chega num ponto que ela irrita. Lara- i sora, essas duas, isso aí tem história de briga. Taís- é eu e a Deise a gente já. Lara- só faltou se pegarem. Taís- é sincero o negócio. Pelo menos é sincero. Lara- aham! Taís- Mas todo mundo conversa de tudo. Eu- tudo? Taís- tudo, tudo, tudo. Lara- tudo, tudo, tudo mesmo sora. Eu- e o que seria esse tudo? Rebeca- não, a gente não conversa tudo. Lívia- a gente nem sabe o que é esse tudo, a gente conversa várias coisas. Eu- tá, a Elis fala dos outros, aí vocês dão corda no mínimo, pra dar risada também né. Lívia- depende, eu às vezes tenho uns problemas com a Elis. Lara- às vezes eu também não gosto de algumas coisas. Taís- sempre tem algum assunto que uma pessoa do grupo que a gente tem mais afinidade que a gente manera, vai com calma, se dá uma afastada. Lívia- exatamente isso aí! Eu-

Mas os assuntos assim além de vestibular e de falar dos colegas? Taís- vida pessoal, tipo, eu vejo as gurias só falar de namoro. Eu me sinto a intrusa porque eu não quero namorar nesse momento, eu só vejo elas falar de namorado, que namora há três dois anos. Lara- só ela que é solteira. Taís- eu não quero gente! Lara- do grupinho dela todo mundo namora. Taís- Tipo eu não quero, não vejo isso pra mim agora, eu já fui julgada por isso. Tipo eu prefiro focar nos meus estudos, eu quero viajar e tipo eu quero viajar muito e namorado não vai rolar, viajar do jeito que eu quero. Eu- é verdade! Taís- eu vejo pela minha irmã, ela teve que terminar o namoro dela pra conseguir viajar do jeito que ela gosta. Lívia- é que às vezes a pessoa não está na mesma sintonia que tu. Taís- prefiro viajar, curtir, aproveitar, conhecer outras culturas novas, do que me prender a uma pessoa só. Rebeca- pega um em cada canto. (Risos de todas) Eu- então tá, e assim, nessa relação de conversa, vocês costumam ouvir que tipo de piadinha, assim? Rebeca- ai, arriadas. Lara- Thales! Rebeca- se passam às vezes. Lara- é tem as vezes que se passam. Rebeca- Mas a gente engole pra não brigar. Lara- é! Eu- mas é da parte dos meninos? Todas- é! Lara- da nossa turma tem dois principais Jonathan e Thales (Risos). Algumas brincadeiras são a mais, desnecessárias. Lívia- eles falam coisas íntimas. Taís- desnecessárias! Lívia- não é assunto pra ficar falando. Taís- aí tá todo mundo lá se divertindo e chega os dois com uma piada nada a ver com o assunto, tipo, cara porque tu falou isso, tu estragou todo o momento legal. Lara- e às vezes gestos também, que o Thales tem mania de chegar e pá na bunda da gente, e não é legal sabe. Quando a gente tá, por exemplo, no recreio ele chega, ele tem mania de fazer isso na minha, que ele chega e pá com tudo na minha e dói sabe! Taís- ou falar de putaria. Lara- é! Taís- Tem vezes que é desnecessário Lívia- fazer o que? Taís- de putaria, que nem ele fez esses dias no recreio. Lívia- a sim ele tá sempre de putaria aquele guri. Não tem namorada! Eu- o que ele fez no recreio? (Risos de todas) Lívia- tu não vai acreditar! Eu- eu quero saber! Pode falar. Lara- tipo, ele é engraçado, ele é legal, só que às vezes tem algumas coisas que é desnecessário. A gente fala pra ele, mas ele leva na brincadeira. Eu- eu quero saber o grau da putaria! Lívia- tá! Como foi aquela vez que ele foi e começou a falar da (fez gesto, dando a entender ser a região íntima das meninas) de todo mundo. Taís- isso! Foi esse dia que eu achei muito desnecessário! Eu- na frente de todo mundo? Lívia- no recreio! Eu- só faltou pegar o alto falante? Taís- e ele fala alto! Lívia- ele faz isso, exatamente! Ele gosta de aparecer. Eu- ele expõe o corpo de vocês? Lívia- ele fica falando a da

fulana é desse jeito ela transa desse jeito. Taís- ele falou de todas as gurias da sala, ele falou de todo mundo. Eu- e os outros meninos dão corda? Rebeca- ele não falou de mim! Eu- eles gostam que ele fale isso? Os outros meninos? Ou dizem ô meu! Lara- é que assim, aquele dia estava só a cambadinha da gente ali que ri de tudo o que ele fala. Lívia- depende. É, mas é que o Thales é meio afeminado. (Risos de todas) Taís- ele é meio estranho. Rebeca- é que metade é de um jeito e a outra metade é de outro. Lívia- a gente não sabe ainda. Lara- ele fala que é homem. Rebeca- ele é bi que eu saiba. Lara- ele é bi? Rebeca- sim! Que eu saiba ele é bi, óbvio! Homem que fala de mulher e que fala de homem também, eu te acho bonito! Ai credo, gostosa! É que gosta dos dois né! Lívia- isso não tem nada a ver, o problema é ele ficar falando. Lara- até porque a gente pode conviver dois anos, mas não é a mesma intimidade do que uma pessoa que tu confie e possa falar entendeu! Eu acho isso, que às vezes algumas coisas são muito desnecessárias, coisas que tu fale, por exemplo, pra tua mãe que tu ache tua melhor amiga, que tu sabe que não vai fazer nada, aí tipo, vem ele e faz essas coisas. Taís- ou até mesmo pra uma amiga que tipo, se eu converso com a Lara ou com a Lívia ou com a Rebeca sobre isso é uma coisa, aí o Thales chegar e falar sobre isso é outra bem diferente. É amigas tipo, a gente tem uma certa confiança, mais do que um guri falando disso. Tipo eu não consigo conversar com meu melhor amigo sobre isso, mesmo ele sendo meu melhor amigo conhecendo ele há seis anos. Lívia- eu não penso assim, tipo a, eu não tenho problema em conversar com guri sobre sexo, só que depende do guri, entendeu! Tem que saber manear nos assuntos, é sigilo, aquilo ali é íntimo entendeu, e o Thales ele dá pra ver que não dá pra contar esses bagulho. Rebeca- eu tenho, mas antes de ser melhor amigo eu fiquei. Aí eu falei não, tu é meu amigo, nunca mais faz isso, e ele pegou e me olhou, bah pior! Ainda me abraçou e falou a gente é melhor amigo mesmo. E dê da li a gente é amigo amigo mesmo. Taís- eu tenho isso, a gente meio que se trata tipo eu te vejo como gay e tu me vê como lésbica então a gente nunca vai se pegar, a gente é irmão sabe, a gente é gay um pro outro. (Risos de todas) Taís- mas é tipo ele é muito galinha, ele se solta de vez em quando e eu manera, tu é gay pra mim, vamos lembrar disso. Lívia- às vezes quando a amizade é demais aí tem pessoas que pensam que podem ter outras coisas, tem que saber separar isso aí. Eu- mas esse é o único menino? Ou de uma maneira geral as piadinhas rolam de todos? Rebeca- a gente brinca, mas é uma brincadeira assim. Lívia- é que vamos dizer assim, nós manreamos, mas eles

extrapolam. Eu- aí eles vulgarizam vocês. Além desses meninos outros já fizeram isso, tipo de expor o corpo de vocês? Tipo sei lá, de falar. Lívia, Lara e Taís- é mais o Thales e o Jonatas. Rebeca- tanto que aquele dia que ele tava brincando, que ele falou em função do corpo da gente, eu peguei, ele tava do meu lado fazendo isso, e eu falei tu não fala de mim. Taís- ah eu vi! Rebeca- aí ele olhou pra mim e fez assim, eu falei não fala de mim! Lívia- ele fica brabo né se tu fala. Rebeca- eu não quero que tu fale de mim, aí ele pegou não deu bola e continuou, mas ele não falou de mim, aí depois ele a porque tu não deixou brincar estava todo mundo brincando, mas eu não te dei liberdade pra falar do meu corpo, não é pra falar de mim, tu não sabe, tu não convive comigo 24 horas pra falar de como eu faço como eu não faço. Eu comecei a falar contigo esse ano, tu não tem tanta liberdade pra falar assim de mim. Ai tá eu não vou mais falar então, aí ficou meio brabo, mas depois no outro dia falou comigo, mas eu não quero, não quero que tu fale, não fala. Eu- eu acho que a atitude deveria ser de todos vocês né, porque aí corta um pouco essa coisa. Lara- é que nem a questão eu sou líder, ele é o vice, em questão de me ajudar. Lívia- vice só no nome. Só tem o título, não faz nada. Lara- ele, ele, ele faz algumas coisas, algumas coisas, bem poucas, tipo, uma coisa que eu não gostei não sei se vocês perceberam, eu perdi os papezinhos da sora de literatura. Lívia- aham. Lara- no outro dia eu falei com ela, chegou no dia da turma ali. Rebeca- eu vi! Lara- ele veio bem na cara de pau, a cadê os papezinhos, ele gritou assim do nada a Lara perdeu, bem assim pra sora, sendo que a sora falou eu já sabia ela já falou comigo. Porque se eu erro eu sei da minha responsabilidade, se ele erra ele não sabe. Eu peço alguma ajuda pra ele, ele fala ai tu não fala as coisas, mas tu tem que saber o que está acontecendo. Lívia- Ele se candidatou pro cargo e ele não toma essa iniciativa. Lara- vocês podem ver que quando eu peço ajuda é pra vocês, pras gurias. Que nem aquele dia, teve um dia que não teve aula e eu esqueci de avisar o grupo, até porque eu tenho whats só de noite, e ele não avisou, aí tipo o pessoal veio, gastou passagem, eu me senti super culpada sabe, só que porém a culpa não é minha, aí ele veio no dia, ai que zoeira era aquela, que briga era aquela das pessoas, que não sei o que, eu fiquei só assim pra ele, te manifestar que é bom, pedir desculpas pra eles. Taís- o Henrique se manifestou lá pra defender a Lara, tipo ele disse não é pra julgar a Lara porque qualquer um poderia ter entrado aqui e postado que não ia ter aula amanhã, só que todo mundo acabou esquecendo. E o Thales como vice-líder tinha uma responsabilidade a mais do que todo mundo pra avisar. Lívia- eu acho

que ele já devia ter saído, não tenho nada contra ele, mas é responsabilidade. Lara- eu não tenho nada, mas tipo ele nunca me ajudou, agora ele estava inventando um passeio, a gente tem tanta coisa da formatura pra fazer, tanta coisa. Taís- a gente nem resolveu como vai ser a formatura ainda! Lara- ele quer fazer o passeio entendeu! Esse passeio a gente pode ver agora tudo bem sabe. Rebeca- eu gostei até da ideia do passeio. Lara- a ideia do passeio até vai ser uma coisa legal, só que assim, a gente tem que ver nossa semana maluca, pra gente acabar se divertindo, tendo foto da nossa formatura aqui, e nisso eu fui lá na direção e elas falaram que iam fazer uma reunião e até agora nada. Então! Taís- tem que todo mundo chegar junto! Lara- porque eu fico chateada sabe. Lívia- eu não votei nele! Lara- eu conto mais com o apoio da turma. Rebeca- eu votei, e me arrependi de ter votado. Lívia- eu já sabia que ia ser assim. Quando eu ponho o olho na pessoa já sei como é que é. Eu- voltando um pouquinho aqui pras questões, tem uma coisa que eu queria saber de vocês, é o que mais incomoda vocês nessa idade? O que mais incomoda? Rebeca- pessoa chata. Lívia- o que mais incomoda? Eu- é! Lara- me irrita muito o preconceito. Lívia- o preconceito é. Lara- eu odeio, eu não suporto! Já briguei muito com meu pai por isso. Eu- teu pai é preconceituoso? Lara- um pouco, com homossexuais, essas coisas assim. É que ele é antigão sabe, ele fala que não tem nada a ver, só que às vezes ele dá umas indiretas muito ridículas, eu não sou nada sabe. Lívia- eu não sou nada, risos da Lívia. Lara- mesmo se eu fosse eu acho que ele sei lá me expulsaria, não sei o que seria porque o meu irmão já teve uma atitude de querer fumar. Lívia- fumar cigarro ou maconha? Lara- cigarro, aí ele falou tu não vai ficar na minha casa se tu fizer isso, aí ele parou. Tipo meu pai é muito casca grossa com essas coisas. Mas eu odeio preconceito em si, tanto que eu sou gordinha e um monte de gente já fez comigo entendeu, meu ensino médio deu até polícia, porque as pessoas óh era demais, eu sofria demais então foi terrível, e eu odeio te isso então eu fui crescendo com isso e odeio muito. I aconteceu horrores comigo, horrores. Eu- de te falarem coisa e tu. Lara- e eu deixar por assim, meu pai falava deixa, só que até então. Eu- mas te fazia mal? Lara- o pessoal que convive comigo não gostava, sempre me via assim sabe, eu não dava bola eu ria, que nem eu faço hoje em dia eu rio de tudo, porque eu aprendi mais assim, aí até então elas foram na direção falar, aí veio caso dê da segunda série até a oitava, aí veio caso de tudo e falaram olha só isso é bullying, aí chamaram a polícia, e até então eles pediram desculpas na minha frente um monte de coisa e não fizeram boletim, eu sou

tão má que eu falei não faz nada, não faz o boletim, não bota queixa na polícia por causa disso. Só que todo mundo queria, faz, faz, faz, só que sei lá. Eu quase apanhei também, quase! Tinha uma guria que passava por mim e me chamava de hipopótamo, aí um dia eu falei assim pra ela, eu era pequeninha, e falei a tua mãe, ofendi a mãe. (Risos de todas) só que eu descobri que a guria era de gang, nesse dia meu pai veio me buscar e tudo. Aí a guria ficava toda hora me olhando no recreio, aí eu falava pelo amor de Deus não me deixa sozinha, porque tipo vinha ela e as amigas dela falar de mim. Eu- aí ficavam fazendo piadinha contigo e tu tinha que ficar calada porque tu tinha medo de apanhar delas, resumindo. Lara- resumindo, eu era, sou cagada ainda. (risos) Eu- sim, tu prefere ouvir e não fazer nada e dar risada. Lara- tanto que nesse dia. Eu- mas tu sofre com isso com certeza! Lara- ainda sofro, ainda, não vou dizer, porque aqui no colégio tem aquele guri chato que também fica fazendo brincadeira comigo. Lívia- sempre tem um idiota! Lara- só não fiquei muito legal aquele dia porque tipo, vocês brigaram por mim naquele dia, não sei se tu estava junto. Taís- estava! Lara- e a Lisa ficou muito braba com ele, então é uma amizade deles entendeu, aí eu fico meio que assim será que, tanto que eu não olho mais na cara dele porque ele é um idiota. Ele faz piadinha com todo mundo do colégio. Taís- foi muito desnecessário o que ele fez. Rebeca- quem é? Taís- o Guilherme Flores. Lara- ele tipo tá sempre com um grupinho. Eu- ele faz piadinha assim tipo de nome? Lara- não, tipo, eu estava atrás, ele estava na minha frente e eu fui entrar no banheiro, na porta do banheiro das gurias, aí tinha um grupinho com ele e ele me viu, aí falou ai que susto que eu levei de ti, hahahaha. Aí as gurias falaram que desnecessário que tu é fazer isso com a guria. Taís- a Lisa botou a boca nele. Todo mundo se revoltou, tipo se ele fizesse isso de novo a gente ia falar na direção e a gente não ia deixar quieto de novo. Lara- porque tipo eu acho que é ensino médio as pessoas já tão bem mais evoluídas, algumas, e tipo eu sou super contra isso, qualquer coisa de preconceito é a coisa que mais me irrita em 2015! Século XXI. Lívia- e século XXI é brincadeira né! Lara- tanto com homossexualidade, porque eu tenho vários amigos gays, várias amigas lésbicas entendeu, e isso não interfere, isso não muda entendeu. Lívia- até com negro ainda existe, por favor! Taís- tipo, cara a gente já evoluiu tanto na sociedade pra que continuar pensando assim. Eu- e é legal isso que a Lara falou porque no meu caso assim eu não sofri preconceito, mas no caso dela que sofreu ela sabe como é que é, então a pessoa que já passou por aquilo tem muito mais noção de

como isso faz mal pra pessoa, né! De como a pessoa sofre com isso, e é que nem tu falou, e pra não me incomodar eu ficava rindo, mas por dentro isso faz a gente né. Lara- eu fiquei muito mal naquele dia que ele falou de mim eu fui pro serviço chorando. Eu- eu imagino. Taís- a Lisa falou que te viu chorando. Eu fiquei com tanta raiva quando ela me contou isso. Lara- é que eu já sofri demais com isso, e pensei que eu ia vir para o ensino médio e ia ser uma coisa diferente. Eu- que as pessoas iam pensar diferente. Lara- eu já vim com um pensamento totalmente diferente. Eu- claro! Lara- os amigos que eu conheci que eu convivo eles me tratam super bem, porque até então eles me conhecem, eu não gosto que julguem as pessoas sem conhecer elas. Eu- exatamente! Lara- aí tipo eles fazem isso, tipo ah tu é gorda, a, por exemplo, a Taís falam que é nerd, fala que é nerd. Lívia- o apelido é nerd, é gorda, a só um pouquinho. Lara- a é feia não sei o que. Lívia- é lésbica, é sapatona. Lara- podem até ganhar ibope, mas sei que futuramente podem não ser nada entendeu, eu levo como tipo, passou passou sabe. Taís- eu já não me incomodo tanto quando falam que eu sou nerd, porque tipo é melhor eu ser inteligente e estudar do que ser que nem vocês que tão aí falando dos outros. Eu- falando abobrinha, falando merda. (Risos de todas) Taís- tô aqui estudando, me dedicando, querendo o melhor pra mim e vocês tão aí. Lívia- eu falo muito obrigada por me chamar de nerd! Taís- tu tá reconhecendo uma coisa que eu me esforcei tanto pra conseguir. Lara- é que nem assim ó, por exemplo, a Taís tira um R na prova, a Taís! Rebeca- a é! Taís- eu nunca me esqueço o Thales, aí tu aqui? Eu sou humana eu erro, não sou perfeita. Lívia- aham! Lara- até porque a matéria não era fácil. Taís- que que tem uma vez na vida a pessoa não pode tirar um R, não pode ficar em recuperação. Lívia- se é o pai cobrando, a mãe cobrando a gente até entende, mas uma pessoa que nem te conhece, a só um pouquinho! Lara- eu não sei se vocês viram uma coisa que me irritou demais, me irritou demais aquele dia que a gente estava tirando foto com as toga, a Sara foi tirar e o Jonathan falou assim a tu tá sem roupa! Pra Sara, a Sara é bem morena, a senhora conhece né, e a toga era preta, e o Jonathan falou brincando só que aí eu falei ô Jonathan foi desnecessário porque estava praticamente todo terceiro ano ali e ouviram ele gritar na frente da guria, tipo todo mundo não foi só eu, um monte de gente ficou de cara com ele, desnecessário. Rebeca- eu só balancei a cabeça, se eu fosse a guria saia de lá e dava um soco na cara dele. Eu- mas no geral vocês acham que os colegas de vocês são preconceituosos? Ou tem caso pontual (burburinhos) é os mesmos

das piadinhas? Lívia- são brincadeiras que não deveriam fazer. Lara- eles falam coisa entendeu, eles falam coisa eu acho que eles acham que vai dar graça, mas. Eu- e o resto ri? Taís- tem gente que ri. Lívia- pior que o pessoal ri. Eu- por que daí, por isso que o pessoal continua né. Lívia- sim! Por isso que continua. Eles acham que tão gostando. Rebeca- às vezes eu dou risada. Lívia- mas o erro é nosso! Rebeca- mas quando existe preconceito eu não dou risada nenhuma. Taís- até por que não tem como dar risada de uma coisa que é séria. Tipo meu, tu tá falando pra uma pessoa, tipo o que o Jonathan falou pra Sara, eu não vi isso, mas imagina pra ela ele deve ter, deve ter magoado ela, e foi desnecessário. Lara- a Sara é quieta, ela fica na dela. Lívia- não dá pra ver quando gostou ou não. Eu- ela é bem quieta. Lara- ele vai falar ai era brincadeira. Eu- aham! É brincadeira. Lara- tu fez uma pessoa passar vergonha em público e lá não foi brincadeira. Rebeca- e ela ainda foi falar com ele depois, eu fiquei só olhando. Lara- ai eu achei muito desnecessário! Eu- ahn, partindo então pro próximo ponto, existe alguma preocupação com relação ao corpo? Como vocês lidam com isso? Rebeca- eu? No caso a gente mesmo? Eu- tu tem alguma preocupação com o teu corpo? Rebeca- a tá, tenho! Lívia- de saúde ou desconforto? Eu- tudo! Taís- ai eu tenho! Rebeca- meus seios. Lívia- é grande demais? (Risos de todas) Rebeca- é eu acho que eles são grandes demais pro meu tamanho. Lívia- bah! Os meus são pequenos demais, pareço guri. Rebeca- eu acho que são grandes demais pro meu tamanho, tipo odeio sair de biquíni na praia por causa da parte de cima. Eu- e tu lida como com isso? Rebeca- a eu uso igual né! Eu não vou estar me cobrindo né. Eu- mas é uma coisa que te. Rebeca- que me incomoda. Me incomoda tanto que agora eu vou até fazer exame, porque tô com três caroço no seio, mas é somente esse lado (mexeu no lado esquerdo) e me incomoda. Eu- mas é por que mexem contigo ou por que te incomoda? Rebeca- me incomoda, meu namorado brinca às vezes, mas eu sei que ele gosta, dou na cara dele! Lívia- ah, mas duvido que ele reclame. (Risos de todas) Rebeca- não, mas ele fala também da minha saúde, ele disse que acha muito estranho, por que meu seio não era assim. Lívia- te dá dor nas costas? Rebeca- me dói tudo! Ultimamente me dói desse lado assim, tudo tá doendo sabe. Taís- tipo, não sei como a Rafa não tinha problema de coluna. Lívia- verdade a Rafaela tinha muito exagerado. Eu- tu Lara? Lara estava falando. Lara- eu não gosto do meu corpo, mas eu também não me sinto mal com ele, eu me gosto assim, eu não me acho feia assim. Tu sabe né que eu me amo (olhou para a Lívia). Lívia- aham! Eu sei, é verdade! Eu- eu acho

que tu te ama! Lara- eu não gosto que gordinha fique falando ai eu sou gorda sou feia, eu não gosto disso eu falo na cara. Rebeca- ai eu também não gosto. Livia- mais autoestima do que ela não tem. Lara- pode falar que eu sou gorda, não sei o que, mas sei lá tudo que eu conquistei aqui não foi tu que me deu, é nessas entendeu, eu me sinto super feliz faço tudo que uma pessoa normal sabe fazer, eu tipo, eu não tenho vergonha do meu corpo, claro quando eu vou na praia eu não uso biquíni nem nada porque eu não gosto, mas não teria nada a ver uma pessoa usar, eu usar quando quisesse, eu sempre ponho uma blusinha e um shortinho quando vou pra praia, mas eu tô tentando emagrecer, mas sei lá também não quero ficar muito magra assim, mas eu já fui na academia e emagreci bastante, desde quando entrei no primeiro ano pra cá eu emagreci bastante, criei cintura essas coisas, sei lá o jeito que estou agora eu me sinto bem e é sério sora eu odeio quando alguém fala mal na minha frente quando alguém ai, a Elis a Elis tá sempre gorda, eu fico falando assim pra ela. Eu- eu ouvi ela falando. Livia- ela reclama demais, ela reclama demais, sabe quando chega ser negativa. Rebeca- ai eu sou virada em barriga! Taís- esse é o meu problema também. Rebeca- Olha aqui! Taís- tipo, incomoda. Lara- o sora eu sou uma pessoa saudável, eu fiz exame geral e só deu um pouco de triglicérideo alto, como sempre entendeu, o resto o médico falou que tá super bem entendeu, então não tem por que eu me sentir mal entendeu. Eu- mas como que tu lida com isso assim tipo nesse sentido que tu falou a que tu não gosta que, tu falou tipo, das piadinhas e tal. Mas daí tu lida com isso de uma forma positiva pra ti? Lara- eu lido, tipo a Elis fala às vezes eu falo, ela passa ai eu tô gorda a se tu é gorda olha pra mim então, mas mesmo assim eu gosto de mim assim eu acho nada a ver isso, falo assim, só que tipo ela ai, mas não tem nada a ver o teu corpo é teu corpo, mas sei lá tu não tem que ficar reclamando do teu se tu tá bem de saúde, mas eu não suporto que alguém se chame de gorda na minha frente. Nunca fala que tá gorda na minha frente. Taís- eu sou gorda Lara! (Risos de todas) Rebeca- não eu não falo que eu estou gorda, na saúde meu seio porque eu acho estranho, mas a barriga, a barriga eu não gosto. (Risos de todas) Rebeca- ai que nojo! Lara- o sora sabe aquele chá do sol? Rebeca- ai a minha mãe toma. Lara- quando eu tinha 11, 13 anos eu estava no fundamental ainda, aí me deu a louca sabe de emagrecer. Rebeca- tu tomou? Lara- aí eu fiquei uma semana tomando só aquele chá. Livia- secou! Lara- eu fui parar no hospital. Eu- claro! Lara- porque eu estava tanto naquelas eu preciso emagrecer. Eu- mas isso era por que tu queria ou era de tanto

ouvir as pessoas falando? Lara- era de tanto ouvir, tipo a minha família também era um pouco assim, falava a Lara tu tem que emagrecer um pouco, tem que emagrecer, ai vai pra academia! Ai vai pra isso, aí tipo agora eu falo paga pra mim se tu quiser que eu vá na academia. (Risos de todas) Lara- por que tipo eu não me sinto mal! Taís- até meus 10 anos eu só comia salada, tipo eu não comia nada que não fosse salada. Lívia- mas tu se obrigava? Taís- mas é por que eu gostava, aí depois eu comecei comer, tipo me ataquei em lasanha, massa essas coisas, aí meu pai começou falar nossa tu tem que maneirar, tipo até hoje eu como muito, eu sou muito exagerada eu sou muito esfomeada. Lívia- mas mudou o teu corpo? Taís- eu sou feliz do meu jeito, se eu sou gordinha eu sou feliz, se eu não tô também sou feliz, então fica na tua que eu tô comendo, única coisa boa da vida é comer e dormir! Lívia- é isso aí! (Risos de todas) Lara- eu acho assim, se a gente se ligar pra essas coisas que as pessoas falam da gente a gente vai entrar em depressão. Lívia- é verdade! Lara- sendo que a gente sabe que não é isso, entendeu, por mais que me chamassem de baleia de orca essas coisas eu sei que eu não sou isso entendeu, então por que eu vou ligar, o meu sempre me falou isso não liga tu sabe que tu não é assim entendeu, eu me conheço eu me gosto assim e acho que não tem nada a ver uma pessoa falar isso. As pessoas que gostam de mim me respeitam e eu respeito elas, mas eu também tenho aquela coisa se não me respeita eu não vou te respeitar. Lívia- eu também sou assim. Lara- eu sou dura na queda. Taís- amo minhas gordurinhas, amo minha celulite, amo minha estria, tenho barriga tenho, e sou feliz assim. (Risos de todas) Eu- mas tu era noiada? Taís- eu ainda sou um pouquinho noiada (risos), eu ainda tenho meus deslizes de querer emagrecer, mas tipo eu penso em fazer, eu quero fazer atividade física, claro, porque eu sou muito preocupada com a saúde, faço exame de colesterol, de sangue, faço quinhentos exames, é que minha avó por parte de pai tem diabetes, é isso que me preocupa. Eu- mas não é por que as pessoas te falam alguma coisa? Taís- não! Tipo eu sou gordinha, cara as gordinhas são felizes, deixa eu ser feliz assim, pelo menos eu não sou aquelas magras que não pode comer um hambúrguer a só vou comer salada, vou me atracar no hambúrguer, deixa eu ser feliz! Lara- às vezes tem gente que vai numa pizzaria, ai vou comer só três fatias, me dá quinze cara eu tô pagando. (Burburinho e risos de todas) Lívia- tu não vai comer até explodir. Pausa no grupo de discussão, pois bateu o sinal. Eu- será que a ente pode continuar aqui? Lara- até as 10 né. Taís- dá pra ficar! Rebeca- mas elas não fazem reunião? Taís- quem?

Rebeca- aquelas mulher lá. Livia- as professoras? (Burburinhos) Eu- professor! José! A gente pode continuar? Pode? Ai que maravilha! Elas tão super empolgadas então a gente vai continuar. Lara- ele gosta da gente, um dia a bola pegou nele e eu desculpa, e ele o engraçado é que ela agradece. Eu- ele é legal! Eu acho que eles vão lá pro conselho, se não forem também não muda nada. E tu Livia? Livia- eu o que? Eu- se tu tem alguma preocupação com relação ao corpo? Rebeca- peraí que vou ligar pra minha mãe, posso sora? Eu- pode! Livia- ai eu não sei, acho que não, quando eu era mais nova eu ficava meio assim que tinha pouco peito, mas agora já gostei deles. Lara- eu queria, sei lá, eu acho que se eu emagrecer meu peito vai aumentar, eu percebo sabe que eu tenho gordura aqui do lado bastante, então o meu peito já é um pouco grande. Livia- ele já é um pouco? (Risos) Taís- tem certeza que é um pouquinho Mi? Lara- então se eu emagrecer, ahn, eu acho que ele aumenta, até por que quando eu fui pra academia ele aumentou um pouco. Rebeca- a minha mãe ela era magra ela não tinha nada de teta, ela ficou gorda, aí ela criou peito. Peraí senão ela vai me ouvir. (Risos de todas) Pausa para a Rebeca falar com a mãe dela no telefone. Eu- mas tu queria mudar por que falavam que era pequeno? Livia- a por que eu sempre achei peito grande bonito né! Óbvio! Então mas agora eu não me ligo muito nisso. Eu- mas tu pensa em fazer algum procedimento? Tipo colocar silicone? E tal. Livia- eu não quero fazer, eu gosto de coisa natural. Lara- eu gosto de natural também. Rebeca- ai eu quero na bunda. Eu- tu quer colocar na bunda? Livia- o máximo vou pra academia. Rebeca- eu quero! Se pudesse eu tirava do seio e botava na bunda, mas não pode, só pode tirar da barriga e botar na bunda. Livia- a eu não tenho nada contra, mas é que, pra que né! Deixa natural. Rebeca- a, mas se eu tirar do seio e colocar na bunda vai ser natural, é meu do meu corpo. Taís- só vai estar realocando. (Risos de todas) Rebeca- mudando de lugar. Eu- E vocês costumam falar sobre isso na escola? Livia- A gente não costuma falar. Taís- não! Lara- bom, que eu me amo as pessoas já sabem. (Risos) Livia- oi? Taís- que a Lara tem amor próprio pra dar e vender a gente já sabe. Lara- aham! É isso. Eu- mas falar sobre não? Elas- não! Eu- ai não falam? Taís- aqui no colégio não, eu falo mais com as minhas outras amigas. Livia- é verdade aqui no colégio a gente não tem tanta... Taís- Eu converso é mais com a Lisa, mais ou menos é com a Lisa sobre atividades do corpo e tudo mais, mas com as outras não. Livia- aqui na escola a que eu mais me dou é a Lara. Lara- a gente se vê quase todo fim de semana. Livia- eu te amo! Eu- não eu achei que vocês falassem do tipo assim, ai, mais preocupadas

no sentido de ai tô fazendo uma dieta tal, tô indo em tal lugar, não? Não é assim? Lara- a gente é relax sora! Eu- que maravilha! (Risos da Lívia) Eu- bah! Fiquei muito feliz! Lara- o sora, pra ti ver ó, eu só reduzo a comida e tomo esse chá, eu só tomo essa garrafa por dia, porque antes eu tomava uma de dois litros por dia. Taís- que chá é esse? Eu- chá verde? Lara- é também tem chá verde aqui, é uma mistura de chá, aquele trinta ervas, o mas ele ajuda muito sabe, eu tomo só de noite e de tarde lá no serviço senão eu durmo, porque eu não faço nada. (Risos de todas) Lara- aí é isso entendeu, só reduzo a comida, eu como muito tu sabe disso (olhou para a Lívia). Lívia- eu sei, eu também como bastante. Lara- mas sei lá, não é muita coisa gorda assim, a minha mãe é cozinheira então ela não ajuda muito. Taís- eu brinco com a minha mãe, como tu quer que eu emagreça fazendo essas comidas boa, que desgraça! Lara- outro dia cheguei em casa tinha aquele bolo de cenoura. Eu- eu amo bolo de cenoura! (burburinhos) Lara- comi o dia inteiro bonitinho chego em casa aquilo! Rebeca- eu chego em casa, almoço, aí já tô pensando no café da tarde, aí eu fico assim, ai eu tenho que fazer um bolo pra tomar o café da tarde, não vou fazer um enroladinho vou lá no mercado pra comprar uma salsicha pra fazer um enroladinho, tem pastelina? A não já vou fazer uns pastel com queijo junto. (Risos de todas) Rebeca- eu já fico pensando. Taís- eu acordo já pensando o que que eu vou comer. Lívia- eu não tenho problema em comer, mas eu evito comer fritura. Sei lá posso comer de tudo. Rebeca- tô tentando evitar de tomar refrigerante, acho que é por isso que eu tô com essa barriga fora do normal. Por que minha mãe disse que refrigerante dá barriga. Taís- a minha irmã chegou lá em casa dizendo tu toma muito refrigerante, porque eu tomava uma garrafa de Pepsi de três litros e trezentos em menos de dois dias, eu bebia como se fosse água, tipo eu pegava a Pepsi abraçava e ia pro meu quarto. Lara- imagina! Vem moção! (Risos) Taís- é sério! Lívia- vem moção é eu e tu agora! (Risos) Taís- aí ela chegou lá em casa não por que antes de eu viajar tu vai parar de tomar refri e eu dei uma amenizada, tipo comecei a fazer suco suco suco de limão, aí fiquei viciada no limão. (Risos da Lívia) Lara- agora tá viciada no limão (Risos) Taís- aí agora eu comecei a fazer uma limonada suíça com raspinha de limão e leite condensado, aí eu vi que não estava dando certo, agora tomo água, tô sempre com uma garrafinha de água. Eu- eu também tô sempre com uma garrafinha de água. Mas nesse sentido assim vocês não comentam muito, tá vocês cometam que. Pausa pela chegada do professor José, falando que teríamos que sair. Lara- não sor, não deixa ela sair! José- não? Lara- ela pode ficar dando

aula aqui até meio dia. Taís- é, sem problema. José- é que tem que fechar aqui, porque a escola tá em conselho. Nesse momento chega o professor Pedro, que é professor de Educação Física da escola. Lara- o sorzinho tu gosta tanto da gente. (Risos da Lívia) Pedro- tá, vocês vão ficar aí até quando? Até meio dia? Taís- não até as dez. Lara- até às nove e meia. Já não é. Taís- não é nove e sete. Eu- Até as dez. Pedro- até as dez? Lara- até as dez sor! Taís- é que a gente tá gostando sor. Eu- é um grupo de discussão. Taís- vocês não queriam que a gente gostasse de Educação Física? Então a gente tá amando Educação Física! Pedro- se o professor (José) não se opõe não tem problema. José- tu que manda! Lívia- isso aí sor! Lara- vou até te dar um presente amanhã. Pedro- se é um milagre, vamos incentivar! Eu- se é um milagre, vamos incentivar! (Risos e burburinhos) Taís- é a primeira vez que a gente pede pra ter aula de Educação Física. Lara- é a primeira vez sora, tu tá fazendo a revolução! Eu- que coisa bem boa! Lara- vou até dar um feliz dia do professor amanhã pra ele. Eu- aham! O que que a gente estava falando? Da limonada suíça? (Risos de todas) Não, a gente estava falando de se vocês falam aqui na escola sobre dieta, atividade física, bababa, não muito? Elas- não muito! Eu- comem e deu! Taís- vamos aproveitar o tempo que a gente tem aqui falando de outras coisas em vez de falar disso. Lara- é! Eu- é que normalmente, não sei se vocês concordam comigo, mas normalmente nessa idade tem muita preocupação assim com esse sentido de corpo e tal, então de repente eu tenho uma visão equivocada né e é até bom estar encontrando outra realidade, porque eu achei que vocês iam ter isso muito mais presente, no sentido de ai eu faço dieta, ai eu faço isso faço aquilo. Taís- tipo eu já tive uma amiga que ela teve bulimia, duas amigas, elas tiveram bulimia e quase entraram num quadro de anorexia. E quando eu vi elas naquele estado tipo vomitando, não comendo eu nossa, tu precisa de ajuda, isso não é normal, isso não tá te fazendo bem mesmo. E hoje tipo, uma delas continua gordinha e tipo ai eu sou gordinha, mas pelo menos estou feliz, estou me amando do meu jeito. E eu quase entrei nesse quadro de anorexia, porque eu peguei um pouco de bulimia no primeiro ano e no segundo também eu tive recaída, por causa desse negócio de corpo e tudo mais. Mas agora tipo, cara eu estava me destruindo, não comendo eu estava só me piorando. E aí a bulimia já estava me levando pra outros assuntos, e aí estava ficando uma coisa muito séria e eu não queria ajuda de ninguém, até que meu amigo, esse meu melhor amigo, ele olhou pra mim tu não vai se ajudar então toda a vez que tu tiver ou querendo vomitar ou fazendo outras

coisas eu vou dar na tua cara e ainda vou te levar amarrada no médico. Lara- isso aí! Taís- e ele realmente quase me bateu, ele chegou a levantar a mão pra mim, aí eu fiquei com medo, parei. Lívia- estava ao extremo hein? Taís- não estava muito extremo, estava uma coisa bem punk. Eu- é que de repente era pela própria convivência com as outras meninas né. Taís- não pior que tipo, eu não estava tendo contato com ninguém, tipo, e ninguém conseguiu perceber isso, eu consegui esconder muito bem, porque meus pais não sabem disso, as minhas amigas aqui do colégio não sabem disso, agora vocês ficaram sabendo. Lara- eu sei, eu sei! (Risos) Taís- quem realmente viu, a minha prima e esse meu amigo me viam tipo, eles queriam me matar. Eu- é que normalmente a pessoa consegue né esconder muito bem. Taís- tipo, a pessoa tá lá na bulimia, a vou comer um pouquinho na frente e depois eu pego e não vou comer mais, ou a pessoa tá lá, tá eu vou contar pra vocês de uma vez por todas, eu já me mutilei tipo, a tu pega, tapa o braço com uma manga comprida tranquilo ninguém vai vê tua cicatriz. Aí a pessoa vai lá escancara o braço e diz a é tu quer se cortar e joga o álcool, aí tu não vai querer fazer mais por que dói, mas é que tu acha que a dor física vai ser a menos que a dor emocional. E foi muito idiota o meu motivo emocional por isso, eu fiquei com muita raiva disso. Porque foi o motivo mais idiota por que eu entrei nesse mundo doido. Eu- tu pode contar pra gente o motivo? Taís- o motivo? A foi um guri. Lara- homens! Homens homens homens! Eu- sempre homens! Lívia- mas era paixão não correspondida? Taís- não é que tipo ele deu umas desculpas muito idiota, ele estava comigo e tal e começou do nada a dizer que, ai eu tenho problemas tu não vai entender, tipo se inferiorizando, se colocando pra baixo, cara chega né deu, manera, a mas tudo bem se tu não quer mais deu, aí eu comecei a me sentir mal porque eu comecei a ver ele em todo o lugar, ele começou a me perseguir, aí esse ano ele tá pegando o ônibus comigo todo o santo dia, ele desce aqui no Inácio! Lara- mas eu falei sora que vou dar um pau nesse guri ainda. Taís- ele veio hoje, por exemplo, querer falar comigo, hoje ele veio falando comigo tipo. E ele é primo desse meu melhor amigo, então tipo. Eu- eu vou dar um pau nele, foi a melhor! Taís- e a Lara quase bateu nele, fiquei com medo no dia. Lara- ela estava assim com uma cara pro guri. Aí chegou eu e o Alex quer que a gente dê uma coça? Lívia- imagina o coitado do guri vai sair na perna. Lara- Aí ela falou assim a não sei não sei. Taís- aí depois a Lara chamou o Alex, quando eu vi os dois estavam indo, vocês vão ir mesmo? Não não peraí vamos manear. Eu- é que na verdade tu gostava dele e ele terminou contigo e foi esse motivo é

isso? Taís- ele começou a dar um monte de desculpa que não fazia sentido, aí eu fiquei com raiva disso daí peguei e me afastei. Lívia- ele é louco, ele é louco! Taís- e tipo é muita coisa loca porque ele é meio que parente, porque a mãe das minhas irmãs é prima da mãe dele e do meu melhor amigo. Lívia- já virou um bolo! Taís- Então tipo é um rolo de família. Aí é uma coisa muito confusa e ele mora perto da minha casa e eu passei a ver ele direto diariamente, aí quando eu comecei a superar isso né, que eu passei por toda aquela mutilação da bulimia e tal, ele começou a pegar o ônibus comigo esse ano. Eu vejo ele todo o santo dia. Lívia- mas tu ainda sente alguma coisa por ele? Lara- mas tu vê isso como uma coisa normal? Taís- tipo no início ainda sinto, tá não vou confessar, tipo eu nunca gostei de ninguém a fu, tipo todo mundo antes dele eu achava que eu gostava, mas na verdade eu não gostava. Ele foi a primeira pessoa que eu gostei pra valer e é isso. Eu- foi por isso que mexeu. Taís- profundo o negócio! Lívia- tu ainda sente alguma coisa por ele? Taís- ai eu digo que não, mas no fundo sim por que, a sempre ouvi aquela historinha primeiro amor a gente nunca esquece eu acho que tipo. Lívia- primeiro amor. Eu- que bonitinho! (Risos de todas) Taís- antes dele eu era eu achava que tinha gostado mesmo da pessoa, mas na verdade não era, tipo quando eu olhei pra ele eu senti que realmente que eu estava gostando dele. E tipo ele proporcionou muitas mudanças em mim, tipo ele fez crescer num lado que eu não pensava que ia crescer tanto em tão pouco tempo que a gente conviveu juntos. Lívia- amadureceu! Taís- amadureci muito, tipo eu comecei a ver as coisas de outro modo. Eu- ele é mais velho que tu? Desculpa perguntar. Taís- é, ele tem, agora eu fiz dezessete e ele tem dezenove. Lara- é menor do que eu sora! (Risos) um gurizinho, um gurizinho. Logo vai apanhar! Lívia- um pintinho! Taís- mas ele tipo me fez ver culturas diferentes, que antes eu enxergava só como a legal, mas aí eu comecei a ver que nossa é muito tri e tem muito a ver com o que eu gosto, e aí foi tudo de repente tudo aconteceu, aí eu fiquei de mal com meu melhor amigo um bom tempo porque ele era primo dele então ele estava sempre falando dele e tipo me fazia muito mal, eu vivia chorando, eu chorei uma hora e meia na frente do Skype por culpa dele. Lívia- meu Deus! Taís- Sabe o que é uma hora e meia com o Skype ligado chorando? Taís- eu nunca chorei tanto na minha vida. Eu- vamos mudar de questão então pra gente não começar a chorar junto com a Taís. Taís- mas eu superei, tipo hoje eu consigo conversar com ele tranquilamente, tipo que nem hoje de manhã. Lívia- tipo loca pra agarrar ele! (Risos) Taís- ele perguntou do show se eu

ia, mas daí eu consegui conversar com ele tranquilamente. Lara- eu falava não vou amigo, tchau! Taís- eu falei que eu não ia, que eu tô estudando. Apesar que ele tá na faculdade (Risos) Lara- vem a Taís toda sorridente assim, loca de vergonha. (Risos da Rebeca) atravessando a rua e eu é aquele? Taís- eu não consigo eu fico vermelha e começo a sorrir quando eu converso com ele. (Risos de todas) Taís- eu não sei é automático. Lívia- é o amor! Taís- é que ele me traz boas lembranças, foi um momento muito bom. Eu- mas se tiver que voltar vocês vão voltar, fica tranquila. Taís- tipo, ele tá me perseguindo né, agora se eu parar na Uniritter também no campus da Orfanotrófio aí eu vou dizer que é Deus rindo da minha cara que é pra mim ver ele todo santo dia. Lara- Imagina! Taís- Eu tô sentindo que isso pode acontecer. É por que sempre falam que o nunca, o nunca sempre acontece no meu caso. Eu- a gente não pode falar essa palavra, é muito forte. Lívia- nunca diga nunca! Taís- eu falei eu nunca mais vou ver ele, vejo ele todo santo dia, eu nunca vou entrar na Uniritter, eu vou entrar na Uniritter! Lara- eu nunca vou ser rica! (Risos de todas) Eu- o que vocês percebem que é mais valorizado entre vocês com relação ao corpo? Lara- meu rosto. Taís- como assim? Eu- mas entre vocês, entre sei lá a turma, entre o grupo que vocês convivem, o que que vocês percebem que é mais valorizado no corpo? Taís- é ser magra! Eu- ser magra? Taís- ser magra! Eu-Todas vocês acham isso? Taís- ser magra ter bunda e ter peito! Eu- vocês acham que os meninos. Lívia- reparam nas gurias que tem esse corpo. Taís- que tem bunda, que tem peito e que são magras! Eu- é isso? Lívia- sim! E cabelão comprido. Taís- cabelão comprido loiro e de olho azul. Aí já é o biotipo perfeito da pessoa. Rebeca- ai eu sou loira de olho azul por isso que meu namorado ficou comigo. Lívia- ai por favor! (Risos) Eu- é esse o corpo que é valorizado? Taís- que eu vejo pelos meus amigos que eles ficam num nível mais sem controle, é nesse tipo de situação. (Burburinhos) A, tipo no nível que a gente tá no shopping tá indo ver um filme lá entre os amigos, aí ele começa virar pra trás toda hora que vê uma guria com bunda e peito e é loira, aí tipo, cara manera né. Lara- eu acho assim ó, que existem, existe ainda homens que dão valor pras mulheres realmente, mas aqueles que querem somente (vez um gesto indicando que seria transar com a mulher), a preferência é. Eu- Entendi! Lara- a preferência é. Bunda, peito. Lívia- tudo que é bonito, bah! Viajei agora! Eu- tá gravado. Lara- Pode ver que acontece isso várias vezes, mas sei lá isso já envolve vários outros assuntos. Rebeca- é meu namorado disse que é o rosto, ele vai pelo rosto. Acho que ele mentiu um pouco né? (Risos de todas) qual é

o homem que não vai reparar na bunda da mulher? Lívia- é, só um pouquinho! Eu- o que que envolve Lara que tu falou? Que tu falou acho que envolve um monte de coisa? Lara- sei lá, as vezes a mulher gosta de ser assim entendeu! E o homem não, homem já que tipo, já faz um ato sexual ali, entendeu! Eu- é, ele já olha pensando. (Burburinhos) Lívia- no momento é. Lara- eu gosto de ser assim, tu gosta de ser assim, tu gosta de ser assim e cada um tem a mulher que gosta. Lívia- é, eu acho que a mulher se adapta mais ao corpo do homem, do que o homem se adapta a qualquer tipo de corpo entendeu! O homem já tem uma coisa idealizada, ele não se acostuma com outro tipo de corpo. Taís- que nem na história tipo vai pegar a mulher que tem bunda e que tem peito e é isso. Eu- e os guris falam sobre isso? Lívia- ai eu acho que eles deixam bem claro. Taís- eles não precisam pronunciar tipo. Eu- vocês entendem. Taís- eles encarando a mulher por mais de cinco minutos. Lara- vocês lembram do Gabriel? O Gabriel o nosso colega? Ele falou ai que guria tem que ter aquela cinturinha e aquela bundinha não sei o que. Lívia- é, sabe fica. Rebeca- cala essa tua boca. Lara- expulsei ele da turma sora não está mais aqui (Risos). Eu- tá então vocês acham que é meio que é por que é difundido isso na mídia? Lara- é, isso aí. Eu- tipo tá muito na cara deles, e é por isso também que eles. Lívia- é a mídia influencia bastante! Lara- vai dizer aquelas coisas de emagrecer só botam aquelas gostozona né, só tá lá as mulher com uma barriga assim, deve ser tudo foto shop. Eu- não duvide disso hein! Ahn, e quais são as preferências de vocês tipo assim, do corpo de vocês do cabelo de vocês, roupa? Lívia- o que a gente mais gosta no nosso corpo? Eu- é, no sentido assim tipo, ahn sei lá eu gosto de ter o cabelo loiro, por isso que eu faço mechas. Lara- eu gosto do meu rosto e do meu cabelo, eu tinha o cabelo ruim ano passado. Eu- Por que que tu achava que tinha cabelo ruim? Lívia- por que as pessoas botavam isso na tua cabeça. Lara- não nem por isso é a forma que eu tratava ele. Eu- a tá. Agora tu tá cuidando dele! Lara- eu me acho mais bonita claro de cabelo compridinho assim. Lívia- cacheado? Lara- sim! Do que cabelo curto, porque o ano passado eu fiquei quase careca sora. Agora cresceu bastante já, mas eu assim eu gosto bastante do meu rosto, quando eu era pequena gente eu ia fazer capa pra Marisa de rosto. Gurias cantam- Ma-ri-sa! Rebeca- gente vou ter que indo lá. Eu- tranquilo, não tem problema. Rebeca- até a próxima aula! Eu- até a próxima! Rebeca- quer dizer nós se vemos amanhã né. Eu- isso! Muito obrigada! Lara- mas a parte que eu mais gosto é meu rosto e meu cabelo. Eu- rosto e cabelo? Taís- eu ainda tenho dúvida do meu

cabelo. Lívia- eu gosto do meu cabelo ondulado, só que nem sempre ele tá, assim ó parece um leão. Taís- eu acho bonito! Eu tinha um cabelo muito volumoso. Lívia- mas eu me lembro que antes tu tentava alTaísr ele! Taís- é tipo isso, um cabelo bem intenso, aí pensa uma criança cuidar daquele cabelão, eu não tinha a manha pra cuidar daquilo tudo e é genética do meu pai culpa dele. Aí eu comecei a fazer, foi no primeiro ano que eu fiz progressiva, aí eu comecei a cuidar mais, tipo agora eu tô em dúvida se gosto mais do meu cabelo liso se gosto do meu cabelo cacheado. Ainda não decidi ainda. Lara- cacheado! Eu- Por enquanto tu ainda tá fazendo progressiva? Taís- ainda tô fazendo progressiva, mas ainda tem no verão eu gosto usar dele cacheado, porque secar cabelo, fazer chapinha no verão é tenso, tu mal termina já tá toda pingando de suor, aí eu fico com meus cachinhos, aí todo mundo começa a falar ai que cachinhos bonitos, porque tu não deixa de cachinho, será que eu fico de cachinho, será que eu assumo os cachos? Lívia- é que tu tipo tu tem que gostar, se adaptar a ele. Taís- tipo toda a vez que eu faço a progressiva, ai meus cachos e se eles não voltarem. Lívia- é tem que cuidar isso. Taís- meu cabelo liso. Eu- fica dividida? Taís- eu fico em dúvida. Lívia- eu não gosto de cabelo muito liso, aquela coisa escorrida. Taís- eu tenho raiva da minha prima, porque ela tinha um cabelo lindo, liso e levemente ondulando nas pontas, e loiro! Lara- que lindo! Taís- a praga me alisou aquele cabelo, agora tá cabelo liso. (Burburinhos) Lívia- natural é mais bonito que tem! Taís- mas o que eu mais gosto do meu corpo é meu rosto. Eu- teu rosto também? E tu Lívia? Lívia- eu gosto do meu rosto também! Taís- o que eu mais gosto no meu rosto é meus olhos. Lívia- eu gosto da minha barriga, gosto das minhas pernas, gosto de tudo. Taís- eu me amo tipo na real! (Risos da Lívia) Eu- e com relação a roupa? Lívia- a roupa? Lara- tudo preto. Lívia- essa aqui é tudo preto (Risos da Lara) Eu- é? Lívia- só tem preto no guarda-roupa dela. Eu- vocês gostam de ver e se inspiram em outras pessoas pra. Taís- eu gosto de ver blog. Eu- blog? Taís- eu adoro ficar fuçando na mídia, aí tipo tem as blogueiras mais gordinhas, tipo meio que é uma representação minha só que com roupas bonitas e famosa. (Risos de todas) Taís- aí eu começo, tipo bah! Esse vestido é legal, vamos catar na internet, aí eu vejo outros modelos baseado naquele vestido, esse aí é legal vou comprar, a essa combinação aqui fica legal, aí eu começo a montar o meu próprio jeito adaptando com o que eu vejo. Eu- com aquilo que tu vê. Taís- tipo se eu me sinto bem eu vou usar, tipo vou ser feliz. E tu Lívia? Curte preto também? Lívia- não! É hoje eu tô, mas não costumo usar. Eu- e nem costuma procurar assim, te inspirar

em alguma coisa pra te vestir? Lívia- eu gosto de moda, mas eu não sou. Eu- noitada com as coisas. Lívia- é não sou! Lara- sora eu acho que eu sou meio antiga. Eu gosto daquele estilo anos 80. Lívia- a maravilhoso! Lara- que é calça lá em cima sabe. (Burburinhos e risos da Lívia) Bah eu acho a coisa mais linda! Lívia- se sente a diva! Lara- é minha época entendeu. Lívia- eu adoro aqueles vestidos de bolinha. Taís- eu acho que a moda antiga. Lara- nada a ver com o assunto, mas eu prefiro homem de cabelo grande. Taís- a moda é tipo uma releitura sempre, todo ano vem uma coisa nova. Eu- e vocês acham que a moda ela valoriza certos tipos de corpo? Elas- Sim! Lívia- a mídia influencia muito nisso aí. Taís- é que nem eu falei na última aula eu acho. Eu- e aí a gente não consegue se encaixar naquele padrão que ele fazem. Taís- é que nem eu falei na última aula tipo as modelos europeias magras, lindas esbeltas com aquelas roupas nada a ver, os desfiles avacalham, tem umas roupas muito feias. Lívia- se tu for ver hoje em dia eles tão fazendo muito calça justa demais, deixa o corpo da mulher engolido dentro da roupa. Taís- eu gosto de calça justa, tipo eu acho confortável. Lara- eu gosto de calça justa, mas não tanto. Taís- tipo aquelas embalada a vácuo. Eu- pular de cima do roupeiro quase. Taís- é tipo tem que ficar pulando pra ela entrar, eu gosto, é um sacrifício pra ti entrar. Lívia- eu gosto de cintura alta, eu acho que modela. Taís- eu gosto daquele estilo clássico tipo calça social meio que boca de sino, camisa social branquinha, coque, uma maquiagem de leve, eu acho uma coisa muito bonitinha. Lara- bem secretária né amiga. Lívia- aquelas secretárias safadas, que sobem em cima da mesa. (Risos da Lara) Taís- é o estilo muito das arquitetas, e como tipo eu quero me inteirar nessa profissão eu começo a ir pelo estilo das arquitetas, tipo as pessoas na minha área que eu quero me especializar as pessoas são muito louca tem cabelo curto, tem roupa colorida, é tipo vida louca, colorida, seja feliz com as cores, e eu tô meio que me adaptando a isso, me inteirando mais nas cores, porque eu gosto muito de preto, gosto de blusa de banda de rock, aí eu começo adaptar as cores, tipo vai uma pecinha colorida aqui, outra ali, já usei calça colorida. Lara- eu já sou ao contrário, eu odeio cor! Eu não gosto de rosa! Eu não me acho bonita com cores claras, não sei se é porque eu sou acostumada sempre com o simples eu gosto de coisa simples de cores escuras. Taís- eu acho que o simples usado do jeito certo valoriza mais do que uma roupa colorida. Lívia- é! Taís- uma calça preta com uma blusa preta, um jeans normal com uma camiseta preta te valoriza muito mais do que tu usando um short com uma regata. Lívia- depende eu tenho fases, assim como eu

gosto de usar roupa ITaís eu gosto de usar roupas estampadas. Taís- depende muito do teu humor tipo. Lívia- eu acho que em mulher cai bem com um monte de coisa. Lara- as únicas camTaísss que eu uso estampadas são as de banda né. Eu- tu gosta de rock? Lara- hard rock sora é meu estilinho, daí não é rock pesado é rock romântico, porque eu sou romântica. Eu- a é um rock mais light, vocês também gostam de rock? Elas- é! Eu- todo mundo? Lara- elas por causa de mim. Taís- eu aprendi a gostar de rock no primeiro ano por causa do guri. Lívia- eu conheci o rock mais por causa dela (Lara). Eu- mas não gosta tanto quanto outros estilos? Lívia- eu sou fissurada. Lara- eu tu sora? Eu- eu não escuto muito, mas eu gosto assim tipo. Taís- o que que a senhora escuta de rock? Lívia- tu não escuta música? Eu- Red Hot Chili Peppers, no máximo. Taís- ótimo! Lara- o Anthony é um gato! Eu- mas eu gosto assim de tudo. Lívia- é que eu gosto de tudo também. Lara- eu escuto tudo também Eu- mas eu gosto bastante de reggae, tipo Chimarruts Natiruts. Lívia- bem na paz. Eu- eu gosto bastante. Lara- sora eu já sou anos 80. (Risos de todas) Minha mãe me acostumou naquela Continental! (Risos da Lívia) Já conheço todas as músicas. Taís- A Continental é a rádio que eu mais me sinto velha ouvindo. Lívia- ai. Lara- quando dá a Whitney Houston lá And I will always love you I will always love you. Taís- eu conseguia o agudo dela quando eu era criança. Lara- é lindo gente quem é que não grita junto! Os vizinhos me odeiam lá. (Risos) Taís- eu viajava demais, eu colocava a fita dela, eu adorava essa música. Lívia- na verdade eu gosto de todo tipo de música. Lara- eu gosto de música clássica também. Eu- agora eu tô na vibe dos mantras, porque eu tô nas coisas do TCC aí pra ficar tranquila eu boto um mantra e depois um reggae e aí eu faço. Taís- eu escuto rock, tipo o rock pra mim vem muito quando eu tô precisando extravasar, quando eu tô com muita energia acumulada eu vou lá e coloco System Slipknot aí eu extravaso. Lara- também Slipknot! Lívia- é que eu gosto de música pra dançar. Taís- Quando eu tô muito revoltada eu escuto e saio invocando lá sei lá o que. Lara- tu invoca o demônio. Taís- eu invoco o demônio no meu quarto, mas tipo eu extravaso! Aí agora como eu tô numa fase mais relax aí eu tô ouvindo Magic, tô ouvindo Armandinho, tô ouvindo Natiruts, eu tô numa fase bem zen. Eu- é depende tudo do momento que a gente tá né. Taís- tipo depois que eu fui influenciada no show do Magic. Lívia- é que não dá pra ti dançar e eu adoro dançar, movimento pra mim é tudo. Lara- eu gosto até de reggaeton. Lívia- eu fiz dança de salão. Eu- a tu gosta de dança de salão? É legal né! Falando isso, mais do estilo assim do tempo livre de vocês é isso que

vocês fazem? Escutar música? Taís- música, agora eu comecei a ir em show. Lara- eu vou no show do Pearl Jam sora. Taís- o Mi acho que eu vou pilhar de ir contigo! Lara- vamos comigo! A minha chefe lá que pilhou! Eu- mas além de bandas, de show vocês fazem mais alguma coisa no tempo livre de vocês? Taís- ler, ir no cinema. Lara- eu vou pra Arambaré! Taís- eu amo ir em livraria. Eu- cinema? Lívia- cinema tá muito caro! Taís- agora a Saraiva abriu o espaço café no Praia de Belas, aí tá lá a Taís lá tomando cafezinho. Eu- sério, cheiro de livro é muito bom! Lara- aham! Primeira coisa pegu livro abre. Muito bom é muito bom cheiro de livro novo né? Taís- é a melhor coisa que tem! Lara- eu vou pra Saraiva só pra isso. Eu- é só a Taís que gosta de cinema e livro? Lara- eu gosto de cinema! Lívia- eu leio todo dia então porque tô estudando, é pré-vestibular não adianta. Lara- eu só não saio muito por causa dessas coisas de pré-vestibular, mas eu saio. Eu- mas se vocês saíssem mais é isso que vocês fariam, tipo ir pra show? Taís- show, cinema, livraria, parque. Lívia- eu não gosto de rotina, eu gosto de coisas diferentes, uma exposição, teatro. Lara- meu sonho ainda é encher a cara na Acb e ficar lá. Taís- o meu sonho é conseguir até o final do ano fazer rapel no V13, depois que eu fiz rafting eu fiquei vida louca, aí eu vi que o V13 é perto da casa da minha vó e eu quero fazer rapel no V13! Lara- eu gosto de patins, eu acho tão bonito patins! Lívia- eu só caia! Lara- só que tipo eu não sei andar, mas eu acho lindo! Taís- eu queria saber andar de skate. Lara- tipo patinação no gelo, eu acho aquilo muito bonito! Taís- a gente podia marcar de quando abrir aquele espaço de patinação no shopping no inverno da gente ir a gente cai juntas. Eu- e praça alguma coisa assim tipo? Praças vocês saem? Taís- parque. Lívia- eu vou pra namorar (risos) Lara- redenção conta? Taís- é gasômetro. Lara- eu prefiro hoje em dia o gasômetro do que a redenção. Eu- mas normalmente nos finais de semana vocês saem direto? Elas- não! Lívia- eu tô saindo. Taís- como pai vê a minha tia só uma vez por semana a gente geralmente tá indo todo final de semana na minha tia no sítio dela, aí eu fico lá na natureza. Eu- tu também Lara? Lara- eu fico em casa. Eu- e tu Lívia? Lívia- não, normalmente eu saio. Eu- vai pra barzinho? Lívia- não, depende. Eu- depende do que tiver? Lívia- depende da companhia, depende do que a pessoa gosta. Eu- aí vocês decidem aonde vão. Lívia- é! Tipo esse final de semana agora eu fui pro shopping, final de semana passado eu tinha ido num parque. Taís- tem aquele amigo que gosta mais de sair ao ar livre, ou aquele que gosta mais de ir no shopping, aí vai revezando entra num acordo. Eu- muito bem! Com relação ao estudo então é só vestibular que vocês

estão focadas? Lara- não! No Enem, agora a gente vai entrar pra dois concursos Bannisul e do Clínicas que a gente tá estudando. Lívia- é a gente tá estudando! Lara- a gente tá estudando! Eu- pra concurso, vestibular e Enem basicamente né? Lívia- é o jeito né! Lara- a gente quase morre né. (Burburinhos) Taís- eu tô pensando em fazer um curso de inglês, começar já logo porque a minha irmã tá toda hora viajando e parece que ela vai se mudar, ela vai pra Austrália e pro Canadá e aí tipo eu tô querendo me mandar junto com ela. Lara- rica! Taís- rica não né por que eu vou ter que me bancar. Lara- manda meu whatsapp pra ele, vai ter homem rico lá. Eu- estamos acabando já! mas tá bem legal a nossa conversa, eu gostei bastante! E vocês costumam a cuidar tipo do corpo, fazer academia, caminhar, fazer dieta? Lívia- eu queria cuidar mais! Lara- eu queria cuidar mais também! Eu- tá, vocês não cuidam então? Taís- não eu cuido! Eu- como que tu cuida? Taís- faço, me centralizo lá na meditação, quando eu vejo que eu tô muito, num momento que tá nossa Taís tu tá demais, aí eu pego faço uns exercícios de pilates em casa, mas a minha mãe tá começando a me pilhar da gente fazer yoga ou dança. Lívia- dança é muito bom! Taís- tipo ela quer fazer zumba. Lívia- bah zumba é pra ti (burburinhos) Taís- eu não levo jeito pra dançar. Lara- a minha primeira música que eu dancei de zumba foi bailando e me apaixonei! Eu- é bem legal! Lara- meu professor berrava e eu atrás dele ainda! Eu acho bem legal! Lívia- eu se eu for voltar a fazer alguma coisa vai ser dança. Eu- mas no momento tu não tá fazendo nada que cuide do corpo? Lívia- eu só. Eu- mas tu já falou que cuida pra não comer fritura, já é uma forma de cuidar. Lívia- a sim! A alimentação eu não extrapolo. Eu- só não faz nenhuma atividade fora isso. Lívia- eu só ando de bicicleta, bicicleta eu ando bastante. É o mínimo que eu posso fazer pra me cuidar. Taís- eu não como tanto doce eu reduzi meus doces, tipo eu não consigo mais comer doce, tô me achando muito estranha. Lívia- uma barra de chocolate pra mim dura três semanas. Taís- bah! Comigo não dura nem um minuto! (Risos) Lara- eu sou assim, se eu como um salgado eu tenho que comer um doce, vem aquele desejo. Então depois do almoço meu Deus! Eu- Deus o livre de não comer doce! Taís- se tem uma pizza e um pote de sorvete eu vou na pizza. Lívia- eu sou mais do salgado! Lara- depende do dia. Se for no verão eu como sorvete. (Risos) Lívia- a sim né. Taís- tipo que nem a loca que eu fiz com meu pai há três semanas atrás a gente foi no mercado eu fiz ele comprar quatorze potes de sorvete. Lívia- que? Por que quatorze? Lara- é meu salário miga! (Risos da Taís) Taís- por que estava rolando lá uma promoção não sei do que da Nestlé, pai, era

domingo. Lívia- é agora ou nunca! Taís- pai vamos! Tá eu podia comparar pouco e eu aham aí a gente chegou lá e eu fui enchendo o carrinho, eu enchi o carrinho só de sorvete. (Risos) Lara- é aquele pequenininho? Taís- aqueles tablito, romeu e julieta. Lara- os mais caros da vida. Taís- diamante negro, chicabom. Lara- partiu casa da Taís. Taís- aquele sensação. Lara- eu sou mão de vaca pra comprar um imagina quatorze. Lívia- bah que horror! (Risos da Taís) Taís- eu fiz isso e meu pai comprou tri de boa ainda. Lara- se você meu pai meu Deus tu só me dá desfalque, vou te trocar por um saco de arroz. (Risos da Lívia) Lara- ele fala isso, se eu te trocar por um saco de feijão sai mais barato! Taís- o meu pai era mão fechada, mas de uns tempos pra cá ele começou abrir a mão. Eu- aproveitou né! E tu Lara? Lara- eu o que? Eu- tu fazia academia né, não faz mais? Lara- fazia, eu pretendo voltar. Eu- só se voltarem a pagar pra ti. Lara- é! Meu pai. Taís- meu pai paga sorvete! (Risos) Eu- mas olha ali já tá tomando, como é mesmo o trinta ervas. Lara- o trinta ervas, é muito bom esse chá gente recomendo, mas o de chá verde com maracujá é melhor ainda! Eu- de o que? Lara- chá verde com Maracujá! Muito bom, dorme na hora assim. Taís- eu já tenho sono demais. Eu- pra gente que é ansioso então deve ser uma maravilha! Lívia- tem filho sora? Eu- não, ainda não! Pretendo ter aqui de uns cinco anos mais ou menos. Taís- tu tem quantos anos sora? Eu- quantos anos tu acha que eu tenho? Lara- ela falou aquele dia vinte e sete. Eu- é eu falei não vale! Lívia- vinte e sete? Eu ia falar isso. Eu- diz o professor José, mas tu tá conservada no álcool! (Risos de todas). Ahn, pra fechar então o nosso grupo a última pergunta que eu acho que vocês já responderam pra mim, mas eu vou lançar ela de novo, é se na opinião de vocês as aulas de Educação Física trabalham de alguma forma com esse tema corpo, representações de corpo, se as aulas de vocês da Educação Física trabalham isso? Taís- depende! Eu- num geral vocês não precisam falar desse último ano, as aulas de Educação Física que vocês já tiveram. Lara- se jogar vôlei e peteca é. Lívia- mas tu quis dizer modelo de corpo? Eu- é na verdade é assim ó se de alguma forma esses temas que a gente tem conversado nas últimas aulas em algum momento já foram trabalhados, apareceram. Pelo que vocês me falaram é basicamente o vôlei que vocês fazem. Elas- é! Eu- e nos outros anos também? Taís- é vôlei, futebol. Lara- acho que quando a gente mudou de rotina foi quando os estagiários, vocês vieram, esse ano que foi o pilates que a gente aprendeu e foi bem legal e agora o yoga. Por que tipo veio um estagiário o ano passado, mas trocou. Taís- o Samuca, a gente ficou umas três aulas com ele. Eu-

mas então esses temas surgem mais quando os estagiários vêm, aí quando volta o professor normal. Lara- é que o sor dá só um alongamento básico. Lara- ele não apresenta muito os temas pra nós. Taís- eu acho tipo que os professores de Educação Física quando estão há muito tempo no ensino médio eles já começam a ficar desmotivados a querer motivar os alunos a fazer alguma coisa, aí tipo o sor João só quer jogar tipo larga a bola de vôlei dá um básico alongamento e tipo é vocês que se virem façam alguma coisa. Eu acho que os professores já tinham que vir com essa energia de todo ano estar querendo motivar os alunos a fazer alguma coisa, tipo vocês. Lívia- já acomodaram na profissão. Taís- já deu uma mudada geral em pouco tempo na gente. Fez a gente a pensar totalmente diferente sobre a relação com o corpo. Lara- é verdade! Taís- e os professores que tem todo esse tempo, três anos com a gente não acabam fazendo nada. Acabam se acomodando. Lívia- os que estão começando agora no estágio vêm mais com gás e aí a gente acaba se beneficiando com eles. Eu- e o legal também é vocês estarem abertas a isso né, por que querendo ou não como tu falou, a já fez uma baita diferença e pra gente isso é muito importante, porque qualquer coisa que a gente possa produzir em vocês alguma coisa positiva, que vocês possam levar pra vida de vocês tá excelente! É isso aí o objetivo. Taís- é isso que os professores tinham que ter hoje em dia tipo motivação de querer motivar os alunos. Porque eles acabam entrando na zona de conforto deles e a gente entra na nossa zona de conforto. E aí cada um tipo, a vou largar a bola e vocês ganharam presença e ganham nota boa. Eu- ok e deu e tá tudo certo. Lara- e quando não ganham chegam aqui o sor que que o sor manda fazer? Faz nada! Taís- é tipo. Lara- Joga um volezinho aí! Taís- ou tipo a gente com o Pedro a gente só sentava e conversava, tipo era legal era tipo a gente não estava a fim de fazer, mas tipo se o professor nos motivasse toda aula com algum tema diferente, com algum assunto ou todo dia chegasse com uma animação própria a gente ia se motivar, ter uma animação. Tipo eu nunca pensei que eu fosse curtir dois períodos de Educação Física e ainda pedir pra ter mais. Eu- que maravilha! A revolução diz a Lara! Lara- tá fazendo a revolução sora! Lívia- que bom né! Eu- a gente fechou aqui mais ou menos as questões, a, só deixa eu perguntar pra vocês, vocês tem aquele esquema seminário integrado não sei o que não sei o que? Elas- sim! Eu- e nesses seminários vocês trabalham alguma coisa de corpo? Elas- não! Lara- nada! Taís- nadinha! Lara- A gente só fica sentada na frente do computador. Taís- a professora só tá querendo que a gente faça um tal de um

trabalho que é pro dia onze de novembro. Lívia- na verdade tá uma coisa assim bem robótica senta escreve e entrega. Taís- senta faz três parágrafos e entrega! Eu- e nas outras aulas, tipo sei lá uma biologia da vida, também nunca teve nada assim dessa questão de lançar questão de preconceito de corpo. Elas- não! Eu- nada? Taís- a Maria nunca estimulou isso ela só dava planta pra gente. Lara- e falava de Enem Taís- é, e agora essa daí só quer falar de genética e reprodução, só isso. Eu- entendi! É que são temas que poderiam entrar transversais né e poderiam entrar nessas aulas pra fazer grande grupo de debate e talvez até aqueles meninos que. Lívia- os assuntos não são tão diversos assim. Eu- é? E talvez até aqueles meninos que não tem uma visão assim diferente de como a gente está tendo aqui pudessem né perceber o quanto equivocados eles estão né fazendo isso. Lívia- é quando eles saírem daqui e forem trabalhar. Eu- aí sim né. Lívia- aí eles vão ver que o ambiente é diferente. Lara- é que estágio, estágio tu tá estudando e tem aquele emprego, só que assim ó depois que acaba o estágio é tua vidinha, acabou a vida boa, e se tu não estudar, se tu não conseguir alguma coisa agora tu vai ter que trabalhar, se por muita sorte tu conseguir um emprego legal ou emprego bom, ou emprego ruim que seria mercado essas coisas. Lívia- ou vender Avon. Taís- é, vai vender Natura, Jequití. Lívia- Macdonalds. Lara- e a gente sabe, a gente convive ali na sala e a gente sabe quem é os que estudam e quem não é quem não quer nada com nada. Eu- e na verdade assim ó gurias eu não sei se vocês concordam comigo, mas é muito assim de cada um né. Elas- é! Eu- de correr atrás. Lívia- é verdade! Taís- tipo se tu quer tu tem que correr atrás, não vai cair do céu pra ti. Eu- é! O professor ele claro ele tem um papel muito importante, porque ele pode intermediar isso né. Taís- ele vai te guiar no melhor caminho. Eu- exato! Taís- no possível dele! Eu- Mas exato, não vai fazer milagre. Gurias, muito muito obrigada! Taís- a gente que agradece. Eu- espero que também vocês tenham gostado da nossa conversa. Lara- adoramos! Taís- adoramos! Lívia- a gente gostou bastante! Eu- rimos bastante também né. Taís- muito divertido! Eu- quero ver o quanto vou rir agora pra transcrever isso aqui. (Risos de todas) Vou rir demais, a Lara principalmente soltou cada pérola!

APÊNDICE E- UNIDADES DE SIGNIFICADO DO GRUPO DE DISCUSSÃO

- Compreender o que pensam estudantes de Ensino Médio acerca do corpo;
 1. - Valorização do corpo como ele é.
 2. - Desejo em mudar algo no corpo.
 3. - A vontade em realizar procedimento estético aparece entre as meninas.
 4. - A preocupação com o corpo aparece relacionada com a saúde.
 5. - Se está tudo bem com a saúde não tem por que eu me sentir mal.
 6. - Preocupação com a alimentação apresentada pelas meninas.
 7. - Emagrecer para ter mais saúde.
 8. - Imposição das pessoas e da família para emagrecer.
 9. - Já colocaram a saúde em risco devido às dietas.
 - 10.- Relatam preconceito dos colegas com relação ao peso e cor da pele.
 - 11.- Preconceito com o corpo.
 - 12.- Não toleram preconceito.
 - 13.- O preconceito não afeta a autoestima de uma das meninas, mas ela não expõe o corpo.
 - 14.- Meninos expõem o corpo e a intimidade delas e isso as incomoda.
 - 15.- Apenas uma menina não deixou que falassem do seu corpo.
 - 16.- Falam sobre assuntos diversos, corpo não aparece na fala delas.
 - 17.- O corpo feminino valorizado é o magro, com bunda e peito.
 - 18.- Homens demonstram essa preferência principalmente quando não querem algo sério.

- Compreender que práticas escolares impactam e contribuem para o entendimento de estudantes do Ensino Médio no que diz respeito ao corpo;
 1. - Apresentaram interesse pelo grupo de discussão, bem como as aulas e conteúdos trabalhados.
 2. - Escola não tem trabalhado com a temática corpo.
 3. - Relatam falta de motivação dos professores.
 4. - Após as aulas já pensam diferente com relação ao corpo.
 5. - Seminários integrados, trabalho robotizado.
 6. - Aulas de biologia também não tratam da temática corpo.

- Identificar que cuidados e práticas jovens escolares de Ensino Médio têm privilegiado em relação ao corpo.

Cuidados alimentares

1. - Tomam chá e cuidam da alimentação.
2. - Evitam fritura, refrigerante.
3. - Família não colabora a se manterem cuidando da alimentação.
4. - Ficam pensando naquilo que irão comer.
5. - Doença (bulimia) relacionada ao mau cuidado do corpo.

Cuidados estéticos

6. - Valorizam e cuidam bastante do cabelo.
7. - Uma delas fez progressiva, mas tem dúvida se gosta mais do cabelo liso ou cacheado (usa os dois).
8. - O estilo de roupa é variado.
9. - Relacionam a roupa com a futura profissão.
- 10.- Versatilidade da roupa em mulheres.

Exercícios Físicos/ Lazer

- 11.- Buscam pela academia para emagrecer.
- 12.- No tempo livre não aparece a prática física de maneira direta, vão a shows, cinema, parque etc.
- 13.- Estilo musical variado, mas predomina o Rock.
- 14.- Gostam de sair da rotina (exposição, teatro, rapel, patins).
- 15.- Práticas como dança, yoga, academia, são as que aparecem como possíveis para serem feitas.
- 16.- Não apresentam interesse em conversar entre si sobre corpo.
- 17.- Gostariam de cuidar mais do corpo.
- 18.- A maior preocupação atualmente é com os estudos.

APÊNDICE F- FRAGMENTO DO DIÁRIO DE CAMPO

Diário de campo dia 16/09/2015

Após duas semanas em que estivemos afastados da escola, devido à greve dos professores em razão do parcelamento dos salários, nesse dia tivemos nossa primeira aula com a turma. Havia apenas quatro meninas, segundo elas o motivo pelo qual as colegas não vieram foi devido ao tempo, que estava chuvoso, bem como por serem períodos reduzidos, ou seja, as aulas terminam às 10 horas da manhã. Mesmo os professores voltando à escola os períodos ainda estão reduzidos. Nosso planejamento para essa aula foi: fazermos inicialmente uma breve apresentação nossa para após conhecermos melhor as alunas, logo após apresentar os conteúdos e por fim aplicar um questionário inicial para compreender melhor o que as alunas pensam sobre saúde e quais as suas expectativas com o estágio. A aula correu dentro do que fora planejado, as minhas primeiras impressões foram positivas, pois as gurias se mostraram interessadas na temática que apresentamos que será yoga, meditação e cuidados com o corpo, bem como se mostraram abertas para a realização do meu TCC (trabalho de conclusão de curso). Eu estava bastante ansiosa com relação ao estágio, bem como com relação à realização do meu TCC, na verdade ainda estou, pois em razão da greve o nosso estágio acabou sendo comprometido, até já estava conversando com o professor Elisandro, meu orientador, sobre a possibilidade de procurarmos outra escola. Agora que conseguimos retornar, o desafio será nas onze aulas que teremos com a turma produzir um bom trabalho. Com relação à turma, o que mais me chamou atenção é que as meninas são bem distintas, tem menina de diferentes biotipos, magra, gorda, tatuada, não tatuada, negras, brancas, enfim, acredito que essa diversidade é que irá dar “caldo” para o nosso trabalho, já que a temática corpo estará presente em todas as aulas. Falando um pouco mais sobre as meninas que estavam na aula, pedimos para que elas se apresentassem falando o seu nome, idade, se conhecem o yoga e a meditação e o que quisessem falar sobre si. A primeira aluna a falar foi a Elis, ela tem 17 anos, trabalha numa locadora, faz academia e curso de informática, além disso, ela disse que é “empregada doméstica”, pois na casa dela mora ela e mais cinco pessoas e ela quem tem que fazer os serviços domésticos. A Elis tem um estilo despojado, cabelo colorido, usa lábios pintados de vermelhos com *piercing* e se mostrou com uma personalidade forte, ela chegou um pouco atrasada e quando

ela entrou na sala eu dei um bom dia bem empolgado e ela me retribuiu com um bom dia nada simpático, as colegas até riram da situação. Com relação ao questionário, a Elis respondeu o seguinte nas questões:

1) Para você, qual é o conceito de saúde?

“Saúde é o nosso corpo, é a nossa alimentação, respiração, atividades físicas, nossa mente. Ter saúde é manter o corpo todo em harmonia, tudo em equilíbrio.”

2) Qual é a sua expectativa com o estágio?

“Bom, normalmente eu não sou chegada nos estágios, mas isso muda com o tempo, depende do estagiário e de como vai funcionar as suas aulas. Mas como vamos trabalhar com coisas bem diferentes, acho que vai ser bem interessante, e produtivo de certo modo.”

Agora falando um pouco sobre a aluna Lara, ela tem 17 anos, contou que fazia academia, mas devido a mãe estar doente e ela fazer estágio não teve mais tempo para ir, ela nos contou também que tem interesse em cursar psicologia. A Lara tem um olhar meigo, é muito carismática, demonstra sobrepeso, mas parece bem resolvida com seu corpo. Com relação as perguntas do questionário a Lara respondeu:

1) Para você, qual é o conceito de saúde?

“A saúde é ser saudável, estar de bem com o corpo, mente e com a vida e se sentir bem com você mesma, ter mais disposição para fazer as tarefas.”

2) Qual é a sua expectativa com o estágio?

“Vai ser muito interessante, pois a ideia para nós é nova e ganhar conhecimento de coisas novas é muito importante e pode ajudar bastante na nossa saúde.”

Já a aluna Taís que também possui 17 anos nos contou que tem interesse em fazer o curso de arquitetura, que não gosta de fazer academia, se mexer muito, e que já conhece um pouco sobre yoga devido uma familiar que morou na Índia. Ela diz que gosta da prática, pois ajuda a ficar “Zen”. Suas respostas do questionário foram:

1) Para você, qual é o conceito de saúde?

“Bem, saúde para mim é estar em equilíbrio com: corpo, mente e alma. A partir do momento que conseguimos isso tudo flui de outra forma no dia a dia. E também é estar bem consigo mesma... Para mim saúde não está

diretamente e/ou somente ligada á se você tem um corpo definido ou gordinho, tudo tem que estra conectado em equilíbrio.”

2) Qual é a sua expectativa com o estágio?

“Penso que vai ser ótimo, pois faz um tempo que não medito ou faço yoga e poder voltar a ver e lidar com isso vai ser uma boa experiência para o final do ano e também para a minha vida.”

Com relação a aluna Deise, ela possui 16 anos, disse não conhecer o yoga, pretende cursar medicina, faz curso pré-vestibular a tarde. Ela me pareceu ser um pouco tímida, mas ao mesmo tempo interessada e bastante receptiva. Suas respostas foram:

1) Para você, qual é o conceito de saúde?

“Conceito de saúde é viver gostando do próprio corpo, ter uma alimentação saudável, praticando adequadamente os esportes preferidos.”

2) Qual é a sua expectativa com o estágio?

“Que eu aprenda muitas coisas ao longo do trimestre. Ter muitas atividades relacionadas ao nosso corpo (bem estar). Não só eu que aprenda algum conceito, mas que os estagiários também aprendam com nós.”

Gostei bastante das respostas da turma, pois vão ao encontro com o conceito de saúde da OMS (Organização Mundial de Saúde) a qual define a saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de doenças". As minhas expectativas com o estágio, bem como com relação ao desenvolvimento do meu TCC são as melhores possíveis, pois a turma se mostrou bastante engajada na nossa proposta, o que garantirá a realização de um bom trabalho, no qual todos possam sair com maior conhecimento sobre os diversos assuntos que serão desenvolvidos em aula.

APÊNDICE G- UNIDADES DE SIGNIFICADO DOS DIÁRIOS DE CAMPO

- Compreender o que pensam estudantes de Ensino Médio acerca do corpo;
 1. - Turma bem heterogênea com relação ao corpo.
 2. - Respostas sobre saúde pertinentes, pois envolvem corpo e mente.

- Compreender que práticas escolares impactam e contribuem para o entendimento de estudantes do Ensino Médio no que diz respeito ao corpo;
 1. - Facebook uma ferramenta que aumentou nosso vínculo, demonstrações de afeto e agradecimento. Compartilhar conhecimento.
 2. - Processo atual que a escola passa (paralisações).
 3. - Ed. Física dividida por sexo.
 4. - Nunca tiveram contato com o yoga.
 5. - Professor de Educação Física pouco comprometido.
 6. - Receptividade das meninas com a nova temática.
 7. - Relação de alunos com estagiários.
 8. - Facilidade e identificação com as novas práticas.
 9. - Experiência transformadora, excelente retorno das estudantes.

- Identificar que cuidados e práticas jovens escolares de Ensino Médio têm privilegiado em relação ao corpo.
 1. - Respostas do questionário PEVI.
 2. - Interesse sobre alimentação.
 3. - Respostas sobre que cuidados privilegiam com relação ao corpo.